

COMÉRCIO VIRTUAL

Vendas digitais impulsionam pequenos negócios na Paraíba

Quase 80% dos microempreendedores no estado comercializam os produtos pela internet. **Páginas 17 e 18**



Foto: Jônatas R. Pereira/Divulgação

Pontes férreas são marcos na história do estado

Pelo menos 100 estruturas, como a Ponte Ingá, construída entre 1905 e 1907, resistem ao tempo. **Páginas 25 e 28**

Sem festas, vendas caem

Sem festa carnavalesca há dois anos por causa da pandemia, comerciantes sentem o impacto negativo nas vendas. Só o Folia de Rua movimentava cerca de R\$ 72 milhões a cada ano.

Páginas 5 e 6



Foto: Marcos Russo

A força do esporte

Conhecimento, dedicação e paixão pelo futebol fizeram Anderson Matheus superar as dificuldades e se transformar em referência como comentarista e produtor de conteúdo esportivo.

Página 21



Foto: Arquivo Pessoal

Uma década após a implementação, Lei de Cotas será revisada este ano

A Lei de Cotas, que responde por mais de 50% da inclusão de negros de escola pública nas universidades federais, passará por revisão no Congresso.

Página 15

■ “Não há revelação maior da estupidez humana do que a atitude de fazer guerra.”

Rui Leitão
Página 2

■ “Vivemos em uma época dramática, sistematicamente tomada por retrocessos sociais.”

Estevam Dedalus
Página 10

Presidente da Abio questiona lei

Ricardo Melo, presidente da Associação Brasileira de Imprensa Oficial, diz que publicações no Diário Oficial são mais seguras, e critica lei que altera norma.

Página 3



Foto: Divulgação/CEPE

Mudanças no clima já afetam ecossistemas no Litoral e Caatinga

Pesquisadores que estudam o meio ambiente na Paraíba apontam desertificação e ameaça a corais como impactos diretos das altas temperaturas.

Página 19



A terra da tapioca

Conhecida pelo comércio intenso e pelas delícias da culinária, Caldas Brandão também tem forte polo cerâmico que movimenta a economia. **Página 8**

Editorial

Renúncia e paciência

Hoje seria um dia especial para muitas pessoas em diversas cidades e áreas da geografia rural do país. Domingo de Carnaval. Há pouco tempo, império da descontração e da criatividade. Foliões anônimos andariam pelas cidades, protagonizando cenas surrealistas. Outros engrossariam o coro de blocos e escolas de samba, na grande festa de sua majestade Momo.

Ocorre que o Brasil sofre as consequências de uma crise sanitária sem precedentes na história recente: a pandemia de coronavírus. Milhares de pessoas morreram. Hospitais hospedam milhares de pessoas, sem contar as que adoeceram de Covid-19, mas permaneceram em casa, por não apresentarem quadros sintomáticos de maior gravidade.

Governos estaduais e municipais, preocupados com a saúde de suas respectivas populações, adotaram medidas preventivas, a exemplo da suspensão do ponto facultativo nos dias úteis do calendário momesco, para evitar que pessoas se aglomerem nos espaços públicos, favorecendo a disseminação do coronavírus e suas variantes. Todo cuidado ainda é pouco.

A realidade mostra que não é pequeno o número de pessoas que não respeitam as regras sanitárias. Não tomam vacina, saem às ruas sem usar máscaras e reúnem-se em grupos, contribuindo para o adiamento do fim da pandemia. Sendo assim, o poder público precisa estabelecer normas, para que o contágio de Covid-19 não seja favorecido pela displicência.

Há os insatisfeitos com tais medidas, claro. Mas é bom salientar que também existe uma multidão espalhada pelo país que tem consciência da necessidade de se adotar medidas restritivas.

Reconhece que a pandemia terminará mais cedo caso todos entendam que usar máscaras, tomar vacina e evitar aglomerações são as atitudes corretas contra a Covid-19.

A vida mudou, pelo menos enquanto durar a pandemia. Insistir em repetir o passado, como se nada tivesse acontecendo, depõe contra a razão. É tempo de renúncia, de paciência, de solidariedade, de procurar adaptar-se à nova conjuntura. O mundo pode viver um pesadelo ainda pior que a pandemia, basta observar o que acontece, hoje, na Ucrânia.

Artigo

Perfídia dos santos

“Dizem que aquele som que se ouve nos filmes de guerra, em pleno combate, é Glenn Miller e sua orquestra tocando no front.

A glória cobra tributo na forma de azar. Foi assim com Glenn Miller (Alton Glenn Miller, 01/03/1904, 15/12/1944): pereceu num acidente aéreo sobre o Canal da Mancha. Por muito tempo ignorou-se as causas do acidente, enfim reveladas: um grupo de cerca de 100 bombardeiros Lancaster da RAF retornava para a Inglaterra e soltou as bombas que não tinha despejado na Alemanha. Era vedado às tripulações pousarem com seus aviões carregados de bombas – conforme revelou Fred Shaw, navegador de um dos aviões que fazia parte da missão abortada. O avião em que Glenn Miller voava de Twinnwood a Paris (um Noorduyn Norseman, do exército dos EUA) passava em baixo do grupo amigo, e foi atingido pelas bombas dispensadas. Fire friend.

Nunca ninguém achou sequer um pedaço do avião, de seus tripulantes e passageiros. Naquele tempo não havia caixa-preta. Faltavam menos de cinco meses para o término da guerra, mas as normas de Miller não esperaram e levaram o grande trombonista, compositor, arranjador e bandleader. Ia completar 40 anos. Durante a guerra, Miller se apresentava com sua orquestra tocando para as tropas em repouso. Gaiatos dizem que aquele som que se ouve nos filmes de guerra, em pleno combate, é Glenn Miller e sua orquestra tocando no front.

Nove anos antes havia morrido Carlos Gardel, em 24 de junho de 1935, num desastre aéreo em Medellín, na Colômbia, em que o cantor pereceu com toda sua banda e seu parceiro Fernando Le Pera – brasileiro do bairro do Bexiga, São Paulo, de onde teria ido para Buenos Aires aos dois anos de idade. O nascimento de Gardel (Charles Romuald Gardès) é controverso. Alguns biógrafos dizem que ele nasceu no Uruguai, em Tacuarembó, filho do chefe político Carlos Escayola e da menor Maria Lelia Oliva, de 13 anos. Mãe e filho teriam ido para Buenos Aires quando Gardel tinha dois anos,

como seu futuro parceiro Le Pera. Outros dizem que Gardel nasceu em Toulouse, filho de Berthe Gardès e de pai desconhecido, e teria ido para Buenos Aires aos dois anos, como Lepera.

O cantor e compositor morreu no auge da glória. No entanto, seu maior sucesso – El día que me quieras – é inspirado nos versos do poeta e romancista mexicano Amado Nervo (João Crisóstomo Ruiz de Nervo), nascido em Nayarit, México, aos 27 de agosto de 1870, e falecido em Montevidéu, Uruguai, aos 24 de maio de 1919. Gardel comprou os direitos autorais à família de Amado, que já era falecido, e Le Pera deu o toque final à peça, sucesso até hoje.

O Brasil, pátria de Le Pera, ainda perdeu outros músicos em trágicos acidentes. Comoveu o país a morte de Francisco Alves (Chico Viola), em 27 de setembro de 1952, aos 54 anos, em acidente de automóvel, atingido por um caminhão que entrou na contramão. Filho de portugueses, Chico Viola foi o mais popular dos cantores brasileiros.

Com a carreira em plena ascensão, morreu todo o grupo das Mamonas Assassinas – quando o avião em que viajavam chocou-se contra um morro, matando todos os tripulantes e passageiros. Ainda hoje não se sabe a causa do acidente. O grupo estava de viagem marcada para Portugal, aonde ia se apresentar, quando ocorreu o acidente.

Agostinho dos Santos foi um cantor brasileiro de projeção internacional. Morreu num acidente aéreo, em 11 de julho de 1973, a um quilômetro do aeroporto de Orly, na França, quando morreram também a atriz Regina Léclery, o iatista Jorge Brüder e o senador Filinto Müller – que foi chefe do Dops durante a ditadura de Getúlio, quando torturou e matou muita gente, e foi líder do governo no Senado durante a ditadura militar de 1964-1988. Ao todo, foram 123 mortos no voo 820 da Varig. Somente um passageiro e dez tripulantes sobreviveram. O baixo astral de Filinto contaminou a todos.

Você conhece “Perfídia”, na voz de Agostinho dos Santos? Acesse!

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Foto Legenda



Combate ao caramujo africano

Ortilo Antônio

A União

Artigo

A guerra

Não há revelação maior da estupidez humana do que a atitude de fazer guerra. Esse instinto beligerante da raça humana vem desde o princípio da história das civilizações. É o império da brutalidade que domina os sentimentos dos homens, na lógica da competitividade guerreira. Por tudo se encontra motivos para a luta armada: questões territoriais, fundamentos ideológicos, etnias, diferenças religiosas, ambição de poder e de força econômica, etc. A imbecilidade dos homens não tem limites quando se decidem entrar em guerra. Não gosto de homenagear os dirigentes políticos que produziram guerras e passaram para a história como heróis. Na verdade o heroísmo está nos que, forçados pelas circunstâncias, se submeteram a vontades políticas e perderam suas vidas em combates ou voltaram feridos. Esses são inocentes úteis, utilizados pela sanha da prepotência e insensibilidade dos que alimentam a cultura bélica para satisfazer interesses que nada têm a ver com o que deseja efetivamente a sociedade. Não consigo celebrar conquistas obtidas à custa de verdadeiras carnificinas. Abomino o estado de guerra. Não há quem me faça compreender a sua razão de existir. O ser humano nivela-se ao animal irracional quando encontra justificativas para a guerra. É o domínio da insanidade, da vocação para a truculência e a barbárie. A guerra, além de matar pessoas que nada têm a ver com suas causas, deixa cicatrizes irremovíveis no inconsciente coletivo. Os combatentes sequer sabem porque estão colocando em risco suas vidas. Matar indiscriminadamente em nome de ideais ou interesses políticos, é um crime inominável. Enquanto na humanidade se revelar esse impulso para a deflagração de guerras, estaremos nos afastando cada vez mais da consciência de necessidade da paz entre os homens, numa convivência fraterna e sem disputas alimentadas pelo desejo de uns parecerem superiores a outros. As atrocidades dos eventos bélicos estimulam a violência e, talvez por isso mesmo, vivamos um momento tão assustador no que diz respeito à insegurança social, onde a ação criminosa é banalizada, sem qualquer respeito à vida.

O pacto civilizatório firmado nas Conven-

“

Não consigo celebrar conquistas obtidas à custa de carnificinas

Rui Leitão

ções de Genebra, nos anos de 1864, 1906, 1929 e 1949, ratificado por 196 países, tentou impor limites na ação humana durante os conflitos armados. Sua aplicação deveria ser aplicada de forma universal. A perversidade das operações bélicas, porém, continua promovendo a banalização da violência. Como livrar, então, a humanidade da ameaça de guerras? Têm sido malsucedidos os esforços empreendidos nesse sentido. Os homens continuam alimentados pelas psicoses do ódio e da destruição. O instinto agressivo permanece fomentando esse espírito de beligerância. A maldição da guerra produz permanente sensação de inquietação e de medo.

Em carta endereçada a Albert Einstein, por Sigmund Freud, em 1934, encontramos a seguinte observação: “As guerras somente serão evitadas com certeza, se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central a que ser• conferido o direito de arbitrar todos os conflitos de interesses. Nisto estão envolvidos claramente dois requisitos distintos: criar uma instância suprema e dotá-la do necessário poder. Uma sem a outra seria inútil”. Lamentavelmente, não é isso que vemos acontecer. A humanidade vive em eternos conflitos bélicos. O instinto da morte prevalecendo.

O fantasma das guerras, grandes ou pequenas, ainda nos ronda. É hora de falarmos em paz e lutarmos por ela. Se todos conhecessem a paz, nenhum ser humano queria guerra.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda Santos
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRO E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

PONTO DE VISTA DA SEGURANÇA

“Publicar no Diário Oficial é o mais indicado”

Alerta é do jornalista Ricardo Melo, eleito para a presidência da Abio

O diretor de Produção e Edição da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), Ricardo Melo, foi eleito por unanimidade presidente da Associação Brasileira das Imprensas Oficiais (Abio) e exercerá o mandato até 2023, quando a entidade completará 80 anos de existência. Mineiro radicado em Pernambuco desde 1998, jornalista há 46 anos, com passagens por importantes veículos nacionais de imprensa, ele é um dos mais longevos integrantes da Abio – está há 14 anos

na Associação desde quando assumiu uma das diretorias da Cepe –, e, antes de ser eleito para a presidência, fazia parte do Conselho Fiscal da entidade há oito anos.

Na presidência, Ricardo Melo espera contribuir com ações que objetivem ampliar a visibilidade, no que diz respeito à atuação da Abio, hoje composta por 17 associados representativos de todas as regiões do país. Uma das principais pautas é a Lei 13.818/2019, em vigor desde 1º de janeiro de 2022, desobri-

gando empresas de sociedades anônimas a publicarem suas demonstrações financeiras nos Diários Oficiais. Essa mudança na norma impactará sensivelmente a arrecadação das imprensas oficiais.

A Abio ajuizou Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIM), questionando a nova regra, junto ao Supremo Tribunal Federal (STF). Confira os principais tópicos da entrevista de Ricardo Melo, publicada em informativo da Abio.



Ricardo Melo, diretor da Cepe

Questionamento da constitucionalidade da lei

Acredito que paira uma dúvida sobre a segurança jurídica de não mais publicar balanços financeiros no Diário Oficial e seguir o que sugere a lei, ao desobrigar empresas de sociedade anônima de fazer publicações nas imprensas oficiais. Ficaram algumas brechas, como o entendimento que se tem sobre o significado do termo “jornal de grande circulação”, que é, para mim, uma coisa vaga. O que é jornal de grande circulação? Jornal de grande circulação é jornal que é impresso? Aqui em Pernambuco, o jornal que se entende de grande circulação, pelos dados que se tinha do IVC (Instituto Veri-

ficador de Circulação), é um determinado jornal que não é mais impresso, só circula em formato digital. Como fica? Jornal de grande circulação é aquele produzido por uma empresa privada ou pode ser considerado jornal de grande circulação um Diário Oficial? O Diário Oficial de Pernambuco tem um número significativo de acessos diários, e que não é pequeno, comparativamente.

Constitucionalidade da lei

A Abio ingressou com uma ação no STF e estamos apelando para essa medida extrema, que é questionar a constitucionalidade da lei. A

ministra Cármen Lúcia ainda não tomou nenhuma decisão, o pedido está no nível de consulta. A lei já está em vigor desde janeiro deste ano e hoje é possível uma empresa de sociedade anônima esquecer que existe o Diário Oficial, escolher um jornal e publicar suas demonstrações financeiras. Não temos ainda uma avaliação precisa sobre o impacto que isso pode causar no volume de publicações de balanços empresariais nas imprensas oficiais. Existe uma certa insegurança por parte das empresas, é o que nos chega. São grandes empresas, regidas por seus estatutos que, suponho, ain-

da não foram revistos, tendo em vista o novo texto da lei. Até então, elas tinham de publicar os balanços nas imprensas oficiais e em jornais de grande circulação. Era assim o entendimento anterior. O texto da lei mudou para deixar apenas jornais de grande circulação e excluir as imprensas oficiais. Existe uma certa expectativa de que isso seja revertido, porque a rigor publicar no Diário Oficial é o mais indicado do ponto de vista da segurança. Jornal oficial não fecha, vai existir sempre, a não ser que mude completamente o conceito do que é imprensa oficial.

Queda de receita das imprensas oficiais

Certamente haverá uma grande queda de receita e isso é grave, porque desidrata as imprensas oficiais, que cumprem outros papéis, outras missões. Algumas têm gráficas e outras, como a Cepe, têm editoras, que são importantes do ponto de vista cultural, de fomentar, de criar condições para que autores publiquem suas obras, estimulando a cadeia de produção editorial. São Paulo é um bom exemplo de uma grande editora que serviu de referência para várias editoras oficiais. O Pará, por exemplo, está começando a montar uma estrutura mais robusta de produção editorial. Mas o mais importante é a questão da transparência. O risco que se corre é o de pulverização da informação oficial, legal, de interesse público. Onde procurar informações oficiais, ou mesmo privadas, mas de interesse público,

que deveriam estar tradicionalmente num veículo que publica documentos legais?

Segurança

O Diário Oficial garante transparência e perenidade da publicação. Hoje, se você quiser consultar um jornal do início do século passado, você vai no arquivo, tem o arquivo físico, que é um pouco mais complicado para a pesquisa, mas existe, está lá, encadernado. E muitas imprensas oficiais já estão digitalizando seus acervos. É o caso do Diário Oficial de Pernambuco, que permite a qualquer pessoa o acesso, via internet, a uma consulta fácil, rápida, universal e gratuita. A ministra Cármen Lúcia, por exemplo, é formada em Direito pela Universidade Católica de Minas Gerais. Eu suponho que quando ela passou no vestibular o resultado saiu e

foi publicado no Diário Oficial. As nomeações dela para várias instâncias do seu currículo estão registradas em órgãos oficiais, ela não vai procurar no jornal Estado de Minas. Ela sabe que no Diário Oficial encontrará, com certeza, a informação. Imagino que isso deve perpassar pelo entendimento de todas as pessoas.

Mudança

A mudança na lei (13.818/2019) foi motivada por uma visão mais liberal dos processos, em nome da desburocratização, da economia das empresas, com a alegação de que isso diminui custos. Uma visão equivocada, no meu entendimento. Até se poderia discutir a obrigatoriedade em outros termos, mas não tirar completamente da imprensa oficial a condição de publicadora de atos de nature-

za pública. Isso dificulta o acesso à informação, agride a cidadania. É certo que haverá um impacto grande nas receitas, se a situação não for revertida. As empresas que ainda imprimem jornais, precisam investir em equipamentos, maquinário, papel, insumos. Quanto aos veículos exclusivamente digitais, há um entendimento equivocado de que se você colocar na internet não tem gasto nenhum. É uma bobagem pensar assim, porque se tem de ter toda uma estrutura, uma base tecnológica para manter os dados guardados e guardados não só num local. É necessário manter uma base de dados redundante. Tudo isso também custa dinheiro. Há ainda a questão da segurança, de invasão de hacker, é todo um processo que exige investimento em tecnologia e o investimento não basta você fazer uma vez.

EPC

A Empresa Paraibana de Comunicação S.A. é responsável pela edição do Diário Oficial do Estado, do Jornal A União e mantém a Editora A União.

Nessa condição integra a Abio, instituição relevante que defende a democracia, estimula o mercado editorial e promove o livre acesso à informação de atos de interesse público, sejam oficiais ou privados, de forma gratuita e permanente. Naná Garcez – diretora-presidente da EPC e vice-presidente Nordeste da Abio.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

FREI ANASTÁCIO SOBRE LUCRO DE R\$ 106,7 BI DA PETROBRAS: “RETIRADO DO BOLSO DO POVO”

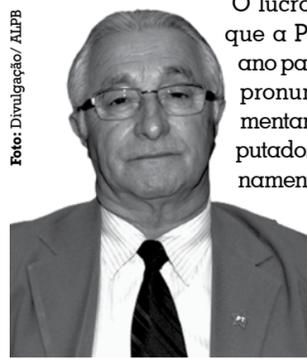


Foto: Divulgação/ALPB

O lucro de R\$ 106,7 bilhões que a Petrobras registrou no ano passado foi destaque nos pronunciamentos de parlamentares na Câmara dos Deputados. O principal questionamento que se faz é: por que os lucros bilionários da estatal não são revertidos a favor da população, servindo apenas para engordar a conta bancária

dos acionistas? “Esse é um lucro retirado do bolso sofrido do povo brasileiro e o governo Bolsonaro não faz nada, porque não quer desagradar os acionistas. Mesmo o povo sendo dono de mais de 50% das ações da Petrobras, por se tratar de uma empresa pública, o governo penaliza a população para distribuir lucro com acionistas”, critica o deputado federal Frei Anastácio (foto, do PT). A política de preços da Petrobras, vinculada à cotação do dólar, tem levado o preço dos combustíveis à estratosfera. “Enquanto a empresa anuncia aumentos constantes nos preços dos combustíveis, o poder aquisitivo do povo vai diminuindo. A Petrobras continua esbanjando lucro, e o povo se atolando na pobreza”, disse.

QUANTO RECEBEM OS ACIONISTAS?

A bancada do PT na Câmara Federal está se articulando para identificar quem são os acionistas que recebem os lucros milionários da Petrobras, enquanto a população fica sujeita aos preços exorbitantes dos combustíveis. O deputado Rogério Correia apresentou requerimento com tal objetivo: quer saber quem são os 50 principais acionistas e quanto cada um irá receber. “Os senhores vão ver que são os banqueiros que vão encher o bolso de dinheiro”, disse.

A REDUÇÃO DE PARTIDOS NA CÂMARA

A cláusula de barreira tem surtido efeito no que diz respeito à redução do número de siglas partidárias com representatividade na Câmara dos Deputados. Nas eleições de 2018, foram eleitos representantes de 30 partidos, mas por meio de fusões e incorporações, esse número caiu para 23. O exemplo mais recente se deu com a criação da União Brasil, que nasceu da fusão entre PSL e Democratas, que se tornou a maior bancada da casa, com 81 parlamentares.

FIM DO ‘FEDERALISMO PREDATÓRIO’?

A Câmara dos Deputados avançou na análise da proposta que visa proibir a União de criar despesas para estados, Distrito Federal e municípios sem definição de fontes orçamentárias. Esta semana, a comissão especial responsável pela avaliação da PEC 122/15 aprovou o mesmo texto da versão aprovada, em 2015, pelo Senado. A proposta quer acabar com ‘federalismo predatório’, em que o governo cria programas a serem executados por entes federativos sem a contrapartida em dinheiro.

DEBATE SOBRE USO DAS ÁGUAS PT: MAIORIA APOIA JOÃO

Presidente da Frente Parlamentar da Água e da Agricultura Familiar da ALPB, o deputado Jeová Campos (PSB) confirma à coluna que, no próximo dia 15 de março, ocorrerá um debate, em São José de Piranhas, sobre o uso águas do Eixo Norte da transposição. E ressalta que será um evento apartidário: “Essa causa não tem cor de partido. Lá não tem João, Veneziano, Pedro e nem outros. Lá, o debate será o que fazer com as águas da Transposição para melhorar as condições do povo sertanejo”. Ao avaliar a filiação de João Azevêdo ao PSB, no tocante ao contexto de apoio à pré-candidatura de Lula, Frei Anastácio informou o percentual majoritário de membros da direção do PT da Paraíba que estão apoiando a reeleição do governador: “João é um apoio de peso, que faz a diferença em nosso estado. Ele foi claro ao dizer que foi para o PSB por ser um partido de base de apoio a Lula. Esse é um dos motivos pelos quais eu e 72% dos membros do Diretório Estadual estamos com João”.

JANELA PARTIDÁRIA MUDARÁ AS COMPOSIÇÕES NA ALPB

Na próxima quinta-feira, será deflagrada a temporada de troca de partidos no país. Na chamada janela partidária, que se estende até o dia 1º de abril, deputados federais e estaduais poderão trocar de legenda sem correr o risco de perda de mandato por infidelidade partidária. Na Paraíba, especialmente na ALPB, deverá ocorrer mudanças significativa no PT, PSB, Avante, PSL, PTB e Cidadania. O Republicanos, que não tem representantes, ganhará logo dois: Raniery Paulino e Adriano Galdino.

Adoção do processo digital fez pauta crescer

Ao longo do tempo, nossa associação vem fazendo de três a quatro reuniões ao ano para discussão de temas comuns a todas as imprensas oficiais. Antes do processo de transformação do impresso para o digital, as discussões passavam por questões relativas à mídia impressa, técnicas de impressão, custo de papel, insumos. Depois da migração ou adoção do processo digital, a pauta cresceu, com predomínio das novas tecnologias na área da informação. Mas, a grande bandeira sempre foi o enfrentamento de movimentos

que se opõem ao papel fundamental das imprensas oficiais. Questionar a função e a importância dos jornais oficiais sempre foi um contrassenso. Essa é a grande luta.

Pernambuco na Abio

A Cepe, como empresa que publica o Diário Oficial, tem muitas atividades. Hoje, nós trabalhamos com digitalização, guarda de documentos, temos uma editora premiada, temos duas publicações periódicas (uma revista e um jornal) e estamos pensando em ampliar o leque de negócios da empresa. Tudo

80 anos da Abio

Para celebrar os 80 anos da Abio, criada em 19 maio de 1943, pretendemos lançar já neste ano uma campanha de esclarecimento público com o objetivo de reforçar o papel das imprensas oficiais enquanto veículos fundamentais para a transparência e para a democratização do acesso dos cidadãos aos temas de interesse público. É uma boa data.

Guilherme Benício, Advogado especialista em Direito Eleitoral

“As redes sociais são fundamentais no processo eleitoral moderno”



Propaganda antecipada nas redes é capaz de atrair muita ao pré-candidato, quando ele faz pedido explícito de voto

André Resende
 andreresendejornalismo@gmail.com

Em 2022 teremos mais uma eleição geral. O pleito eleitoral, no entanto, começa muito antes, sobretudo por parte dos partidos, que lançam suas plataformas de campanha e potencializam seus pré-candidatos. Porém, por vezes, algumas ações que partem de candidatos podem ser compreendidas como campanha eleitoral antecipada, o que é vedado pelas leis que regulamentam os pleitos.

O advogado especialista em Direito Eleitoral, Guilherme Benício, atenta que o zelo pelas regras do jogo democrático deve ser ainda maior por parte dos candidatos que desfrutaram de um mandato e que concorrem à reeleição. Ele explica que tanto a Constituição Federal, quando a Lei Federal 9.504/97, estabelece uma série de normas que devem ser seguidas para evitar que aquele político venha ferir os princípios da impessoalidade e da moralidade na administração pública.

“Toda e qualquer publicidade da administração deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos”, comentou. Recentemente, inclusive, o presidente da República, Jair Bolsonaro, teve uma decisão desfavorável na Justiça Federal que proibiu as redes sociais do governo brasileiro de mencionar diretamente a figura do presidente.

“As redes sociais são fundamentais no processo eleitoral moderno, porque além de apresentar os candidatos ao público, como os meios tradicionais fazem, as redes utilizam algoritmos, que se bem aproveitados por uma equipe capacitada, podem captar os votos dos eleitores de um segmento específico, através de mensagens ou postagens personalizadas para aquele eleitor”, acrescentou o advogado.

Confira a entrevista completa com o especialista em Direito Eleitoral abaixo. Entre os assuntos abordados estão o uso de veículos de comunicação oficiais de governo para fins de agenda política dos gestores, propaganda eleitoral antecipada, a prática de disseminação de informações falsas em campanha e a forma como os eleitores podem ajudar os poderes a fiscalizar práticas ilícitas.

A entrevista

■ *Qual foi o entendimento da Justiça Federal para proibir o uso das redes sociais oficiais do Governo Federal com postagens do presidente?*

A decisão do juízo da vara federal de Brasília se assenta no princípio da impessoalidade e da moralidade administrativa prevista no art. 37, Caput, da Constituição Federal, e também no parágrafo primeiro do mesmo artigo, que versa sobre as regras norteadoras da publicidade da administração pública. Toda e qualquer publicidade da administração deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos. Com base nessas previsões constitucionais, o juízo federal decidiu corretamente.

■ *Existe uma linha tênue entre usar canais oficiais para divulgar informações de interesse público e disseminar propaganda positiva do gestor. Qual é o limite?*

A separação dessa linha tênue é exatamente a regra da impessoalidade, da publicidade e aquelas previstas no parágrafo primeiro do art. 37 da Carta da República. Obviamente se a administração pública demonstra agilidade e eficiência na prestação de seus serviços a popu-

lação, ela ganhará o apoio da sociedade, e por consequência, o governante de plantão será beneficiado com um conceito positivo desta. Contudo, esse ganho de popularidade precisa ser natural, indireto e não estimulado artificialmente, sendo vedada a apresentação de nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.

■ *Estamos em ano eleitoral, o que é permitido por parte dos atuais gestores?*

O chefe do Poder Executivo e os parlamentares que possuem mandato podem concorrer à reeleição no cargo e realizar seus atos de campanha normalmente como qualquer outro candidato. Contudo, em virtude do exercício de mandatos eletivos, estes são submetidos a algumas restrições com a finalidade de separar o ser candidato do ser gestor público. Dessa forma, devem observar as condutas vedadas previstas no art. 73 e 77 da Lei 9.504/97, as quais podemos citar: a proibição de cessão ou uso, em benefício de candidato, partido político ou coligação, bens móveis ou imóveis pertencentes à administração direta ou indireta; impossibilidade de uso de materiais ou serviços custeados pelos Governos ou

Restrição

O chefe do Poder Executivo e os parlamentares podem sair candidatos, porém, são submetidos a algumas restrições

Casas Legislativas; impedimento do uso promocional em favor de candidato, partido político ou coligação, de distribuição gratuita de bens e serviços de caráter social custeados ou subvencionados pelo Poder Público.

Especificamente nos três meses que antecedem o pleito, a lei proíbe a realização de novas transferências voluntárias a outros entes da federação; autorização de publicidade institucional; e a inauguração de obra pública com a presença do mandatário.

Já àqueles que exercem cargos públicos, efetivos ou comissionados e não eletivos, devem se atentar aos prazos de desincompatibilização para disputar mandatos, que podem ser de três, quatro ou seis meses antes do pleito.

■ *Qual o poder e influência das redes sociais em ano eleitoral? De que forma as redes sociais afetam as eleições, o senhor pode explicar?*

As redes sociais são fundamentais no processo eleitoral moderno, porque além de apresentar os candidatos ao público, como os meios tradicionais fazem, as redes utilizam algoritmos, que se bem aproveitados por uma equipe capacitada, podem captar os votos dos eleitores de um segmento específico, através de mensagens ou postagens personalizadas para aquele eleitor.

Por exemplo, por meio da segmentação de impulsionamento, um candidato que defenda a causa animal consegue expor suas ideias para todos aqueles seguidores, que de alguma forma, por meio dos seus likes, apoiam a causa animal. Um candidato que defende bandeiras armamentistas, por meio de recursos disponibilizados pela própria plataforma, acaba encontrando outros que pensam da mesma forma.

Portanto, as redes sociais fazem com que as pessoas

acreditem que a visão de mundo delas é a predominante e cada vez mais possam buscar, ainda que de forma inconsciente, aqueles que tenham ideias parecidas com as suas, influenciando obviamente a escolha do voto.

Isso tem o seu lado bom, mas também possui um lado perigoso, porque cada vez mais pessoas acreditam em teorias conspiracionistas e negacionistas como a da terra plana, a que vacinas contra Covid-19 causam HIV, matam pessoas, incluem chips, entre outras coisas. Para entender melhor esse fenômeno deixo até como indicação, para os qualificados leitores, os documentários da Netflix: “Privacidade Hackeada” e o “Dilema das redes”.

■ *Quais são os aspectos ilegais do uso das redes sociais para campanha política? Algumas publicações podem ser consideradas campanha eleitoral antecipada?*

O art. 16-A da Lei das Eleições afirma que a propaganda antecipada capaz de atrair muita é aquela realizada por pré-candidato, antes do período eleitoral e que faz pedido explícito de voto. A lei não considera ilícita a menção a pretensa candidatura, a projetos de governo e críticas a adversários.

Um elemento que deve ser observado é o gasto pré-eleitoral. Só partidos políticos podem realizar gastos nesse momento e com o escopo de propaganda partidária. Aquele pré-candidato que está atualmente realizando gastos desproporcionais, poderá estar praticando abuso de poder político e econômico e, em última consequência, ser

alvo da cassação de registro ou até diploma, nos termos da jurisprudência do TSE.

■ *As fake news foram muito utilizadas nas campanhas eleitorais recentes. Quais os dispositivos legais que candidatos e eleitores dispõem para combater essa prática?*

Fake news ou informações falsas não são novidade nas campanhas eleitorais brasileiras. A primeira grande fake news documentada na história das eleições foi no pleito de 1945. A campanha do então candidato Eurico Gaspar Dutra, apoiado por Getúlio Vargas, atribuiu uma infeliz frase ao seu concorrente, Brigadeiro Eduardo Gomes, na qual ele afirmava não precisar dos votos dos “marmiteiros”, que eram os trabalhadores urbanos e rurais que comiam marmitas e parcela importante do eleitorado. Essa suposta declaração foi impressa em panfletos e espalhada por todos os lugares, oficinas, fábricas, fazendas. Isso gerou uma grande revolta nesses trabalhadores e certamente azeitou a campanha eleitoral de Dutra.

No Brasil contemporâneo, as eleições de 2018 foram marcadas por notícias falsas e informações distorcidas, espalhadas nas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp, contribuindo muito para a vitória eleitoral do atual presidente e seus candidatos aliados, sendo tal esquema desnudado no Inquérito das Fakes News, o qual tramita no STF sob a relatoria do Ministro Alexandre de Moraes.

As práticas de criar notícias falsas, difamar, injuriar e caluniar adversários são ilícitas e podem ser consideradas crimes, com a tipificação contida em diversos artigos do Código Eleitoral. Além disso, se ela for praticada dentro de um contexto sistemático, envolvendo grande quantidade de recursos e possuindo gravidade relevante, poderá ser enquadrada como abuso de poder político e econômico, atraindo a cassação do registro e do diploma do candidato através da AIJE, nos termos do art. 22 da Lei Complementar 64/90.

■ *Existe algum canal em que a população pode denunciar alguma irregularidade? Como devem proceder?*

O processo eleitoral deve ser vigiado por todos os atores sociais: candidatos, partidos políticos, Ministério Público Eleitoral, Justiça Eleitoral e principalmente pelo eleitor, que pode denunciar os ilícitos tanto ao Poder Judiciário quanto ao Ministério Público de modo fácil e rápido através do site desses órgãos.

Guilherme Benício

SEM CONFETE E SERPENTINA

Dois anos sem a folia do Carnaval

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Pelo segundo ano consecutivo, os adereços e fantasias dos integrantes dos blocos e agremiações carnavalescas ficarão guardados, porque o novo coronavírus, que provoca a Covid-19, ainda se dissemina pelas cidades do país e do mundo. Enquanto as autoridades públicas orientam, inclusive via decreto, a não realização do Carnaval, os dirigentes da Associação Folia de Rua e do Carnaval Tradição de João Pessoa reafirmam a decisão de suspender as brincadeiras nos bairros. A medida traz saúde aos foliões e impacto na economia.

O presidente da Associação Folia de Rua, Sérgio Nóbrega, declara que os mais de 40 blocos oficiais que a entidade reúne, e as centenas de blocos convidados, costumam movimentar cerca de R\$ 72 milhões a cada ano. Ele ressalta que a suspensão da festa nos bairros influencia na perda de renda de toda uma cadeia produtiva.

“Porque temos os nossos fornecedores, músicos, cantores, pessoas que vendem alimentos, as costureiras, os restaurantes e o próprio co-



Foto: Alessandro Potter/PMJP

Foto: Divulgação



“

O próprio comércio também fica aquecido quando os blocos saem nas ruas. São milhares de foliões que vão brincar e consumir no período”

Sérgio Nóbrega



Foto: Arquivo Pessoal

Carnavalesco Adilson Lucena

mércio também ficam aquecidos quando os blocos saem nas ruas. São milhares de foliões que vão brincar e consumir no período”, declara Sérgio Nóbrega.

Os ambulantes integram uma das categorias que mais passa dificuldade com a suspensão das festas nos bairros. “Porque o ambulante que trabalha em eventos públicos não pode migrar para a praia ou para o centro da cidade. Existe um controle, uma organização nesse sentido. Então, quem trabalha em eventos públicos é exclusivamente dessa área, e a perda com a pandemia é muito grande”, explica Márcia Medeiros, presidente da Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba.

Segundo ela, existem 400 ambulantes cadastrados na Prefeitura de João Pessoa

(PMJP) que costumam atuar no Carnaval, no São João, na Festa das Neves e no Réveillon na Grande João Pessoa. São os quatro momentos do ano bastante aguardados por esses trabalhadores.

Como essas comemorações têm sido canceladas por conta da pandemia, os ambulantes estão passando por sérios problemas financeiros. “Alguns seguiram outro caminho, outros estão em situação depressiva, passando fome. Teve gente que teve Covid-19 e não teve sequer alimentação adequada para se recuperar. Tentamos ajudar, mas a situação não é fácil”, revela.

Márcia Medeiros frisa que é compreensivo a preocupação dos gestores com a disseminação da Covid-19, mas questiona o fato de muitos eventos privados serem liberados e os públicos não. Ela conta que muitas mães deixavam os filhos na escola para poder trabalhar, e como a escola pública voltou de forma híbrida, por conta do vírus, até essa adaptação prejudica a reinserção desse pessoal no mercado.

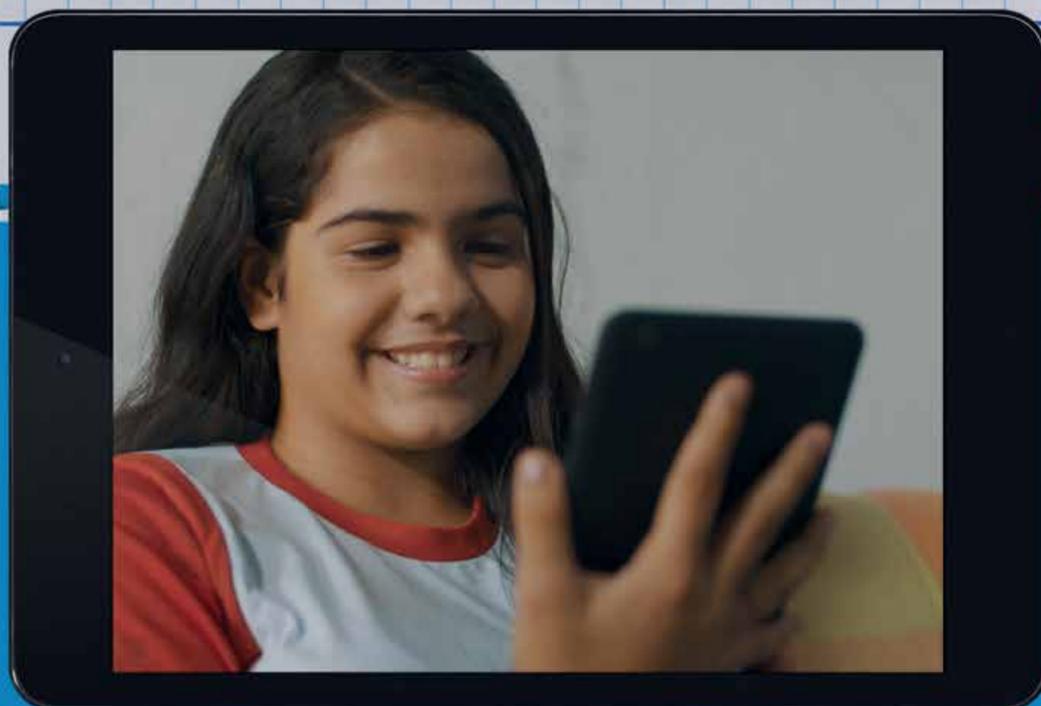
Em decreto divulgado no último dia 16, o Governo do Estado decidiu suspender o ponto facultativo nas repartições públicas estaduais nos dias 28 de fevereiro e nas

datas de 1º e 2 de março. A medida é para tentar conter a disseminação da Covid-19, e evitar mais aumento de internações por causa da doença. Em João Pessoa, porém, foi mantido o ponto facultativo nas repartições públicas municipais nessas mesmas datas.

Continua na página 6

EM JOÃO PESSOA, O LINK ENTRE PROFESSORES E ALUNOS ESTÁ CADA VEZ MAIS FORTE.

Com o programa Escola Conectada, a Prefeitura de João Pessoa investe na excelência do ensino, inovação e novas tecnologias. Agora, a interação entre alunos e professores acontece em casa e na sala de aula. Prefeitura de João Pessoa. Cidade que cuida do seu futuro.



13 MIL CHROMEBOOKS COM INTERNET PARA OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

MAIS DE 40 MIL TABLETS DISTRIBUÍDOS PARA OS ESTUDANTES

Continuação

“Mundo doente” e cuidados

Apesar da falta das comemorações carnavalescas nas ruas da cidade, há folião que está consciente da necessidade de adiar os festejos pelo segundo ano consecutivo. Um deles é Adilson Lucena, ou Palhaço Pipi. Somente no Bloco As Virgens de Tambaú, um dos mais irreverentes do Folia de Rua, ele participa há mais de 30 anos. Sem falar dos mais de 20 outros blocos que costuma brincar no período pré-carnavalesco de momo.

A cada edição, ele se destaca com fantasias criativas e exuberantes: ‘Pomba da Paz’, ‘Rainha das Copas’ e ‘Porquinha’ são apenas alguns exemplos de temas que ele adotou para montar o figurino e sair como destaque no carro abre-alas das Virgens de Tambaú em edições passadas.

Muitas histórias já se passaram

em meio aos desfiles, mas, há dois anos, a situação é bem diferente. “Sou um eterno folião e durante mais um ano não fomos para a rua. É uma tristeza, mas entendo o que estamos passando. O mundo está doente e precisamos nos cuidar”, avalia.

Diretor do bloco Agitada Gang, Adilson afirma que foi uma das pessoas que mais defendeu a não realização da saída dos blocos este ano, para evitar mais mortes e infecção pelo novo coronavírus. “As pessoas precisam se conscientizar e perceber que ainda não podemos aglomerar e ir para a rua brincar o Carnaval. Sei que todos estão com saudade, mas este não é o momento. Hoje não tem como garantir a saúde das pessoas em um bloco como As Virgens de Tambaú, que costuma levar mais de 400 mil foliões para a rua”.

Frustração e muito prejuízo

Formado por alas ursa, blocos de tribos indígenas, clubes de frevo e escolas de samba, o Carnaval Tradição também não vai desfilhar na Avenida Duarte da Silveira pelo segundo ano seguido. “O prejuízo é total”, destaca o secretário da Liga Carnavalesca de João Pessoa, Edson Pessoa.

De acordo com ele, muitos profissionais que atuam nos bastidores dos desfiles deixaram de ganhar dinheiro neste período de momo. E para ajudar esses trabalhadores, a prefeitura da capital deu uma ajuda financeira mensal aos integrantes das agremiações no ano passado.

“Este ano, estamos discutindo a possibilidade de a prefeitura nos dar um apoio financeiro para minimizar os prejuízos, porque, quan-

do foi cogitada a ideia de realizar o Carnaval no Espaço Cultural, o pessoal começou a investir e se organizar. Mas agora, com o cancelamento, ficaram só as perdas”, lamenta.

Sem aglomerações

Em troca do aporte financeiro, Edson conta que as agremiações ficariam à disposição da prefeitura para se apresentarem em qualquer outro evento, quando for liberado. Apesar das queixas, ele salienta que concorda que há a necessidade de se evitar aglomeração. “Entendemos que no nosso caso não há como evitar a aglomeração, fuge do controle. Não tiro a razão das autoridades, estamos no mesmo barco”.

Funjope aponta alternativas

O presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), Marcus Alves, afirma que está em constante diálogo com os dirigentes carnavalescos para estudar alternativas de renda para esse público. “A gente não cancela um evento e vira as costas para os grupos. Estamos analisando como podemos acolher algumas ideias de projetos que podem ser realizados ao longo do ano, como oficinas”.

Marcus Alves informa que cada associação carnavalesca está apresentando algumas ideias para serem colocadas em prática depois do período de momo. Mas, independentemente do cancelamento dos festejos nas ruas, as instituições carnavalescas, segundo ele, permanecem e podem realizar atividades no decorrer de 2022.

Para Marcus, há a esperança de que tudo seja diferente em 2023. “A decisão de cancelar o Carnaval é acertada, no sentido de evitar uma aglomeração, já que trata-se de uma festa massiva e, infelizmente, temos de passar por isso. Há a esperança de que, com o avanço da vacina e o controle da doença, possamos voltar a ter uma vida cultural normal em 2023”.

O correto

Shilon Gama, a do meio na foto ao lado, diz que nunca perdeu a alegria de brincar o Carnaval, mas reconhece que o momento é de afastamento social



Foto: Divulgação



Pelo segundo ano, as agremiações carnavalescas, clubes de frevo, tribos indígenas e alas ursa não vão para a avenida

Mostra de música será realizada no dia 1º

O vice-presidente da Associação Folia de Rua, Edilson Alves, diz que, para que fique o registro do período de momo na lembrança da população, vai ser realizada no dia 1º de março uma mostra de música. “Essa mostra será um convite para 10 artistas que participaram do nosso Festival de Marchinhas em anos anteriores”, explica.

Segundo ele, existe na Associação Folia de Rua um Festival de Marchinhas Carnavalescas que foi realizado durante oito anos e estava sem ocorrer recentemente por falta de recursos financeiros. A ideia é transmitir a mostra de música ao vivo, pelas redes sociais do Folia de Rua. “Estamos tentando fechar parceria com algumas tevês para fechar o ao vivo”.

A partir de março, a Associação Folia de Rua vai realizar assembleias para decidir, juntamente com a prefeitura, outras atividades que possam ocorrer ao longo de 2022. “Mas, como associação, vamos continuar respeitando a saúde do povo paraibano e do povo brasileiro”, salienta.

Mar e sossego

A presidente da Empresa Paraíba de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, afirma que o cancelamento dos desfiles dos grupos carnavalescos na capital ou das brincadeiras de momo no estado não interfere na presença de turistas. Ela explica que o visitante que escolhe João Pessoa ou a Paraíba como destino vem em busca de

sossego, sol e mar. “Ele não quer batucada, nem folia”.

Outro fato citado por Ruth é que o Folia de Rua tem uma característica muito local, e acontece antes do Carnaval, durante a semana. “Então, tradicionalmente, não atrai gente de São Paulo, de Minas e de outros estados. Vem um público muito pequeno, mas que não afeta o turismo”.

O impacto no turismo ocorreria, segundo ela, se todos os estados do país decidissem cancelar o feriado no Carnaval. “Aí influenciaria, porque a pessoa não poderia viajar, porque estaria trabalhando”. Quanto à economia como um todo, ela ressalta que há reflexos, porque os empreendedores e comerciantes deixam de ganhar dinheiro.

Foliã tenta driblar restrições no Carnaval

Aos 71 anos de idade, Shilon Gama revela que nunca perdeu a alegria de brincar o período de momo com os amigos pelas ruas da capital paraibana. Ela é presidente do Bloco da Melhor Idade, do Folia de Rua, que costumava, antes da pandemia, sair na segunda-feira dos festejos pré-carnavalescos e se encontrar com o bloco Muriçoquinhas, formado por crianças. “É um encontro de gerações”, ressalta. Com as brincadeiras suspensas devido ao novo coronavírus, ela confessa que a maior perda é a afetiva.

“Sentimos muita falta daquela aglomeração, de viver o momento com nossos amigos, da nossa diversão”, declara. Foliã há mais de 20 anos, ela ainda é presidente do bloco 25 Bichos, do Carnaval Tradição, e participa do Trem da Folia. E quem pensa que é muita agitação para Shilon, ela ainda costumava sair no bloco da Agitada Gang. “Nesse eu vou só para brincar, porque quem é presidente de bloco, fica muito na organização. No Agitada Gang eu vou para me esbaldar”, confessa.

E a cada ano de desfile, há toda uma preparação prévia para escolher o tema da festa, confeccionar as fantasias e comprar os adereços. A própria mobilização é motivo de alegria.

Mas nos últimos dois anos, com a pandemia de Covid-19, tudo isso ficou para trás, e a animação tem de ser curtida em casa, com pouca gente por perto. “Ontem mesmo coloquei umas músicas em casa e fiquei escutando. Mas não é a mesma coisa. A gente se pergunta, quando isso tudo vai terminar?”.



Donos de agências entendem que a única explicação para a ausência desse público é o medo da aglomeração por conta da pandemia, embora estejam ocorrendo oscilações nos números da Covid-19

CARNAVAL DA PAZ

Cai procura por eventos religiosos

Pacotes deveriam ter sido fechados desde janeiro, mas a procura não aconteceu conforme as expectativas

Lucilene Meireles
 lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A procura por agências de turismo para os eventos religiosos do Carnaval da Paz, realizado no município de Campina Grande, está em queda. A informação é dos proprietários de agências que costumam transportar os participantes, nesse período. Segundo eles, os pacotes deveriam ter sido fechados desde janeiro, mas a procura não aconteceu conforme as expectativas, o que surpreendeu o setor e, como a maioria dos eventos começa hoje, as esperanças agora ficam para o São João.

Giuliano Araújo, guia de turismo e proprietário da Quality Receptivo, relatou que tem uma experiência de 14 anos nesse tipo de deslocamento e, de fato, a falta de clientes chamou a atenção. "Até agora, não pegamos nenhuma viagem para os eventos de Campina Grande. Todo ano, temos muito bate e volta contratado para esses eventos, mas até agora não temos movimento. O turista nativo não está contratando as vans", constatou.

Ele acredita que a única explicação para a ausência desse público é o medo da aglomeração por conta da pandemia e, embora estejam ocorrendo oscilações nos números da Covid-19, esperava que houvesse procura. "Nossa expectativa de bate e volta ficou para o São João", lamentou.

O proprietário da agência Planeta Turismo, Antônio Pereira, confirmou que os clientes realmente não procuraram sua agência e nem de colegas do ramo. "A essa altura, já teríamos pacotes fechados desde janeiro, mas não estamos fazendo nada para o carnaval. Sempre houve procura, po-

rém, não tivemos nenhuma", afirmou.

Tony Planeta, como é mais conhecido, atua há 25 anos em vários segmentos do turismo e, segundo ele, nem mesmo os padres que procuram o serviço em busca de pacotes apareceram. Nos grupos de agentes que, inclusive, divulgam os eventos e negociam as viagens bate e volta, também não há movimentação voltada para o Carnaval da Paz. "Como esse tipo de evento é voltado para um público mais maduro, houve uma parada, provavelmente por conta da pandemia. Os mais jovens não têm essa preocupação, mas o destino deles são as praias. Vamos ver o que acontece até o São João", ponderou.

O presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagem na Paraíba (Abav-PB), Breno Mesquita, acredita que a procura é maior nos hotéis, por pessoas de fora do estado. "Mas, eu acredito num bate e volta significativo porque a estrada é muito boa", disse. A secretária municipal de Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas, avalia o Carnaval da Paz como o segundo maior pico de ocupação nos meios de hospedagem de Campina Grande.

Já a presidente da PBTur, Ruth Avelino, afirmou que o Carnaval da Paz, com vários eventos religiosos, sugere uma movimentação e, de fato, provoca ocupação na rede hoteleira de Campina Grande. "A rede estava sentindo muita falta disso, e a cidade tem esse perfil de turismo. Já não teve o São João durante dois anos, não teve Carnaval da Paz ano passado. Esse ano vai ter e vai movimentar", analisou. Sobre o bate e volta, Ruth afirmou que esse tipo de deslocamento não é acompanhado pela PBTur.

CG libera eventos, mas com limitação de público

A capacidade de público nos eventos do Carnaval da Paz será limitada em razão da Covid. De acordo com o Semanário Oficial de Campina Grande (14 a 18 de fevereiro), os encontros religiosos durante o período de Carnaval estão autorizados, mas os templos religiosos vão funcionar com 80% da capacidade máxima. A medida segue o Art. 5º do Decreto Estadual nº 42.229/2022, obedecendo todas as medidas sanitárias estabelecidas, além do uso de máscaras, distanciamento social e higienização das mãos com álcool gel ou álcool 70%.

Além disso, de 18 de fevereiro a 6 de março, é permitida a realização de eventos sociais e corporativos e demais eventos com ocupação de até 50% da capacidade do local.

A fiscalização do cumprimento das normas do decreto será feita pela Gerência de Vigilância Sanitária (Gevisa), Procon Municipal de Campi-

na Grande, Guarda Civil Municipal, Defesa Civil e Centro de Referência Regional em Saúde do Trabalhador (Cerest).

Em Campina, foi decretado ponto facultativo nas repartições públicas municipais nos dias 28 de fevereiro, 1º e 2 de março. Na quarta, o expediente começa às 13h.

Carnaval da Paz

Encontro da Consciência Cristã - O 24º Encontro para a Consciência Cristã acontece de 24 de fevereiro a 1º de março, no Parque do Povo. O Encontro é realizado pelos evangélicos e ocorre de forma presencial, seguindo todas as normas sanitárias.

Encontro da Nova Consciência - A 31ª edição do Encontro da Nova Consciência acontece de 24 de fevereiro a 2 de março. O evento será no formato on-line, transmitido pelo canal do YouTube - youtube.com/channel/UCcDk-C3PMSwfg1Niqb4awjxw.

MIEP

Para os espíritas, o encontro também será virtual. Os inscritos acompanham pelo Zoom e YouTube. <https://www.amecg.com.br/programacao>. Acampamento Verbo da Vida - O Acampamento Verbo da Vida 2022 acontece de 25 de fevereiro a 1º de março. A programação está no link verbodavida.org.br.

Crescer

Realizado pela Igreja Católica, o evento acontece de forma presencial. Um novo local, o Teatro Facisa, foi escolhido para o evento por oferecer mais espaço. A 25ª edição do Crescer acontece de 24 de fevereiro a 1º de março. Programação - <https://www.instagram.com/p/CaFpyXYv60j/>.

Quanto custa o bate e volta?

De van - saindo de João Pessoa, custa R\$ 80 individual.

De ônibus - custa R\$ 50 em ônibus de categoria turística, com pulseira de identificação e água a bordo.

Fonte: Agência Quality e Planeta Turismo.

REDE HOTELEIRA

Ocupação é de 80% durante o Carnaval

Sara Gomes
 saragomesreporter@gmail.com

A taxa de ocupação hoteleira da Paraíba é de 80% para o feriadão de Carnaval. A expectativa só não é melhor porque muitos estados são mercados emissores, como Pernambuco, cancelaram o feriado para evitar aglomerações, segundo informações da Empresa Paraibana de Turismo (PbTur). No Brejo paraibano e cidades conhecidas por seu potencial turístico, como Pedra da Boca e Cabaceiras, esses destinos também estão sendo bem procurados.

A presidente da PbTur, Ruth Avelino, informa que a ocupação antes da pandemia era 95%, mas diante da crise sofrida no turismo, a ocupação está razoável. "A maioria dos hotéis já estaria lotada. O público do carnaval de João Pessoa não é de folia pois as pessoas preferem descansar e veranejar na praia. Portanto, não há grandes mudanças em um contexto fora da pandemia", analisou. Ela enfatiza ainda que é possível curtir o feriado com responsabilidade, respeitando todos os protocolos sanitários. "Os hotéis, bares e restaurantes estão ado-

tando todos os protocolos de biossegurança e exigindo o passaporte vacinal. É importante que as pessoas viajem, tanto para relaxar como também para a economia local", aconselhou.

A sócia-proprietária do Hotel Fazenda Triunfo, Maria Júlia de Albuquerque, localizada em Areia, informa que o feriadão de Carnaval terá 90% da ocupação pois sempre se destacou por um feriado sem aglomeração. "As pessoas que escolhem Areia para passar o Carnaval, geralmente são famílias que querem relaxar e curtir um ambien-

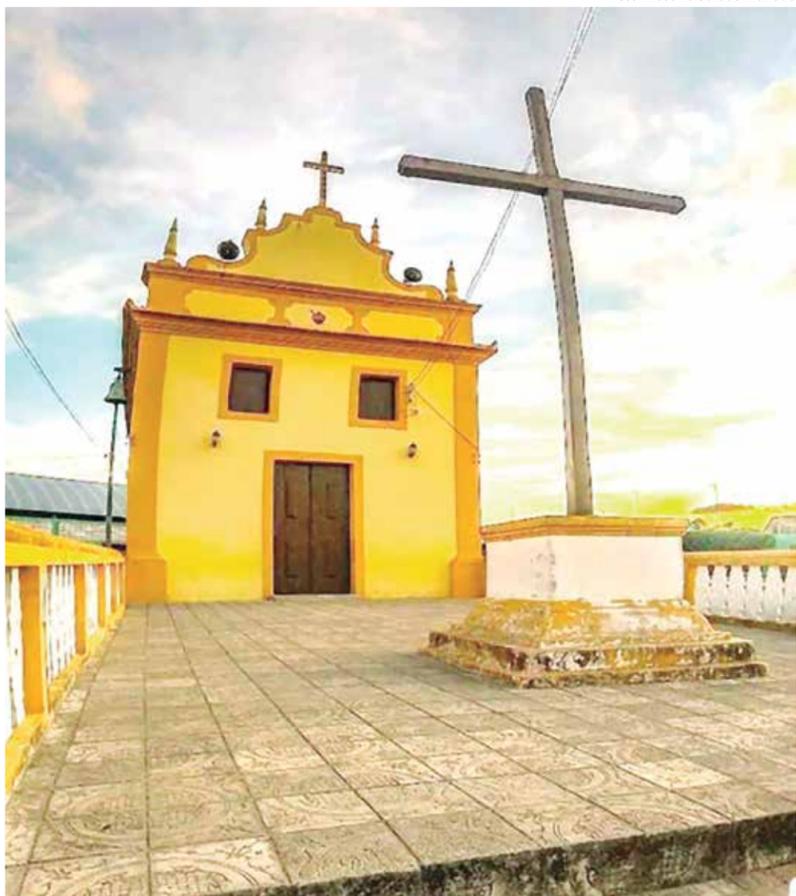
te aconchegante. Esse hotel está lotado, mas ainda existe algumas pousadas disponíveis", afirmou. Na opinião dela, a procura pelo destino Areia aumentou comparado a antes da pandemia.

■ O público do carnaval de João Pessoa prefere descansar e veranejar na praia

Foto: Instagram/@Carlitos_Paraiba



Foto: Ascom/Caldas Brandão



A Canafístula é uma árvore com flores decorativas. Por volta de 1750, suas sementes foram lançadas e, mais tarde, formariam o povoado Canafístula, hoje, Caldas Brandão

CALDAS BRANDÃO

Economia baseia-se no comércio

Indústrias de cerâmica Santa Cândida e Três Irmãos ofertam mais de 300 empregos no município

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A Tapioca de Cajá, localizada no município Caldas Brandão, é parada obrigatória para o viajante que passa pelo km 86 da Br-230 no sentido João Pessoa-Campina Grande. No entanto, muitos pensam que Cajá, conhecido em toda a Paraíba como “a terra da tapioca”, é um município, quando na verdade é distrito de Caldas Brandão.

O coordenador cultural, Marcos Antônio da Silva, explica que todos os órgãos públicos de Caldas Bran-

dão funcionam no distrito de Cajá. “Toda a sede administrativa está localizada em Cajá, a exemplo de bancos, cinco escolas públicas, delegacia, prefeitura, Câmara de Vereadores, Conselho Tutelar, além do comércio local. Na cidade de Caldas Brandão se concentram as residências”, explicou.

A economia da cidade baseia-se no funcionalismo público (estadual e municipal) e comércio, com destaque para mercadinhos, padarias, farmácias, construção civil, postos de gasolina e tapiocarias de Cajá. As indústrias

de cerâmica Santa Cândida e Três Irmãos também marcam a economia local, pois ofertam mais de 300 empregos no município e região.

As festas tradicionais mais importantes do município são: Festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira de Caldas Brandão, e Festa de Nossa Senhora das Graças, padroeira do distrito de Cajá. A Festa de Nossa Senhora das Dores completou 183 anos de tradição e acontece anualmente no dia 1º de fevereiro com programações profana e religiosa, atraindo visitantes da região me-

tropolitana e de outros estados. “Vem gente de todo canto, mas faz três anos que a festa não é realizada devido à pandemia. A estimativa de público é de 10 mil pessoas na festa de rua, movimentando a economia em dois dias mais do que no ano todo”, compara Nilcete Diniz, funcionário público.

A festa da padroeira de Cajá acontece no dia 27 de novembro e reúne milhares de devotos da região. Além disso, o município abriga a sede da Liga de Quadrilhas Juninas do Vale do Paraíba (Liquajuvap), evento respon-

sável por organizar a parte cultural e folclórica de toda a região denominada Vale do Paraíba, polarizada pela cidade de Itabaiana.

Situado no Agreste paraibano, o município de Caldas Brandão possui uma área territorial de 55,963 km² e uma população estimada de 6.077 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Localizado a 63,7 km de João Pessoa e a 33,2km de Itabaiana, os municípios da região metropolitana são Gurinhém, Mari, Riachão do Poço e São José dos Ramos.

Foto: Ascom/Caldas Brandão



A Festa de Nossa Senhora das Dores completou 183 anos de tradição e acontece anualmente no dia 1º de fevereiro

Primeira igreja foi construída em 1800

Por volta de 1750, surgia o primeiro povoado que daria origem ao município Caldas Brandão. O cidadão chamado João Gonçalves plantou algumas mudas da árvore Canafístula, batizando o povoado com esse nome.

Atraídos pela fertilidade das terras, algumas famílias ali se fixaram dando início à formação do núcleo. As pioneiras foram: Caldas, Freire, Dantas e Paiva. Em 1800, chegaram ao povoado alguns frades, de ordem não identificada, que realizaram trabalhos de catequese e construíram a primeira igreja que, reformada anos depois, tornou-se a Matriz Canafístula. Segundo informações do IBGE, o povoado pertencia

Festa

Uma das mais tradicionais e importantes do município é a festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira de Caldas Brandão

ao então distrito de Pilar, e em 1938 passou a chamar-se Acaú. No dia 12 de outubro de 1961, a cidade passou a se denominar Caldas Brandão, na celebração do centenário do desembargador Trajano Américo de Caldas Brandão que foi magistrado, jornalista e humanista. A emancipação política só aconteceu no dia 13 de janeiro de 1965 - há 57 anos.

O comércio começou a se desenvolver em 1979, quando a sede da Prefeitura de Caldas Brandão foi instalada no distrito de Cajá. As pessoas compraram lotes de terra e foram colocando suas barraquinhas até se transformar em praticamente parada obrigatória dos viajantes.

Foto: Reprodução



Comerciante Irmão Firmino tornou Cajá conhecida como a Terra da Tapioca

O comerciante e ex-vereador José Firmino Sobrinho, conhecido como Irmão Firmino, era proprietário da tapiocaria mais tradicional do distrito de Cajá. Esse empreendedor transformou a sua tapiocaria em uma parada obrigatória para viajantes e turistas, oferecendo deliciosas combinações de recheios. Seu diferencial era ficar aberto 24 horas por dia, comparado aos outros estabelecimentos. Outra característica de Irmão Firmino era divulgar seu produto de forma bem-humorada e criativa. O comerciante morreu, aos 69 anos, no dia 27 de março de 2018, vítima de um câncer.



Serão realizadas 18 apresentações da orquestra nas 16 cidades onde o programa possui polo, além de Areia e Alagoa Grande, ambas no Brejo paraibano – bem como o concerto na abertura do Festival de Música da Paraíba, que homenageará a cantora e compositora Marinês

Prima: 10 anos de cultura

Começando no mês de março, o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes define calendário de atividades comemorativas para 2022

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima), que é desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT), em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB), completa 10 anos de existência em 2022. “Vai ser um ano especialíssimo”, garantiu o secretário executivo de Estado da Cultura e responsável pela direção geral do Prima, Milton Dornellas. “Esse programa chega a um momento muito especial, que são os seus 10 anos, e tem sido importante por oferecer oportunidades para os alunos, que têm a chance de aprender a tocar um instrumento e até de se profissionalizar, como já aconteceu com vários ex-alunos, numa prática que promove inclusão social e segurança. O Prima empresta o instrumento, que fica sob a guarda do aluno enquanto estiver estudando no programa”, apontou ele.

Foto: Roberto Guedes



Responsável pela direção geral do Prima, músico Milton Dornellas garante: “Vai ser um ano especialíssimo”

“Para mim, tem sido muito gratificante poder fazer parte do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes num momento como este, em que o Prima está comemorando uma década de existência, em 2022. Me identifico demais com esse trabalho, que consegui se manter ativo, mesmo depois da chegada da pandemia da Covid-19, num processo muito bonito de resistência e força”, analisou Milton Dornellas, ao fazer um balanço de sua gestão no Programa, do qual tem sido responsável pela direção geral desde 2017.

O gestor admitiu que, apesar de estar gratificado, tem consciência da responsabilidade que é administrar uma equipe que considera grande, pois inclui outras áreas, como a pedagógica, artística, patrimônio e logística, além dos professores e alunos que estão espalhados em 16 municípios da Paraíba onde existem 24 polos do Prima, que iniciou suas atividades em 2012, na cidade de Cabedelo, sendo uma política pública cujo objetivo é o de ensinar música para fomentar a promoção dos valores humanos e de cidadania. “Ao longo desse período, temos contribuído para potencializar as ações do Programa, cujas atividades em 2022 serão híbridas, mas seguindo as decisões do comitê formado por autoridades que objetivam a adoção de protocolos de segurança de prevenção contra a Covid-19. A atividade híbrida possibilita a presença do aluno, que vai se sentir estimulado a participar das aulas, bem como pode levar ao aumento do número de estudantes. A música é uma atividade que precisa ser praticada principalmente de maneira presencial”, afirmou Dornellas.

Agenda

No intuito de celebrar a data, uma programação foi elaborada, a qual consiste, por exemplo, na realização de 18 apresentações da orquestra nas 16

cidades onde o projeto possui polo, além de outros dois municípios – Areia e Alagoa Grande, ambos localizados na região Brejo do estado – bem como o concerto na abertura do Festival de Música da Paraíba, que ocorrerá em maio e homenageará a cantora e compositora Marinês (1935-2007), além da retomada de iniciativas como o ‘Prima Convida’ e o ‘Janelas Abertas’. “Decidimos incluir Areia porque o Teatro Minerva é o mais antigo do Estado e Alagoa Grande porque é onde nasceu Jackson do Pandeiro”, justificou Milton Dornellas.

A agenda de apresentações do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes começará a ser cumprida em 17 de março, no Teatro Íracles Pires (ICA), na cidade sertaneja de Cajazeiras. No dia 31, será na Sala de Concertos José Siqueira do Espaço Cultural, em João Pessoa. No dia 27 de maio, em Campina Grande, haverá o concerto de abertura do Festival de Música da Paraíba, realizado pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comunicação (Secom-PB) e Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc).

Dornellas também informou que as apresentações do Programa em comemoração aos 10 anos serão gravadas para exibição através do canal oficial do Prima Paraíba no YouTube, sempre no primeiro domingo do mês seguinte às apresentações.

Outra atividade para 2022 será a retomada do projeto ‘Prima Convida’, agora na segunda temporada. As datas para exibição do evento serão sempre na última quarta-feira do mês, a partir de março, por meio do canal no YouTube. “Ainda vamos definir os convidados”, informou Dornellas, acrescentando que também vai ser realizada a terceira temporada do ‘Janelas Abertas’, que ocorrerá de 19 a 23 de setembro, às 14h e às 19h, também pelo canal Prima Paraíba.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Multiculturalismo

O multiculturalismo é um movimento político e social que surgiu em países que sofreram com o histórico colonial europeu. O colonialismo foi marcado pela exploração, o extermínio de populações nativas e a imposição de valores culturais europeus.

Para a ideologia colonialista, o homem branco tem o direito de dominar a natureza e as sociedades que eles consideram atrasadas, não civilizadas. O conceito de civilização é relativamente novo, data do século 18.

Os Estados Unidos da América herdaram essas noções e elaboraram, no século 19, a doutrina do Destino Manifesto. A crença basilar dessa doutrina é que o povo norte-americano foi escolhido por Deus, uma versão anglo-saxã da ideia de povo escolhido do judaísmo.

Caberia aos colonos norte-americanos, em nome de Deus, se expandirem pelo continente e civilizá-lo. Eles teriam, segundo essa doutrina, superioridade moral em relação aos nativos e os povos latinos. Suas instituições eram vistas como melhores e mais bem-acabadas, sendo uma

missão levá-las para o mundo. O que ideologicamente servia como uma forma de legitimar a dominação sobre as outras populações.

A ideologia colonial ganhará um reforço de peso com as teorias raciais que tomarão o mundo no século 19. Em vez de apelar para uma metafísica religiosa, o racismo tem como base “a ciência” que é usada para legitimar o colonialismo. Muitas dessas ideias eram apoiadas numa versão vulgar do darwinismo.

Suas consequências foram a escravidão moderna, o extermínio em massa e a eugenia. Os europeus chegaram a fazer zoológicos humanos para expor nativos americanos e pessoas negras. Pagava-se ingressos para ver pessoas enjauladas.

Esse histórico colonial deixou marcas negativas e profundas no Brasil. Os movimentos sociais que lutam pela recriação da identidade nacional e preservação de nossa memória histórica cumprem um papel civilizatório fundamental.

É o caso do multiculturalismo que ajudou na conquista de uma legisla-

ção contra o racismo, no combate ao eurocentrismo e na valorização da cultura brasileira.

Vivemos em uma época dramática, sistematicamente tomada por retrocessos sociais. É cada vez mais necessário compreendermos o caráter político das identidades e a importância para a nação da valorização de nossa diversidade cultural.

Imposição

Para a ideologia colonialista, o homem branco tem o direito de dominar a natureza e as sociedades que eles consideram atrasadas, não civilizadas

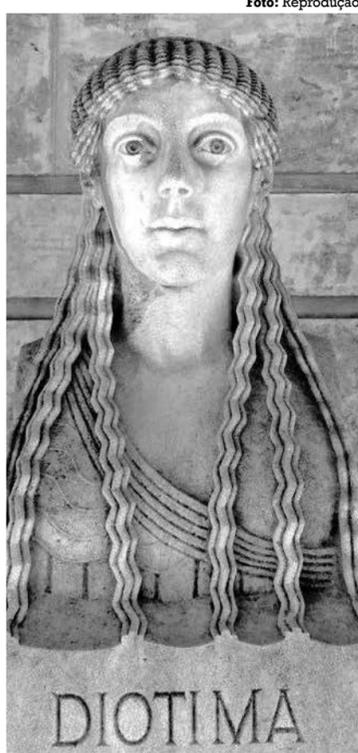
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Amor ao que não se tem

O *Banquete* é um livro escrito pelo filósofo grego Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.), publicado aproximadamente no ano de 380 a.C. Constitui-se de uma série de diálogos que trata da natureza e as qualidades do amor (Eros), e está dividido em sete capítulos e apresenta estes personagens: Pausânias; Alcibiades; Sócrates; Aristodemo; Fedro; Apolodoro; Diotima de Mantinea; Aristófanes; Eriximaco e Agatão. Entre eles tem-se poeta, médico, político, comediante, filósofo e outros. Após o exagero cometido na festa do dia anterior, sobretudo o excesso de bebida, Pausânias propõe que ficassem ali a conversar e sugere a cada um que fizesse algo diferente. A proposta foi aceita por todos, e após ser lançado o desafio, Eriximaco recomenda que fossem feitos elogios a Eros/Amor. E todos apresentaram seus conceitos a partir das próprias práticas. Entretanto, Sócrates sugeriu que, antes de falar sobre o bem que o amor causa e seus frutos, deveriam tratar de definir o que é o amor. Justificou que a sua juventude foi iniciada na filosofia do amor por Diotima de Mantinea, que era uma sacerdotisa, porque ela o ensinou a genealogia do amor. Isso causou espanto em todos, porque, naquela época, a mulher era desprezível e sua única função era gerar filhos.

Nesse livro – *O Banquete* – encontra-se um argumento que legitima à mulher o seu direito a compreender e apresentar o mais puro e universal conceito de amor. Isso é encontrado nas falas de Diotima através dos seus ensinamentos diante do seu aluno, o filósofo Sócrates. Sabe-se que a maternidade dá a mulher um pertencimento educativo ao amor, isso a torna o exemplo mais importante para compreender o que é o amor. A distinção de amor corporal e intelectual era necessário para mostrar o contexto grego em que a mulher estava inserida, porque a cultura masculina negava uma forma de amor que representasse o



Diotima: objeto do amor só pode intencionar quando lhe falta e não quando o possui

feminino. O amor n’*O Banquete* aparece como um aprendizado, e Platão dá uma importância à mulher por disciplinar a intimidade do homem, nesse contexto, conclui-se que o amor é um vigor robusto que nos une a todas as coisas, sejam do próprio corpo e, também, para uma unidade com o Universo ou Natureza. Os relatos d’*O Banquete* mostram que o amor é um princípio que está em todos os lugares e restaura a harmonia da existência humana. O discurso de Sócrates é considerado o mais universal e mais influente, por apresentar a natureza do desejo. Uma das suas teses afirma que quando se ama “algo”, isso é intensamente desejado, mas este “objeto do amor só pode ser intencionado quando lhe falta e não quando o possui”, pois ninguém “deseja aquilo de que não precisa mais”, porque o desejo busca “algo” que se sente falta... que é vital ao sentido à vida. Conclui-se que: “o que se ama é somente aquilo que não se tem”. E se alguém ama a si mesmo... ama o que não é. O objeto do amor sempre está

ausente, apesar de ser infinitamente procurado. Quando pensamos tê-lo atingido... o amor desaparece. No mesmo diálogo, através do mito narrado por Diotima de Mantinea a Sócrates, Platão menciona que a origem de Eros/Amor tem na sua natureza da falta... a pobreza.

No ritmo dialético dos diálogos d’*O Banquete*, Eros/Amor deve ser pensado em termos relacionais, a fim de estabelecer uma dependência entre quem ama e aquele que é amado ou amar o que foi perdido. Platão propõe na *scala amoris* da alegoria de Diotima que o amor verdadeiramente deve direcionar ao bem e ao belo em si, e satisfazer todas as suas manifestações da sua Teoria das Ideias; e que os amantes sempre ascendem a essa contemplação ao amor divino. Ele retira de Eros/Amor a condição de deus, e transforma-o em uma transição entre o divino e os mortais. Nesse contexto, o amor não exerce o poder sobre alguém ou demonstra força. Os ensinamentos de Diotima apresenta, também, o conceito do amor como contemplação à beleza, à verdade e ao bem.

Sinta-se convidado à audição do 358º Domingo Sinfônico, deste dia 27, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Nesta edição vamos conhecer o compositor austríaco Johann Baptist Wanhal (1739-1813). Foi um dos gênios que mais influenciou compositores, também o Neoclassicismo do século 18; o início do “idealismo mágico” e o Romantismo Alemão, também. Wanhal escreveu 100 peças para quartetos; mais de 70 sinfonias; 95 peças sacras e de rituais litúrgicos e um grande número de obras instrumentais e vocais. Segundo Wanhal e o poeta alemão Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801), o Novalis, afirmaram que as forças do universo governam toda natureza humana e o próprio cosmos.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Tudo além

Eu nunca tinha ouvido Mário Lago cantar ‘Nada Além’ (dele e Custódio Mesquita) “Chega bem / E é demais para o meu coração / Acreditando em tudo, que o amor / Mentindo sempre diz / E vou vivendo assim feliz / Na ilusão de ser feliz”. É demais essa canção...

No YouTube, ele fala da gravação de Orlando Silva, mas se derrete todo quando lembra da gravação de Maria Bethânia. Também pudera, né! Existe algo além da ilusão? Certamente.

Meu pai cantava essa música, eu achava bonito, mas naquele tempo, ainda garoto, não sabia de quem era letra e melodia. Na verdade, quando eu era menino e ouvia as canções na Rádio Difusora de Cajazeiras, achava quem cantava, era o dono da canção, coisas do dono da voz.

Estava conversando com o imenso Alexandre Leite, que mora na Flórida, numa *live* com Francisco Tabosa, quando Alex começou a cantar: ‘O Mar e o Lago’, de Gilberto Gil, do álbum *Quanta*, de 1997. Fazia um tempo que eu não escutava. Corri para a estante, peguei o CD e fui ouvir intensamente todas as canções.

“Rugas no rosto moreno / Ondas no lago sereno / Vento repentino / Ares de menino / Fugas de brigas de rua / Lucas e luas e luas / Repentina paz / Meu velho rapaz / O velho Mário Lago / O velho, o mar e o lago / O mar e o lago / A alma bem resolvida”. Isso de Gil dizer a alma bem resolvida, vai além do lago de Mário.

Cinco anos depois, morre Mário Lago, que nascera em 1911, filho único do maestro Antônio Lago e de Francisca Maria Vicência Crocchia Lago. O artista dedicou-se às letras, publicou seu primeiro poema aos 15 anos. Estudou Direito em 1933, e exerceu a profissão por poucos meses. Nós ganhamos.

Mário foi casado com Zeli (não com Amélia) com quem teve sete filhos. Não preciso dizer que Mário foi militante político, amigo de Carlos Prestes e que teve participação nos movimentos de transformação política brasileira, que hoje está pior do que nunca.

Como Gil fez a homenagem em 1997, Mário deve ter se emocionado com a poesia do compositor de ‘Domingo no Parque’. Gilberto Gil fará 80 anos este ano, um cancionista brasileiro da maior importância.

Alex é do Ceará e me chamou a atenção para a canção de Gil e as ideias vão sempre surgindo, as amizades se fortalecem e nos acolhe dentro num espaço marítimo, onde moram todas as canções.

Quem sabe outro dia, além do lago, do mar, dos açudes, a esperança por dias melhores, que muitos ignoram.

A música de Gil acende águas correntes, que banham terreiros, hortas, roçados, potes e a sede de muitos. Mas as águas também castigam – Petrópolis, o povo da Bahia e também Minas Gerais. São Sebastião, padroeiro do Rio, cuja imagem já surge castigada, há de salvar sua gente.

Debaixo d’água tudo é mais límpido e por cá navegamos, na sensação de que nada além, nada além de mais uma ilusão, para a qual somos multiplicados.

O que existe de mais belo na canção de Gil? O Mário que já deixou para trás o Lago, suas dores e pecados, na eternidade da música.

O Carnaval chegou e eu danço sozinho na varanda ao som de Aurora, mas Aurora não é sincera – Ô, ô, ô, ô, Aurora – mais uma boa sacada de Mário Lago.

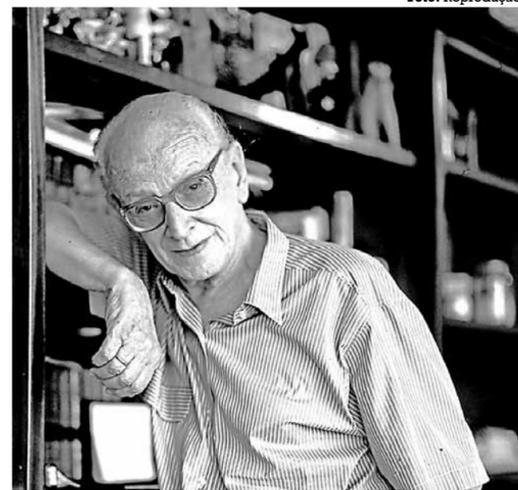
Puxa vida! Realmente, tudo além.

Kapetadas

1 – Eu até concordava com Proust, mas me parece que andar em busca do tempo perdido, só faz aumentar a perda;

2 – E quando as pessoas não precisarem mais usar máscaras, será que vão continuar usando?

3 – Som na caixa: “O mar quando quebra na praia. É bonito, é bonito”, Caymmi.



Poeta, compositor e ator carioca Mário Lago (1911-2002)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Documentário revela barbárie nazista até em criança

Na história das civilizações, conforme sabemos, a figura de Adolf Hitler foi sempre polêmica; até mesmo hilária. Mas, por trás de uma mera aparência fardada existia um personagem desumano e truculento, que fazia valer seu desejo de alterar até a composição genética do mundo, chacinando raças e credos como se fossem “coisas”, ou simplesmente animais. Esse foi o tema de um documentário que assisti, lançado pela Netflix na sexta-feira da semana passada. A obra tem seu mérito histórico, por ter sido baseada em fatos, e nos faz lembrar do período negro do regime alemão nas primeiras décadas do século 20.

Com um título deveras insólito, *Perdoai-nos as nossas ofensas* (*Forgive Us Our Trespasses*), o curta-metragem de 13 minutos traça um perfil, embora sucinto, da barbárie que foi o período hitleriano nos anos trinta, na Europa, até meados da década seguinte com a Segunda Grande Guerra. E existe até quem afiance que, na sua histeria, ao ver coisas que não lhe diziam “perfeitas” e do seu agrado, Hitler tomava decisões de banir até crianças da face da Terra. E esse, como narrativa documental, é o destino cruel do garoto Peter (Knox Gibson) malsinado pela visão tosca de um ditador nazista, com seus comandados a perseguirem a família Weber do menino, que tem deficiência física de apenas um braço.

Perdoai-nos as nossas ofensas tem uma abertura bem peculiar para



Garoto Peter (vivido por Knox Gibson) sendo perseguido na sequência final do filme

uma obra que retrata o período da ocupação europeia pelos nazistas. Numa sala de aula, crianças do Ensino Fundamental aprendem sobre os números com a professora, que indaga então como é possível as famílias viverem em tempos difíceis de guerra com pouco dinheiro (Reichsmarks). Bem à frente de todos, desenhada na parede, uma grade suástica “adverte” sobre o que se aprender em respeito ao Führer.

O documentário não se aprofunda muito nas questões políticas vividas durante o ano de 1939, época da narrativa, mas nos deixam pistas como as da existência cruel de um tal programa de erradicação de deficientes físicos, o Aktion T4, que Hitler tinha como base de extermínio de pessoas sobretudo idosas e crianças. Criaturas que eram sacrificadas por não caberem em uma cas-

ta que o algoz denominava de “raça ariana”, sendo então submetidas ao Holocausto.

Com roteiro e direção de Ashley Eakin, o documentário pode até passar despercebido dos habituais aficionados do *streaming*, jamais daqueles que sempre buscaram na história as verdades que ainda não foram contadas. Como é o caso do Aktion T4, dos Campos de Concentração de Auschwitz e Dachau, por exemplo, onde milhares de judeus e crianças foram chacinadas.

Perdoai-nos as nossas ofensas é uma obra interessante, principalmente nos dias atuais, com tantos excêntricos querendo se perpetuar no poder, até querendo se togar de Führer. Aliás, coisa que se espera não mais acontecer, inclusive no Brasil. — Mais “Coisas de Cinema”, em: www.alex-santos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

‘Fractais’

O processo catártico pode integrar a escrita literária, mas a escrita literária não pode simplesmente se reduzir ao processo catártico. Fosse assim, a confissão dos sentimentos, expressa por meio das palavras, já seria literatura. Mas não é. A linguagem literária não pode ser a mera expressão dos sentimentos ou das emoções de quem escreve, ainda que essa escrita procure se pautar pelos critérios de correção sintática e morfológica. A linguagem literária, antes de expressar, produz emoção, precisamente pelo fato de que, nesse tipo de linguagem, as palavras se entrelaçam de maneira especial, chamando a atenção do leitor para a realidade substantiva de seus ingredientes acústicos e prosódicos. Isto é, para aquilo que os especialistas chamam de função estética da linguagem.

A digressão me vem a propósito do livro de estreia do professor Nathan Cirino, intitulado *Fractais* (Itabuna, BA: 2021), considerados, sobretudo, os exemplos textuais da primeira parte em prosa. O título, em si, sinaliza para os diversos “biografemas” que vão compor o mosaico psíquico e existencial do autor, na medida em que fractais, como ele mesmo nos lembra, “são formas naturais, poderosas, que traduzem nas suas mínimas partes a ideia do todo”.

Sem demarcar, a rigor, os limites canônicos dos gêneros literários e apostando na mescla dos discursos (narrativo, descritivo e reflexivo), Natan Cirino investe numa espécie de autópsia de si mesmo, trazendo à tona seus sentimentos mais profundos, suas emoções mais revoltas, seus espantos, medos, angústias, perplexidades, inquietações metafísicas e meditações estéticas, entre outras motivações que aquecem o termômetro semântico de sua dicção verbal.

Vê-se, aqui, portanto, a revelação de uma subjetividade fragmentada, que parece refletir as irradiações significativas do título; a narrativa de um eu que se divide e se multiplica na esfera ambigua de uma personalidade complexa. Enfim, de uma mentalidade em crise. Em crise, porque pensa e sente. Principalmente porque sente.

Eis aí o que eu poderia denominar de um rico e comovente documento psicológico, de uma dolorosa radiografia da alma, com todos os seus tormentos, suas paixões tristes e suas paixões alegres, para me valer das categorias de Spinoza.

Neste testemunho, que é o testemunho de uma individualidade e de um certo tempo, o valor instrumental pesa mais que o valor estético propriamente dito, uma vez que a força da catarse, que vem da necessidade quase sufocante de se expressar, contamina e abafa o vigor literário e artístico da palavra.

O próprio escritor, já na apresentação, deixa bem claro seu compromisso com o timbre confessional de sua escrita, quando, ao aludir a uma experiência de juventude, afirma: “A dor da perda se esvaiu nas linhas, nas letras, nas palavras, e ali aprendi que escrever, pra mim, muito mais que um hobby, seria uma terapia”.

O conjunto de poemas, constituinte da segunda parte, também não consegue, pelo menos no meu modo de entender, mesmo com os artifícios da forma fixa, do metro e da rima e de outros suportes técnicos e retóricos, ultrapassar as fronteiras do lirismo confessional atado, por sua vez, à voz mais urgente das emoções humanas e dos estados sentimentais.

Em alguns textos, a medida da construção melódica, o compasso dos vocábulos e a leveza do pensamento sugerem caminhos poéticos menos lineares, indicando, assim, que o poeta existe, e existe naquilo que me parece mais simples, como nestas estrofes do poema *Canta*: “Canta, mãe, em meu ouvido / Uma canção de ninar / Cantarola qual marola / Brisa leve sobre o mar. (...) Dá-me algo mais palpável, / Que a própria vida em si, / Dá-me, mãe, o que é amável / Dá-me o ato de sorrir”.

Já nas “orações” (terceira parte), talvez por se apropriar de um paradigma discursivo convencional, recriando-o em outros sentidos e em outras possibilidades, o autor consegue dar o salto qualitativo, para exercitar-se numa prosa poética dotada de solidez e criatividade. Porque, se fala de sua emoção singular, nem por isto deixa de produzir a emoção no leitor. Dito de outra forma: o que é individual é também universal. Agora a emoção humana e pessoal quer se converter em emoção estética, e a catarse tende a se transformar em poesia.

O escritor Leonardo Valente, em nota de orelha, como que confirma minhas impressões, ao afirmar que estas “orações” é como que “um abrir-se sem medo para a conversão de diálogos íntimos e repletos de simbolismos em sensíveis poesias em prosa que complementam o universo particular revelado nessas páginas”.

Cirino é professor do curso de Arte e Mídia da UFCG. Mestre e doutor em Comunicação pela UFPE. Roteirista e realizador de audiovisual. Dirigiu as curtas-metragens *Lamúrias* (2011), *Amador* (2021), *O que resta* (2021) e o longa *Madame* (2019), documentário em coprodução da Globo News/Globo Filmes, Canhota filmes e Maria Fita.

APC formaliza ata de reeleição

A Academia Paraibana de Cinema, sob o comando de seu vice-presidente e professor João de Lima, realizou na terça-feira passada, pela manhã, um encontro nas dependências do Cine Mirabeau, no Besa, com integrantes das diretorias e do Conselho Fiscal da APC. Para fins cartoriais, na oportunidade foram colhidas as assinaturas que regularizam a ata de reeleição da atual presidência, cujo mandato terminará em 2023. Participaram do encontro os conselheiros Alex Santos e o próprio Mirabeau Dias, que sugeriu uma pauta sobre as memórias cinematográficas na Paraíba, para o próximo encontro.

Já Zezita Matos, presidente da APC, participou de entrevista na Rádio Cultura, na quarta-feira passada, no programa *Frequência Máxima*, quando falou sobre sua participação no cinema, teatro e TV.



EM cartaz

CORAÇÃO DE FOGO (*Fireheart*). EUA. Dir: Laurent Zeitoun, Theodore Ty. Animação. Livro. Desde criança Geórgia só tinha um sonho: se tornar bombeira, como o seu pai. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h30 - 16h45 (exceto ter.) - 19h15 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 (exceto seg.) - 18h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h15 - 18h15 - 20h15 (sem sessões na ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h (apenas qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 (apenas ter.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 (apenas ter.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h (apenas qua.); CINE SERCLA SERCLA 4 (dub.): 16h15 - 18h15 - 20h15 (sem sessões na ter. e qua.).

EDUARDO E MÔNICA (Brasil). Dir: René Sampio. Romance e Drama. 16 anos. Em um dia atípico, uma série de coincidências levam Eduardo (Gabriel Leone) a conhecer Mônica (Alice Braga) em uma festa. Uma curiosidade é despertada entre os dois e, apesar de não serem parecidos, eles se apaixonam perdidamente. CENTERPLEX MAG 3: 18h.

EXORCISMO SAGRADO (*The Exorcism Of God*). EUA, México, Venezuela. Dir: Alejandro Hidalgo. Terror. 16 anos. Um padre (Will Beinbrink) comete um terrível sacrilégio ao ser possuído durante um ritual de exorcismo. Dezoito anos depois, as consequências de seu pecado voltam para assombrá-lo. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 16h15 (dub., exceto ter.) - 18h45 (dub., exceto ter.) - 21h10 (leg., exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h45 (exceto ter.) - 18h30 (exceto ter.) - 21h (exceto ter.).

HOMEM-ARANHA - SEM VOLTA PARA CASA (*Spiderman - No Way Home*). EUA. Dir: Jon Watts. Ação, Fantasia, Super-Herói. 12 anos. Peter Parker (Tom Holland) precisará lidar com as consequências da sua identidade como aracnídeo ter sido revelada pelo Clarim Diário. Incapaz de separar sua vida normal das aventuras de ser um super-herói, Parker pede ao Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch) para que todos esqueçam sua verdadeira identidade. Entretanto, o feitiço não sai como planejado. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h (exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h (exceto seg. e ter.) - 18h (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h (apenas na ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h (apenas na ter.).

A JAULA (Brasil). Dir: João Wainer. Suspense. 16 anos. Um ladrão (Chay Suede) entra com facilidade no carro de luxo estacionado numa rua pacata, mas, ao tentar sair, descobre que está preso em uma armadilha, incommunicável, sem água ou comida. Recai sobre ele a vingança que um famoso médico (Alexandre Nero) planejou depois de sofrer inúmeros assaltos. CENTERPLEX MAG 4: 18h45 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h45 (exceto ter.).

MOONFALL - AMEAÇA LUNAR (*Moonfall*). EUA. Dir: Roland Emmerich. Ficção Científica. 14 anos. Por motivos desconhecidos, a Lua sai de sua órbita e passa a se deslocar em direção à Terra, podendo causar uma colisão em breve. Uma ex-astronauta (Halle Berry) acha que pode resolver essa situação e impedir que o impacto aconteça, mas apenas um de seus colegas (Patrick Wilson) acredita nela. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 21h15 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 20h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h15 (ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h30 (ter.) - 17h30 (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h30 (ter.) - 17h30 (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA SERCLA 5 (dub.): 20h15 (ter. e qua.).

MORTE NO NILO (*Death on the Nile*). Reino Unido, EUA. Dir: Kenneth Branagh. Suspense. 14 anos. Durante viagem de lua de mel pelo Rio Nilo, um casal (Gal Gadot e Armie Hammer) convidaram os entes mais queridos para um cruzeiro. Porém, um passageiro é assassinado e um dos convidados, por coincidência, é o mais famoso detetive do mundo, Hércules Poirot (Branagh). CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h45 (exceto ter.) - 17h30 (exceto ter.) - 20h15 (exceto ter.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h45 (apenas ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA SERCLA 1 (dub.): 15h (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h45 (apenas ter. e qua.).

SING 2 (EUA). Dir: Garth Jennings. Animação. Livro. Na glamorosa cidade de Redshore, Buster Moon e a galera superam seus limites em uma jornada para convencer o recluso astro a subir aos palcos novamente. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h20 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h30 (ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h20 (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20 (ex-

ceto ter. e qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h30 (ter. e qua.).

SPENCER (EUA, Reino Unido, Alemanha, Chile). Dir: Pablo Larraín. Biografia e Drama. 12 anos. Nos anos 90, Diana (Kristen Stewart) passa o feriado do Natal com a família real em Norfolk, Reino Unido. Apesar das bebidas, brincadeiras e comidas em que sabe o roteiro, esse final de ano vai ser diferente. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 21h30.

TÔ RYCA 2 (Brasil). Dir: Pedro Antônio. Comédia. 12 anos. Selminha (Samantha Schmütz) está de volta. Após ficar rica ela paga mais caro em tudo que quer e que pode pagar, sem pensar nas consequências. Mas tudo que é bom dura pouco. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 15h - 16h30 - 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 18h15 (exceto seg. e ter.);

CINE SERCLA TAMBIA 4: 16h (apenas ter.) - 16h30 (exceto ter. e qua.) - 18h30 (exceto ter. e qua.) - 20h30 (exceto ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 6: 16h (apenas ter.) - 18h (apenas ter.); CINE SERCLA PARTAGE 2: 16h (apenas ter.) - 18h (apenas ter.); CINE SERCLA PARTAGE 3: 16h (apenas ter.) - 16h30 (exceto ter. e qua.) - 18h30 (exceto ter. e qua.) - 20h30 (exceto ter. e qua.).

UNCHARTED: FORADO MAPA (*Uncharted: Drake's Fortune*). EUA. Dir: Ruben Fleischer. Aventura. 12 anos. Primeira aventura de caça ao tesouro do jovem Nathan Drake (Tom Holland) com seu parceiro Victor “Sully” Sullivan (Mark Wahlberg). CENTERPLEX MAG 3: 16h30 (dub.) - 19h (leg.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 14h15 - 17h (exceto ter.) - 19h45 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h (exceto ter.) - 17h45 (exceto ter.) - 20h30 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h20 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 13h30 (dub.) - 16h (dub., exceto ter.) - 18h30 (dub., exceto ter.) - 21h (leg., exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 16h30 (exceto ter.) - 19h (exceto ter.) - 21h30 (exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., exceto ter.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub., ter. e qua.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub., exceto ter.): 15h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., exceto ter. e qua.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub., exceto ter. e qua.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub., ter. e qua.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub., exceto ter. e qua.): 15h - 19h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Foto: Divulgação



Marlon Brando (acima) era considerado decadente na época, mas, com a sua criação como Don Vito Corleone, ele se tornou de novo o nome mais importante da indústria

CINEMA

Clássico da Nova Hollywood

No cinquentenário de um dos principais filmes de máfia, James Caan lembra a aventura de atuar em 'O Poderoso Chefão'

Luiz Carlos Merten
Agência Estado

Em 1972, James Caan já tinha quase 10 anos de carreira – iniciada com um papel sem crédito em *Irma la Douce*, de Billy Wilder – e personagens importantes em filmes de grandes diretores como Howard Hawks (*El Dorado*) e o jovem Francis Ford Coppola. Justamente ele. O filme sombrio, e muito bom, é considerado o vestibular do diretor para o seu épico de gangsteres, *O Poderoso Chefão*, com roteiro dele e de Mario Puzo, autor do romance original, *The Godfather*.

Na composição do elenco, Coppola chamou James Caan para outro personagem instável, mas de recorte diferente – Santino, também chamado de Sonny. Robert Duvall também foi convocado para o papel do conselheiro, Tom Hagen. Eram todos jovens e talentosos. Quando o filme estreou, arrebatando os Oscars de Melhor Filme, Roteiro Adaptado e Ator (Marlon Brando), o impacto foi grande. “Brando estava numa fase de baixa, era considerado decadente, mas sua criação como Don Vito foi tão espetacular que, imediatamente, ele se tornou de novo o nome mais quente da indústria. Um ator do Método. Foi a inspiração para todos nós. (Leonardo DiCaprio), Johnny (Depp), que até dirigiu um filme com ele, eu e muitos outros”.

Seu nome completo é James Langston Edmund Caan, natural de Nova York, onde nasceu em 1940 – há 82 anos. Tornou-se conhecido somente como James Caan. Conversa pelo Zoom com o *Estadão*, mas, para desapontamento do repórter, a entrevista é só por áudio, sem imagem. Seria bom rever Sonny, 50 anos depois. Para comemorar o cinquentenário, *O Poderoso Chefão* está voltando às salas de cinema brasileiras. A cópia está estalando de nova e permitirá que toda uma geração que só conhece *O Poderoso Chefão* do home video e da televisão possa ver o clássico na tela grande.

Não é só um filme, é um monumento de cinema. Como é? “A *monumental*”. “Ah sim, mas há 50 anos nin-

Fotos: Divulgação



Da esq. para dir.: James Caan (que também está na foto acima, como Sonny), Marlon Brando, o diretor Francis Ford Coppola, Al Pacino e John Cazale nos bastidores de ‘O Poderoso Chefão’

guém sabia disso. O que sabíamos é que estávamos fazendo um bom filme, reunindo grandes talentos da época”. Música, fotografia, direção de arte, interpretação. Tudo e todos a serviço de uma prodigiosa lição de cinema narrativo. Cinéfilo de carteirinha sabe, mas não custa lembrar um pouco da história. Começa na festa de casamento da filha do Don/Brando. Rapidamente, as cenas mostram

a estrutura familiar e a da organização criminosa que Don Vito Corleone controla. Mas ele está velho, quer impor limites à difusão das drogas. Sofre um atentado. No interior da família, digladiam-se duas formas de enfrentar a situação. A impulsividade de Sonny e a visão mais distanciada, fria, de Michael – Al Pacino.

Michael fora destinado pelo pai para ser o orgulho da família. É he-

rói de guerra, não participa dos negócios. Não participava, porque agora ele é que vai comandar a reação. O filme que começa com um casamento encerra-se com um batizado. O cerimonial na igreja é mostrado em paralelo com o banho de sangue que os sicários de Michael Corleone promovem para consolidar o poder dos Corleone. “O filme é sobre crime, mas Mario (Puzo) e Francis (Coppola) preferiam ver a história como sendo de família, e foi assim que o filme foi construído”.

Segundo Caan, em vez de um filme sobre crime, Mario Puzo e Coppola preferiam ver a história como sendo de família

Caan lembra-se do clima nas filmagens. “Francis havia estudado o cinema de gangsteres. Mario e ele escreveram o roteiro pensando nos códigos de gênero e nas cenas que pretendiam emular. A Nova Hollywood estava nascendo, mas não tínhamos consciência disso. Do ponto de vista do estúdio – a Paramount –, o filme foi planejado para ser um grande sucesso. Superou toda expectativa. Para nós, os jovens, era como um sonho. Estar ali, contracenando com Brando”.

“Desde o começo, os diretores e roteiristas criavam para mim papéis de durões e heróis. Francis me levava por outro caminho. Santino aprofunda a linha mais escura do Jimmy de *Caminhos Mal Traçados*. Jimmy é mais puro, especial. É atingido pela violência do mundo. Santino é o agente dessa violência. Vive e morre por ela. É impulsivo, ardente. Num filme sobre família, ele é o cara mulhengo que se satisfaz fora do casamento. O pai vive perguntando pela mulher e os filhos. Ele diz que tudo bem, mas é tudo bem ao jeito dele”. Dois anos depois, *O Poderoso Chefão – Segunda Parte* prosseguiu com a saga dos Corleone em

dois tempos, contando como o jovem Don Vito, interpretado por Robert De Niro, chegou ao topo da Máfia e, em paralelo, o outro banho de sangue que Michael vai promover, para consolidar seu poder.

Trama

Sangue e violência são ingredientes da trama, mas o tema do primeiro filme é político – a luta pelo poder numa democracia étnica. “Como Santino voltei numa participação sem crédito no segundo filme. Ainda fiz *Jardins de Pedra* com Francis, sobre a Guerra do Vietnã. Sonny abriu um mundo de possibilidades para mim. Sem ele, não sei se teria feito *O Jogador/The Gambler* (de Karel Reisz, 1974), que foi um de meus melhores papéis. Intenso, sombrio”.

Francis? “Oh, ele foi crescendo. Virou uma lenda nesse negócio. Mas ainda me lembro de nós, naquela estrada – *Caminhos Mal Traçados* –, que foi o começo de tudo. “Haveria muito para conversar com James Caan. O escritor de *Misery*, à mercê da *Louca Obsessão* – título brasileiro – da enfermeira Kathy Bates no suspense de Rob Reiner, o patriarca de *Dogville*, de Lars von Trier. Depois da anunciada última pergunta, o repórter arrisca. Mais uma? “Shoot”, diz.

É Sobre *Cinderella Liberty/Licença para Amar Até Meia-Noite*, que fez em 1973, logo após o primeiro *Chefão*. O filme é sobre um marinheiro em terra firme. Baggs Jr. envolve-se com a prostituta vivida por Marsha Mason, que ganhou no jogo, numa noite de bebedeira. A licença de Baggs lhe permite ficar com ela só até a meia-noite. É a liberdade de Cinderela, do título. Mark Rydell é o diretor.

“Marsha era e continua sendo uma lady”. Naquele mesmo ano, ela se casou com o dramaturgo Neil Simon, que escreveu belos papéis para ela. Os críticos, em geral, colocam o romântico *Cinderella Liberty* entre os seus melhores filmes. Ele concorda. “Interpretei aquele marinheiro como se fosse o meu Billy Budd, entende?” Com certeza – Herman Melville, o marinheiro belo e puro acusado de incitar um motim. A inocência corrompida pelo poder das palavras. Há um pouco disso no Michael de *O Poderoso Chefão*.



Foto: Olenildo Nascimento/CMJP

O relatório final foi elaborado pelo vereador Odon Bezerra (Cidadania), contém 63 páginas e constatou violações ao Código de Defesa do Consumidor por parte das empresas prestadoras de internet e da Energisa

BANDA LARGA

CPI quer mais apoio ao consumidor

Resultado da Comissão indica novas relações entre clientes e empresas e propõe mudança no visual na cidade

Petronio Torres
pettroniortorres@yahoo.com.br

Quem disse que CPI no Brasil sempre acaba em pizza? Pois bem, a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) que investigou a prestação de serviços de internet banda larga na capital paraibana, e que teve seu relatório final aprovado na última segunda-feira,

deverá mudar este conceito. Pelo menos é o que se desenha e propõe o documento que traz várias conclusões que mudarão a relação entre clientes e empresas e até mesmo a poluição visual da cidade.

O relatório final dos trabalhos foi elaborado pelo vereador Odon Bezerra (Cidadania). O documento, que contém 63 páginas, constatou violações ao Código

de Defesa do Consumidor, tanto por parte das empresas prestadoras de internet, quanto da concessionária de energia elétrica, no caso a Energisa.

O relatório propõe a elaboração de uma ação integrada e conjunta entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa, a Energisa e as empresas de internet para organizar, programar e promover bairro a bairro a

fiscalização e a limpeza dos postes e fiação.

“Ele sugere ainda a promoção, pela Anatel e pelas empresas de internet, de mais políticas educacionais sobre os termos técnicos utilizados nos contratos e capacitação dos trabalhadores das empresas de telecomunicação”, completou o vereador Odon Bezerra.

O documento também recomenda a revisão dos

contratos em vigência pela Anatel para verificar as ilegalidades nas cláusulas pelo viés consumerista, além de simplificar a linguagem e estrutura utilizada nos contratos.

“E por fim, estamos aconselhando, por parte da Anatel e das empresas, de previsão em termos percentuais de ‘velocidade mínima’ para que seja cumprida a velocidade integral contra-

tada. Tem que parar de não entregar o que é contratado”, disse o parlamentar.

A presidente da CPI, vereadora Eliza Virgínia (Progressista) ainda solicitou que fosse acrescentada ao rol de sugestões que os órgãos de defesa do consumidor reformulação das classificações nas reclamações para descrever com mais detalhes os motivos das queixas colhidas dos consumidores.

De ressarcimento a processos penais

O professor e advogado Ricardo Sérvulo confirmou que os prejudicados e lesados pelas empresas de banda larga que forneciam e fornecem serviços de internet poderão sofrer vários tipos de ações que vão de ressarcimento coletivo a processos penais, neste caso, apenas para os cargos de gerência.

“Uma CPI tem prerrogativa semelhante a um

inquérito policial. A partir da coleta de provas e com relatório aprovado e enviado às autoridades competentes, no caso o Ministério Público, onde um processo será aberto para averiguar essas duas possibilidades”, confirmou Sérvulo.

Ainda de acordo com o advogado, foi editada pelo Superior Tribunal de Justiça uma decisão que o Ministério Público tem o po-

der de entrar com ações contra empresas, principalmente, no tocante, a casos envolvendo o direito do consumidor.

“Caberá ao Ministério Público e demais órgãos que trabalham com o direito do consumidor, agir em defesa dos lesados por empresas. Creio que esse será o caminho a ser tomado por esses órgãos”, explicou Sérvulo.

Relatório aos órgãos competentes

Após a apresentação e aprovação do relatório, o relator Odon Bezerra confirmou o envio do documento aos órgãos competentes para possíveis ações judiciais. “A CPI procurou agir desde o início com a finalidade de apurar os fatos, zelar pela coisa pública e defender o consumidor”, resumiu.

Para o parlamentar, ficou evidente que as empresas prestadoras dos serviços de internet não vêm cumprindo com suas obrigações legais frente aos consumidores, praticando reiterados descumprimentos à legislação consumerista.

“No documento es-

tou me referindo a falhas e cláusulas abusivas nos contratos, como falta de fornecimento dos contratos e multas extorsivas. Além, claro, de não entregar o que era contratado”, reafirmou.

Ainda quanto à violação do Código de Defesa do Consumidor (CDC), a Energisa também respondeu no tocante ao excesso de fios nos postes da capital, uma vez que o serviço prestado deve ser eficiente, seguro e contínuo. O relatório concluiu que os fios expostos põem em risco a segurança das pessoas que passam nas ruas, além de dificultarem o fornecimento de serviços de internet.

Odon Bezerra voltou a lembrar do acontecimento ocorrido no estado de Pernambuco no qual três pessoas morreram em decorrência da soltura de fios de alta tensão em temporada chuvosa.

“Ficou clara a falha na prestação de serviços por parte da empresa responsável pelo compartilhamento de postes públicos, cuja conduta negligente tem acarretado poluição ambiental à capital paraibana e o risco à segurança das pessoas, não podendo o poder público quedar-se inerte diante das lesões perpetradas habitualmente pela concessionária”, disse o relator.

RECOMENDAÇÕES PRINCIPAIS DO RELATÓRIO

- LIMPEZA DOS POSTES E FIAÇÃO DOS BAIRROS E DO CENTRO
- POLÍTICAS EDUCACIONAIS DOS TERMOS TÉCNICOS UTILIZADOS NOS CONTRATOS
- CAPACITAÇÃO DOS TRABALHADORES DAS EMPRESAS DE TELECOMUNICAÇÃO
- REVISÃO DOS CONTRATOS EM VIGÊNCIA PELA ANATEL
- CUMPRIMENTO DA VELOCIDADE INTEGRAL CONTRATADA



Tacs e ações civis podem ocorrer

O relatório final da CPI da Banda Larga será enviado às autoridades competentes a fim de que elas tenham ciência dos fatos e tomem as providências cabíveis.

Essas providências podem ir da lavratura de Termos de Ajustamento de Condutas (TACs) até a instalação de uma ação judicial, tal como Ação Civil Pública, no sentido de que, após as devidas apurações, sejam aplicadas as sanções pelo órgão competente do Poder Judiciário.

O documento será encaminhado para os seguintes órgãos: Procuradoria Geral do Ministério Público da Paraíba; Promotoria de Justiça do Consumidor -

Visual
Projeto de lei tramita para disciplinar alinhamento de fios e cabos nos postes

MPPROCON, Promotoria de Justiça de Proteção ao Meio Ambiente; Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL; PROCON Estadual, PROCON Municipal e Secretaria Nacio-

nal de Defesa do Consumidor; Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL e à concessionária de energia elétrica ENERGISA PARAÍBA.

Tramita na CMJP Projeto de Lei Ordinária criado a partir da CPI que pretende obrigar o alinhamento e retirada de fios, cabos e equipamentos fixados em postes de energia elétrica.

A vereadora Eliza Virgínia afirmou que após as investigações da comissão, elaborou um substitutivo para a complementação do projeto.

A matéria está na Comissão de Constituição, Justiça, Redação e Legislação Participativa esperando apreciação.

Trabalhos começaram em setembro

A CPI da Banda Larga teve início em setembro do ano passado. Ela foi prorrogada em dezembro e contou com mais de dez reuniões de três horas cada e ouvindo depoimentos de consumidores, representantes de operadoras de internet, de órgãos de telecomunicações, de defesa do consumidor e da Prefeitura da capital.

“Gostaria de parabenizar o colega Odon Bezerra. Ele trouxe a certeza de que o consumidor está sendo bem amparado e protegido por esta Casa”, elogiou o Carlão Pelo Bem (Patriota).

O vereador Bispo José Luiz (Republicanos) destacou a redação impecável do relatório e a coerência

“

A CPI não foi criada para uma caça às bruxas, mas para que o consumidor possa ter uma prestação de serviço à altura

Bispo José

no resultado. “A CPI não foi criada para uma caça às bruxas, mas para que o consumidor possa ter uma

prestação de serviço à altura”, destacou.

O vereador Bosquinho ressaltou o papel do legislativo com a CPI no desenvolvimento da cidade e na melhoria dos serviços de internet. “Quem vai ganhar com isso é a população de João Pessoa, que terá seus direitos preservados, no tocante as empresas de banda larga”, completou.

Com sete integrantes, a CPI contava com a presidente Eliza Virgínia (Progressistas), com o vice-presidente o vereador Bispo José Luiz, com o relator o vereador Odon Bezerra e com os membros os vereadores Junio Leandro (PDT), Coronel Sobreira (MDB) e Carlão Pelo Bem.

SENADO FEDERAL

Projeto apoia entidades de combate à pobreza

Proposta tramita na Casa e garante recursos de emendas para organizações

Agência Senado

A senadora Zenaide Maia (Pros-RN) apresentou um projeto de lei (PL 126/2022) pelo qual as entidades de assistência social poderão receber diretamente recursos provenientes de emendas parlamentares ao Orçamento Geral da União. Como condição, o serviço prestado pelas entidades assistenciais deve ser capaz de retirar as pessoas da situação de extrema pobreza. Essas organizações sem fins lucrativos integram o Sistema Único de Assistência Social (Suas) e atuam como parceiras do poder público no atendimento a pessoas, famílias ou grupos em situação de risco ou vulnerabilidade.

A legislação em vigor já permite a destinação de emendas parlamentares para entidades que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), como santas casas de misericórdia, hospitais e entidades filantrópicas, mas os recursos são repassados primeiramente aos estados e municípios. Segundo o PL 126/2022, para receber dinheiro por meio de emendas

■ A legislação em vigor já permite a destinação de emendas parlamentares para entidades que integram o Sistema Único de Saúde

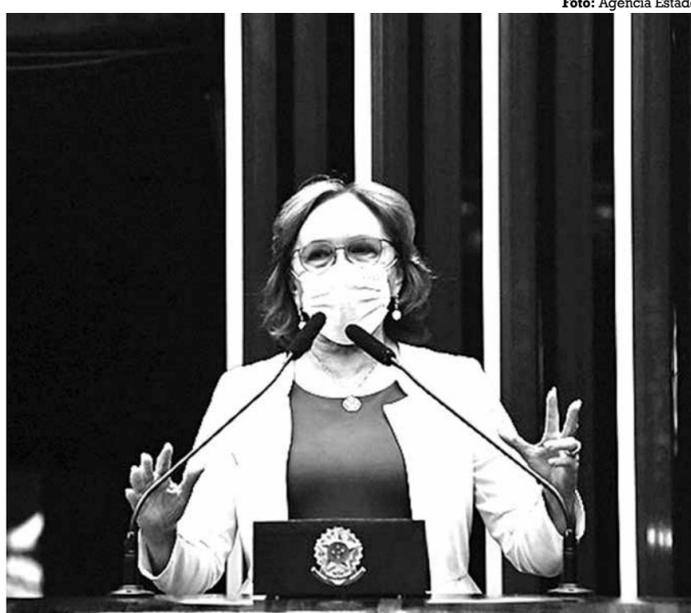
parlamentares, as organizações do Suas devem assumir o compromisso de retirar o público atendido da situação de extrema pobreza.

“Pretendemos estabelecer um repasse direto vinculado a todas as entidades que prestam assistência social, dispensando a intermediação das Secretarias de Assistência Social de estados

e municípios. O repasse direto ficará condicionado ao compromisso da entidade de retirada de pessoas da situação de extrema pobreza, com a consequente exclusão do Cadastro Único”, explica Zenaide Maia na justificativa do projeto

De acordo com o texto, o repasse de dinheiro por meio de emendas parlamentares

às entidades de assistência social dependerá de regulamento do Poder Executivo. Pelo texto, apenas organizações listadas no Cadastro Nacional de Entidades da Assistência Social (CNEAS) estariam aptas a receberem os recursos. O PL 126/2022 aguarda distribuição para as comissões permanentes do Senado.



A senadora Zenaide Maia apresentou projeto que beneficiará entidades

PLANO DE ATIVIDADES

Câmara realizará ações contra a fome

Agência Câmara

A Frente Parlamentar Mista de Combate à Fome no Brasil definiu esta semana o plano de ação para 2022. Neste ano, a frente vai funcionar integrada com a Frente Parlamentar de Segurança Alimentar e Nutricional, ambas criadas em 2019.

A primeira reunião do ano, que aconteceu na quarta-feira (23), contou com a participação do 1º vice-presidente da Câmara, deputado Marcelo Ramos (PL-AM). “A questão é urgente e não pode esperar. O Brasil tem 20 milhões de brasileiros passando fome, 116 milhões comendo menos do que precisam comer”, salientou Ramos. “Vamos unificar as duas frentes e montar uma agenda que tem um lado legislativo, de desenvolvimento de políticas públicas, que atuará no médio e longo prazo, e um lado de mobilização solidária da sociedade, para que a gente resolva um problema imediato que não pode esperar, que é colocar comida na mesa das pessoas”, disse.

Cronograma

Entre as ações propostas por Ramos estão a destinação de emendas parlamentares para restaurantes populares e a mobilização de empresas para a captação de doações. Segundo a agenda proposta pelo vice-presidente da Câmara, a próxima reunião do grupo ocorrerá no dia 9 de março, para apresentação da agenda legislativa e mobilização de setores empresariais. No dia 16 de março, será realizada reunião com organizações que trabalham com o combate à fome. Já no dia 23 de março, por sua vez,



O deputado Marcelo Ramos vê a questão da fome como urgente

será promovida reunião sobre a primeira infância, com entidades ligadas ao tema. E no dia 4 de abril a ideia é realizar uma comissão-geral no Plenário da Câmara dos Deputados sobre a fome. Coordenador da frente, que hoje conta com 240 deputados e seis senadores, Célio Moura (PT-TO) acredita que, com a união das duas frentes parlamentares e a participação do vice-presidente da Câmara, as ações de combate à fome vão ganhar força e mais deputados vão se juntar ao grupo.

Política de longo prazo

O deputado Patrus Ananias (PT-MG), ex-ministro de Desenvolvimento Social, que implantou o programa Fome Zero no País, apoiou o plano de ação e defendeu a retomada de políticas públicas

de longo prazo para garantir o direito fundamental à alimentação ao brasileira. “Nós já retiramos o Brasil do mapa da fome. Infelizmente ela voltou, o que é inaceitável em um país como o Brasil, um país continental, belíssimo, rico, que pode produzir alimentos o ano inteiro, que exporta alimentos. Nós temos que, em primeiro lugar, garantir o direito sagrado a uma alimentação saudável para toda a população brasileira”, afirmou. Segundo o deputado Danilo Forte (PSDB-CE), o Brasil sozinho tem condições de alimentar o mundo inteiro. “Hoje o Brasil produz e exporta comida para 1,8 bilhão de pessoas, e a fome está dentro de casa”, lamentou. Conforme o parlamentar, o “erro da política” faz a fome estar presen-

te não apenas no interior do país como nas grandes metrópoles. Ele afirmou que houve aumento da arrecadação em todos os entes da federação, apesar da pandemia. “O que falta é uma política efetiva de distribuição de renda, porque a política é de concentração de renda. A inversão precisa ser feita a partir de uma reforma tributária, de um programa de geração de emprego, de capacitação e oportunidade para a juventude, porque ninguém quer viver eternamente de esmola”, avaliou. Danilo Fortes defendeu ainda a revisão do Orçamento de 2022, por meio de projetos de lei modificativos do orçamento (PLNs) para incorporar recursos emergenciais para o combate à fome. A reunião contou também com a participação de representantes de empresas e de entidades como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Propostas

Entre as ações propostas por Marcelo Ramos estão a destinação de emendas parlamentares para restaurantes populares e a mobilização de empresas para a captação de doações

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Monobloco no carnaval sem foco

Você dorme pensando que a barata esgotou sua capacidade de criar, acorda e a barata se revela mais criativa. É um fenômeno da natureza. A barata descansando em sua toca, em plena folia de um carnaval que não existe mais, acabrunhando a já humilhada raça dos descarnavalizados, em modo off na pandemia sem alegria. O espírito do inseto passeia automaticamente de uma imagem para outra, em abstrações sistemáticas da consciência antiga e prene de saudades-roxas e cheirosas.

Passeios na bicicleta Monark do tio Djalma com chapeuzinho de palha e as frasezinhas pseudopicantes, óculos escuro artesanal, lança de material plástico e o jogo da memória rodando em torno dos “Toureiros”, “As piruas”, “As putas da Rua das Flores”. Outros blocos vão surgindo, sem risos, sem som, sem bebidas, cortejos fantasmas em preto e branco. Velhos carnavales vivos e não vivos. Carnavais sem camisinha. Carnavais sem paredões. Dia de sol, domingo de fantasia, segunda de glitter e abadá, terça de ninguém é de ninguém, quarta de “tô me guardando pra quando o carnaval chegar”. Celebrar essa humanidade sem rumo, pensando que vive em outro mundo. “Se o amor é fantasia, eu me encontro em pleno carnaval”, como sonhou Vinicius de Moraes. “O Carnaval é uma festa de criança encenada por adultos”, garante o imaturo Pedro Pueril. “Carnaval pra quê, se eu passo o ano inteiro sambando na cara dos outros?”. E depois do carnaval? O chá de bebê. E depois? É emendar os fatos psicológicos carnavalescos, os afetivos, os representativos e os que escolhemos para puxar os vagões dessa composição alucinada carnaval a dentro das ruas mortas das quartas de cinza.

Prazeres inconsequentes, pileques homéricos, heroicos na resistência dos três dias de conflagração. Rolava até patente para os mais vigorosos e resolutos na arte de ingerir álcool. Cheguei à graduação de major. Desejos lancinantes, paqueras inconvincentes, excitações espantadiças. Alegrias mascaradas, dissimuladas, sub-reptícias. A camada do talco barato no suor do crânio, o cheirinho da loló recentemente inaugurado no éter etílico da quinta-essência dos principiantes da gandaia grotesca. O riso idiota aberto na rua, atrás dos caboclinhos. O gingado palerma, a dança bocó acompanhando o ritmo dos índios do mestre Mocó. O solfejo desarmonioso seguindo o cortejo das “Virgens Venéreas”. O primitivo instinto teatral seguindo os movimentos do mestre Josa e seus índios “Assombrados da floresta”. Maravilhamento diante do boi do mestre Especiá. Assustado, contemplando tanta audácia de meros “zé ninguém” transformados em condes, reis e rainhas, nobres do povaréu. “O malandro é o barão da ralé”, descobre Chico Buarque. O que resta de dignidade e brio do pobretão, desfilando solene e cheio de virtudes artísticas nas ruas do meu carnaval nostálgico. Os poetas da baderna, bêbados líricos da grande farra sazonal, o folião e sua fantasia no bloco de um homem só, insociável brincante se instituindo a si mesmo na sua expressão de arlequin engenhoso. Ecos de um carnaval distante da sociedade de consumo. Celebração pagá de antigos bárbaros comendo, bebendo e dançando tristemente em bailes de devaneios malcontentes. Desfile de blocos de uma só figura, os tais monoblocos.

Carnaval pandêmico. Desfiles cadavéricos, bailes macilentos, homens e mulheres mascarados antipáticos e enfermiços. Incivis e desabridos foliões sem máscara, lívidos de ignorância. Adereços desbotados lembrando a solução para o mal. Álcool em gel nas mãos do infiel. Desfile de massas humanas individualizadas, na solidão do carnaval dos estúpidos. Instintiva e intuitivamente, o bufão do carnaval quer ser cada vez mais uma barata galhofeira para fugir do chinelo baraticida. “Comamos e bebamos que amanhã morreremos”, assim escreveu o profeta em I Coríntios, 15:32. Ele, o iluminado bíblico, ainda garantiu que “os mortos não ressuscitam” e, portanto, aproveitem o carnaval enquanto a dona Onça Caetana não vem, disfarçada de febre, tosse, cansaço, perda de paladar e olhos vermelhos. Ela se aproveita da cobertura vacinal incompleta pra deitar e rolar no carnaval do flagelo pestilento. Nos carnavais primitivos, as bacantes evocavam o deus Dionísio (Baco para os Romanos), gritando festivamente: “Evoé, aí vem o carnaval!” Os que querem viver até a última gota azeda de vida, esses gritam no carnaval da pestilência: “Oh mané, tira o disfarce da cegueira e bota máscara!”

Colunista colaborador

LEI DE COTAS

Congresso está em ano decisivo

Norma passa por avaliação e reacende o debate sobre reserva de vagas para negros e indígenas em universidades

Rodrigo Baptista
Agência Senado

Em 2009, Thamiris Marques ingressou na Universidade de Brasília (UnB) pelo sistema de cotas. Aos 18 anos, ela foi a primeira da família a frequentar uma universidade pública. Pioneira entre as universidades federais, a UnB já contava com ações afirmativas antes mesmo da Lei de Cotas, que completa dez anos em 2022.

A própria norma prevê sua revisão neste ano. O ponto que gera maior controvérsia é o teor racial da reserva de parte das vagas, ou seja, a garantia de cadeiras para alunos negros e indígenas.

A Lei de Cotas (Lei 12.711, de 2012) prevê que 50% das vagas em universidades e institutos federais sejam direcionadas para pessoas que estudaram em escolas públicas. Desse total, metade é destinada à população com renda familiar de até 1,5 salário mínimo per capita. A distribuição das vagas da cota racial e deficiência é feita de acordo com a proporção de indígenas, negros, pardos e pessoas com deficiência da unidade da Federação onde está situada a universidade ou instituto federal, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Exemplo

Thamiris, que sempre estudou em escola pública, já tinha tentado vestibular antes, sem sucesso. Decidiu, então, concorrer a uma vaga pelas cotas no curso de serviço social, conquistada com um recurso após ser reprovada em entrevista para confirmar

sua afrodescendência.

Mas Thamiris não desistiu e, após escrever um texto sobre suas origens e vivências, garantiu a vaga.

Ela, que se formou em 2014, afirma que serviu de exemplo para outros familiares e pessoas do seu convívio.

Assim como Thamiris Marques, milhares de jovens que antes não viam a possibilidade de cursar o ensino superior passaram, com as cotas, a reivindicar e ocupar espaços nas universidades e institutos federais. De acordo com a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, do IBGE, o número de matrículas de estudantes pretos e pardos nas universidades e faculdades públicas no Brasil ultrapassou pela primeira vez o de brancos em 2018, totalizando 50,3% dos estudantes do ensino superior da rede pública. Apesar de maioria, esse grupo permanecia sub-representado já que correspondia a 55,8% da população brasileira.

Já o Censo da Educação Superior 2019, feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apontava que brancos ainda eram maioria somando universidades públicas e privadas: 42,6%. Pardos somavam 31,1%; pretos, 7,1%; amarelos, 1,7%; e indígenas, 0,7%. A raça/cor de 16% era desconhecida.

A mudança no perfil nas universidades brasileiras com as cotas também fica evidente com dados de um levantamento da Agência Senado em três das maiores universidades brasileiras.

■ **Milhares de jovens que antes não viam a possibilidade de cursar o ensino superior passaram, com as cotas, a reivindicar e ocupar espaços nas universidades e institutos federais**



Foto: Arquivo Senado

Precursora entre as federais, a UnB aprovou a política afirmativa em 2003 e tem, atualmente, um terço de suas vagas destinadas a pretos, pardos e indígenas

Pelo fim do caráter social

Projetos propõem desextinção do caráter racial até tornar a lei permanente.

O que acontece com as cotas se deputados e senadores não avançarem em uma revisão em 2022?

Apesar de prever essa avaliação após dez anos de vigência, a redação da lei não estabeleceu como esse processo deveria ocorrer e a que critérios obedeceria.

De acordo com a coordenadora da área de direitos humanos e cidadania da Consultoria Legislativa do Senado, Roberta Viegas, a Lei de Cotas não previu prazo para a sua extinção, ou seja, mesmo sem a revisão, a política de cotas continuará valendo e só pode ser alterada ou revogada por lei.

A lei permanece em vigor e somente uma lei poderá revogá-la.

Acredito que seria necessário, fundamental até, uma ampla discussão prévia à revisão legal, senão essa revisão não necessariamente atenderia às atuais necessidades da população alvo da lei de cotas — apontou a consultora.

No Congresso Nacional, tramitam vários projetos sobre o tema para preencher esse vácuo.

De um lado, matérias propõem a ampliação do prazo para a revisão nacional ou a transformação da Lei de Cotas em política

permanente no país. Por outro lado, há projetos que defendem a exclusão do critério étnico-racial para o acesso ao ensino

O PL 4.656/2020, do senador Paulo Paim (PT-RS), estabelece a revisão da Lei de Cotas a cada dez anos, entre outras mudanças.

Para o senador, qualquer redução na política de cotas significaria “um pesado golpe nas camadas mais necessitadas e discriminadas da população”.

O Congresso Nacional precisa reafirmar essa política exemplar que registra, entre 2010 e 2019, o crescimento de quase 400% no número de alunos negros e negras no ensino superior — destaca Paim.

O senador defende a aprovação do projeto de forma a assegurar a validade das cotas por, ao menos, mais 10 anos.

“Propomos que a suspensão das cotas possa se dar apenas após um intervalo de mais cinco anos, assegurada a sua aplicação no caso de redução da proporção verificada a partir da suspensão.

Dessa forma, haveria um gatilho garantindo o retorno à aplicação das cotas, como mecanismo de regulação da oferta de vagas, em benefício de seus objetivos, como meta permanente”, aponta o senador na justificativa da proposta.

Uerj foi pioneira na adoção dessa política

Estandarte do sistema de cotas, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) foi a pioneira na adoção da política afirmativa no país.

Desde o vestibular de 2003, parte das vagas é destinada a alunos autodeclarados negros e pardos e estudantes da rede pública de ensino, com base na situação socioeconômica dos candidatos.

De acordo com informações apuradas pela reportagem, 3.056 estudantes ingressaram via sistema de cotas no primeiro vestibular da Uerj. Em 2020, a universidade contava com 7.553 alunos cotistas vinculados.

Também do Rio de Janeiro, a UFRJ registrou um aumento significativo de estudantes

negros (pretos e pardos) desde a adoção das cotas no processo seletivo de 2011.

De acordo com a Pró-Reitoria de Graduação da UFRJ, o percentual de estudantes declarados negros (pretos e pardos) era pouco superior a 20% antes da adoção das cotas e, atualmente, gira em torno de 35%.

Precursora entre as federais, a UnB aprovou a política afirmativa em 2003, mas a regra começou a valer no ano seguinte. Atualmente, o total de vagas reservadas para pretos, pardos e indígenas nos processos seletivos da instituição, considerada a adoção de todas as políticas vigentes, corresponde a um terço do total (33,5%).

Em 2012, quando a Lei das Cotas foi sancionada, 10.680 estudantes pretos e pardos — de um total de 41.767 — estudavam na instituição. Hoje, somam 15.574 estudantes de um total de 42.929.

O exemplo de Thamiris e os dados sobre o aumento de matrículas de estudantes negros e indígenas em universidades demonstram que as cotas ampliaram a inclusão, a diversidade nas universidades e impactou milhares de famílias, o que, na avaliação do presidente da Comissão de Educação (CE), Marcelo Castro (MDB-PI), não deixa dúvidas de que a política afirmativa funcionou. O senador considera que são indistintos os avanços trazidos

URFJ

Também do Rio de Janeiro, a UFRJ registrou um aumento significativo de estudantes negros (pretos e pardos) desde a adoção das cotas de 2011

pela reserva de vagas a grupos historicamente excluídos e avalia que a lei só pode ser alterada “para melhor”.

Reserva de vagas mudou o país para melhor

“

É natural que a reserva (...) se incorpore, em caráter definitivo”

Rogério Carvalho

Outros projetos na Casa buscam incluir mais grupos na reserva de vagas ou mesmo tornar a política de inclusão permanente. É o caso do PL 1.676/2021, do senador Rogério Carvalho (PT-SE), que considera que a ação afirmativa

deve ser consolidada na legislação nacional. Na avaliação do senador, a política de reserva de vagas mudou o país para melhor

“É natural que a reserva, que se demonstrou tão bem-sucedida, se incorpore, em caráter definitivo, ao rol de políticas públicas do Estado brasileiro”, aponta Rogério no texto.

Já Confúcio Moura (MDB-RO) considera que a política deve ser estendida por lei para os cursos de pós-graduação. Atualmente, algumas universidades, como a UnB, já adotam cotas para seus cursos de mestrado e doutorado.

“Para que se maximize o objetivo reparatório e o efeito socialmente equalizador da reserva de vagas, é urgente que esses programas que formam os profissionais e pensadores do país incluam os segmentos sociais e étnicos destinatários do sistema de cotas”, aponta

Confúcio na justificativa do PL 3.552/2020

Se a expectativa dos senadores ouvidos pela reportagem é aprovar a extensão da política de cotas e promover alguns ajustes na ação afirmativa, na Câmara, o cenário está mais dividido. Na mesma linha das propostas dos senadores estão projetos como o PL 3.422/2021, deputado Valmir Assunção (PT-BA), que prorroga até 2062 a necessidade de revisão da Lei de Cotas.

Na contramão, está o PL 1.531/19, que elimina o critério racial de reserva de vagas em universidades e institutos federais de ensino

“Se os brasileiros devem ser tratados com igualdade jurídica, pretos, pardos e indígenas não deveriam ser destinatários de políticas públicas que criam, artificialmente, divisões entre brasileiros, com potencialidade de criar indevidamente con-

flitos sociais desnecessários. Se o disposto na Carta Magna se aplica a todos os âmbitos, não se deve dar tratamento legal diferenciado para a questão racial para o ingresso na educação pública federal de nível médio e superior”, defende a autora da proposta, deputada Professora Dayane Pimentel (PSL-BA)

O mesmo caminho é defendido pelo deputado Doutor Jazziel (PL-CE) no PL 5.303/2019, que foi pensado ao projeto da professora Dayane Pimentel.

“A educação superior pública, bem como o Ensino Médio técnico público, devem ser de acesso a todo e qualquer brasileiro, independentemente da cor e da raça. Cabe unicamente beneficiar aqueles que sejam egressos das instituições de ensino público e de baixa renda, assim como as pessoas com deficiência, critérios que são mantidos na norma legal”, argumenta o parlamentar.



A Adega, restaurante que tem como chef de cozinha o angolano Fred Ferreira, foi o local escolhido por Val Nascimento (entre as amigas Evelyn César, Dapaz Gonçalves e Jamira Guedes), para reunir uma turminha querida e festejar a vida, a saúde e a felicidade nesses tempos bicudos.



André Pinheiro, Jorge Figueiredo, Evaldo Sales Honfi, Liege Barbalho, Ricardo Castro, Juliana Rabelo Miranda, Maria Jardim, Alba Tavares e Wendell Rodrigues são os aniversariantes da semana



Para alegria da empresária Iolanda Reginaldo (na foto entre as amigas Eni Gurgel e Lúcia Farias), a Ric Presentes, loja instalada no Shopping Kadoshy, está festejando 25 anos de fundação.



O Festival de Música da Paraíba, evento que vai acontecer, nos dias 27 e 28 de maio, em Campina Grande, com a final no dia 4 de junho, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, é realizado pelo Governo do Estado, por meio da Secom PB, da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e da Funesc. Segundo a presidente da Empresa Paraibana da EPC, jornalista Naná Garcez (foto), a homenageada desta edição, a musicista Marinez, deixou um grande legado à rica musicalidade nordestina.



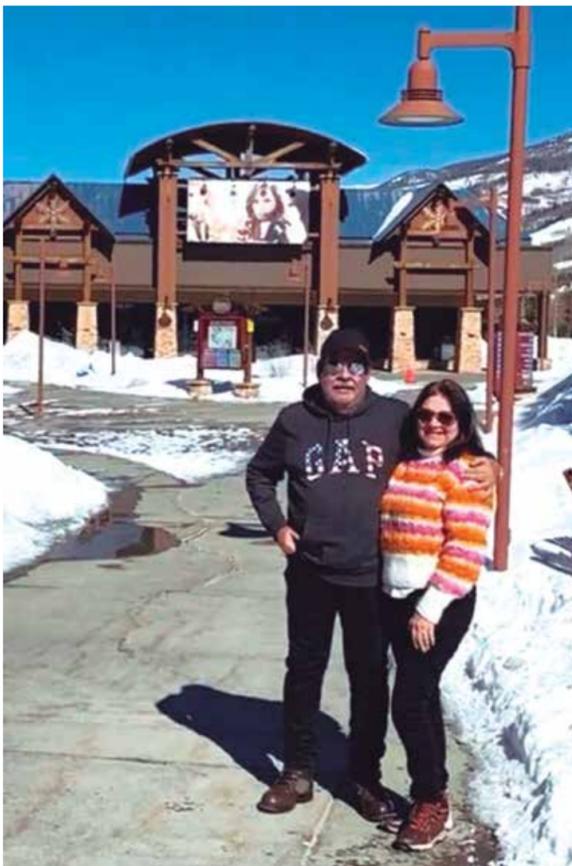
O município de Conde, localizado no Litoral Norte paraibano, é presença confirmada no Workshop Masterop Travel, evento que reunirá os maiores operadores e agentes de turismo da região, nos dias 25 e 26 de março, no Centro de Convenções de Maceió, no estado de Alagoas. A iniciativa é fruto de uma parceria com o Governo do Estado, através da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur) e da prefeitura de Conde, por meio da secretária de Turismo de Conde, Marília Melo (foto).



O Carnaval Frevo Mulher, evento carnavalesco idealizado pela colunista Hélia Botelho e, nesta edição, realizado por Rose Costa, homenageou a foliã Roberta Aquino, na foto com a anfitriã e com a amiga Almira Mendes.



O diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), André Pepitone, comunicando a posse do novo diretor-geral de Itaipu Binacional, o almirante Anatalício Ridsen Junior. A cerimônia aconteceu no Palácio do Itamaraty e contou a presença do presidente da República, Jair Bolsonaro.



Moema e Romero Reis, casal da melhor qualidade, aproveitaram o inverno americano, apreciando as belezas de Silverthorne, cidade localizada no Colorado.



O cirurgião bucomaxilofacial, Evaldo Honfi, festejou a aprovação da estagiária de seu consultório, Maria Victoria Laudelino, na Residência de Cirurgia e Traumatologia Buco Maxilo Facial na UFPB. A foto registra Dr. Evaldo entre a doutoranda e a, também, cirurgiã dentista, a ortodontista Dra. Jaqueline Marinho

O encontro de realidade virtual da Paraíba (VR DAY), projeto aprovado no edital Mãe Edith de Iansã, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, com recursos da Lei Aldir Blanc, foi lançado na última quarta-feira (23), na Arena Space VR, localizada no Manairá Shopping. Claro que registrei a foto das empreendedoras Priscilla Durand e Vitória Pinheiro.



IMOBILIÁRIA
PARAÍBA
PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83)
3204-0423
98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 2 de fevereiro de 2022

10,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

0,99%

R\$ 5,156

Euro € Comercial

1,68%

R\$ 5,808

Libra £ Esterlina

1,07%

R\$ 6,914

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2022	0,54
Dezembro/2021	0,73
Novembro/2021	0,95
Outubro/2021	1,25
Setembro/2021	1,16



APLICATIVOS EM ALTA

Negócios crescem com uso das plataformas digitais

Ao menos 77% dos microempresários paraibanos realizam vendas pela internet

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

A pandemia da Covid-19 foi um divisor de águas em diversos aspectos da sociedade, principalmente por ser um grande impulso da vida tradicional ao digital. Diante do isolamento social e da necessidade de adaptação ao novo cenário, o *home office* e o *e-commerce* foram algumas das saídas para empreendedores e empresários continuarem mantendo o trabalho ativo mesmo sem o contato físico com os clientes e consumidores. É a partir desse novo contexto que as pessoas, até mesmo os ainda não empreendedores, encontraram na internet uma oportunidade de driblar a crise econômica e o desemprego – seja complementando a renda ou como renda principal de casa.

De acordo com dados da 13ª edição da pesquisa “O Impacto da Pandemia do Coronavírus nos Pequenos Negócios” do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) junto à Fundação Getúlio Vargas (FGV), 77% dos paraibanos que são donos de pequenos negócios realizam vendas através das redes sociais, de aplicativos ou da internet (WhatsApp, Facebook e Instagram, por exemplo). Os demais 23% ainda não usam nenhuma dessas ferramentas.

Dentro desse percentual dos que realizam vendas pela internet, a maioria utiliza o WhatsApp como principal ferramenta de venda, seguido do Instagram e do Facebook. Outras pessoas priorizam ter a própria loja virtual e os demais se dividem entre o público de empreendedores

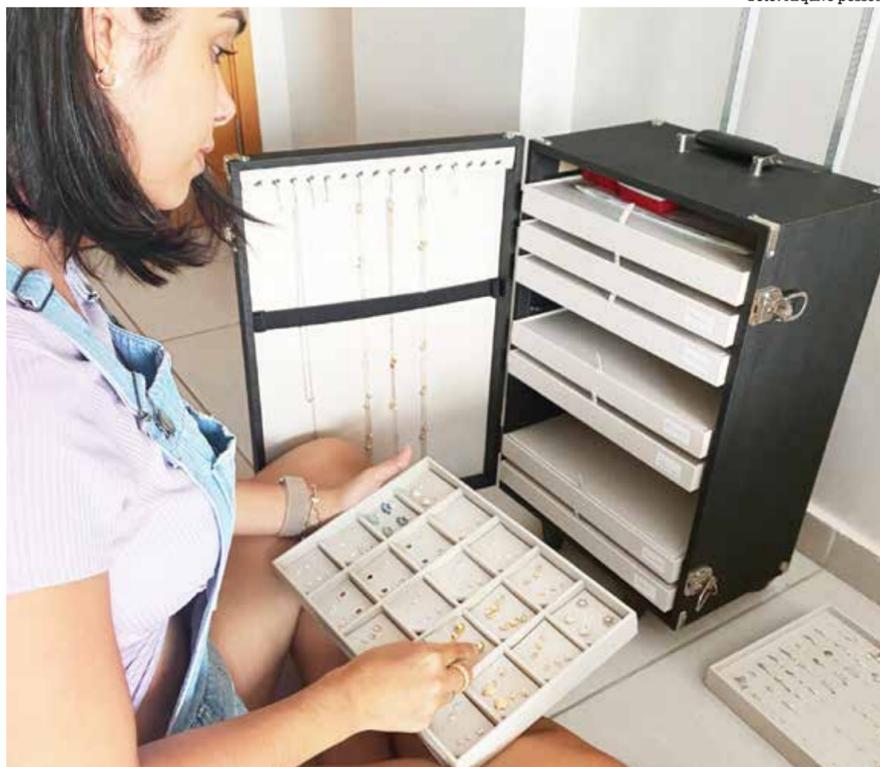


Foto: Arquivo pessoal

Julianny Luísa encontrou nas plataformas virtuais o ambiente ideal para o perfil de sua clientela

Vendas

Maior parte dos empreendedores que usam aplicativos em seus negócios prefere o WhatsApp

que utiliza plataformas como iFood e Rappi, de serviços e entrega a domicílio, e aqueles que usam aplicativos e sites com *marketplace*, como Magazine Luiza, Mercado Livre e OLX.

Além disso, outras ferramentas utilizadas estão relacionadas à divulgação e comunicação, como o WhatsApp

Business, programas de gestão, o Google para negócios, ferramentas de gestão de clientes e também anúncios pagos através do Google Ads, Facebook Ads ou Instagram Ads. Outra tecnologia que passou a ser aderida pelos empreendedores foi a modalidade de transação bancária chamada Pix – cerca de 93% dos paraibanos que possuem pequenos negócios já usam para vender.

Realidade nacional
O cenário paraibano está alinhado ao crescimento de negócios digitais percebido em todo o Brasil desde o início da pandemia. O fortalecimento das redes sociais como ferramenta de negócio, seja diretamente para vendas ou para anúncios, cresceu em todo o

país desde meados de 2020, de acordo com a pesquisa Panorama de Negócios Digitais Brasil 2020, da HeroSpark.

Segundo os dados fornecidos pela empresa, 54% dos novos empreendedores na internet surgiram a partir de 2020 e, destes, 62% buscavam um complemento na renda principal, mas mais da metade já transformou esse negócio em sua renda primária. Em relação aos que adotaram as redes sociais e demais plataformas como meio de divulgação, 40% utilizam o Instagram para se conectar com o público – desse percentual, 47% paga para promover anúncios e 53% mantém o chamado público “orgânico”, através de criação de conteúdos e demais estratégias de marketing.

Vantagens e desvantagens das lojas virtuais

Dentro dessa nova leva de empreendedores digitais está Geovana Soares, de 27 anos, dona da SORS Beachwear, uma loja virtual de biquínis e moda praia. A jovem conta que, na verdade, é estudante de Enfermagem na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas como precisou se mudar para o estado do Maranhão por um tempo, não transferiu o curso, que está trancado desde então. Ainda quando estava fora da Paraíba, ela teve o *‘insight’* para começar a empreender a partir de uma loja pela internet, usando as redes sociais.

A primeira ideia de Geovana contemplava uma loja de semijoias de prata e foi o primeiro contato dela com o empreendedorismo. “Eu fazia tudo sozinha através do Instagram. Cheguei a fazer site, na época da loja de pratos, mas era muito trabalhoso e para aquela clientela não

estava dando certo. Ela pedia algo mais rápido e mais fácil, então era direct no Instagram e WhatsApp”, comentou.

Quando retornou para João Pessoa, o nicho da loja mudou, mas a proposta de seguir no digital se manteve firme, principalmente em relação aos custos de montar uma estrutura física de vendas. “É um gasto grande de aluguel, de despacho, de arquitetura e espaço, porque tudo isso conta muito. No Instagram você consegue fazer isso dentro de um quarto, consegue montar um cenário e tirar boas fotos, e o mais importante, o Instagram entrega muito o conteúdo e esse conteúdo chega em muita gente”, argumentou.

Para Geovana, depois de duas experiências distintas, mas com muitos em comum, a principal vantagem do on-line é o baixo custo e, em segundas, as possibilidades de alcance com a internet, coisa

que fica limitada pela geografia quando se trata de um espaço físico. Apesar disso, essa mesma relação de alcance do Instagram, por exemplo, acaba sendo uma desvantagem por conta da relação com os algoritmos da plataforma.

Custo baixo
Com um pouco mais de experiência, Julianny Luísa, de 26 anos, é proprietária da Max Ju Acessórios, um *e-commerce* com site próprio de semijoias de prata, folheados e acessórios no geral.

Segundo a empreendedora, além do site, ela realiza vendas pelo WhatsApp, Instagram e faz tudo sozinha em relação à loja, que vem se adaptando desde 2014. “Não comecei pensando que ela iria crescer tanto, no início a ideia era vender para pessoas próximas para poder levantar um dinheiro, já que eu tinha acabado de sair do em-

prego”, lembrou.

Assim como Geovana, Julianny enxerga que a diferença de custo entre manter um negócio físico e virtual é uma das principais vantagens desse modelo de vendas. “Os custos são bem menores para manter uma loja on-line e o fato de eu conseguir vender para mais pessoas.

Em uma loja física as pessoas precisam se deslocar e acaba virando um nicho daquela cidade, daquela região, e numa loja on-line eu consigo vender para todo Brasil”, pontuou. Quando se trata das desvantagens, a jovem comenta que as vendas on-line ainda são consideradas inovadoras para muitas pessoas e o fato de que parte do público ainda não está habituado a comprar virtualmente, isso acaba sendo um obstáculo.

Continua na página 18

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa: a capital brasileira onde o emprego mais cresceu em 2021

Olá amigos leitores. Vamos falar sobre o crescimento do emprego formal no ano passado, com enfoque na nossa capital paraibana, João Pessoa. Em primeiro lugar, irei fazer uma breve reflexão sobre o tema. Ter um emprego se traduz em um importante meio não apenas para garantir a subsistência das famílias, mas, principalmente, para geração de riqueza e bem estar. À medida que os empregos aumentam, associados ao crescimento da produção de bens e serviços, temos um importante indicador de saúde de uma economia. Vale frisar que a produção sempre vem antes do consumo, é impossível consumir algo que ainda não foi criado. Logo, se estamos criando empregos, estamos produzindo, exceto quando os empregos são criados artificialmente.

Indo direto ao ponto, analisando o resultado das 27 capitais do Brasil, João Pessoa foi a capital onde o emprego mais cresceu em 2021. De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o emprego em João Pessoa cresceu 9,39% em relação ao estoque de referência (1º de janeiro de 2021), contabilizando 439.794 mil vínculos no final do ano, o resultado, inclusive superou a média nacional do Brasil que registrou crescimento de 7,08%. A segunda posição no ranking foi de Palmas (TO), com alta de 9,32%. Outras capitais como São Paulo (SP), com alta de 8,12%, ficou na oitava posição, Natal (RN) ocupou a 17ª posição, com alta de 6,15% e Recife (PE) ficou na 18ª posição, com alta de 6,09%.

No acumulado de 2021, João Pessoa abriu 15.361 postos de trabalhos com carteira assinada, muito acima do registrado em 2020, quando a cidade fechou o ano com a marca negativa de 4.862, o que significa dizer que o número de demissões em 2020 foi muito maior em relação ao número de contratações. Vale ainda destacar

que João Pessoa não contabilizou um único saldo negativo na geração de empregos durante todo o ano passado, enquanto muitas outras cidades o empregou encolheu, a cidade cresceu produzindo bens e serviços para os consumidores. Os números evidenciam o excelente ritmo de crescimento da retomada econômica mesmo em um contexto pandêmico na capital.

Dentre os cinco grandes setores (agropecuária, comércio, construção, indústria e serviços), o crescimento do emprego foi puxado por três setores: construção (15,78%); comércio (9,98%) e agropecuária (8,86%). A agropecuária, é visivelmente o menor setor aqui na cidade, contudo demonstrou forte crescimento por meio da atividade de pesca e aquicultura, com a maior taxa de crescimento, 34,69%. Na construção, as categorias de construção de edifícios e serviços especializados para construção cresceram, 17,62% e 15,79%, respectivamente. No comércio, destacou-se o comércio por atacado e o comércio varejista com taxas de 13,43% e 9,62%, respectivamente. O setor de serviços cresceu 8,53%, apresentando o maior saldo de empregos formais entre os demais setores, aliado à retomada dos eventos, fechando o ano também com o maior estoque de empregos com carteira assinada. Finalmente, a indústria, apesar do desempenho positivo (3,40%), obteve a menor taxa de crescimento entre os demais setores.

Por fim, com a produção de bens e serviços em alta, os empregos são uma consequência positiva, resta dizer que com a pandemia, o apoio do setor público às empresas é essencial para solucionar as necessidades de liquidez, solvência e preservação dos empregos. Tais medidas, quando bem implementadas, além de assegurar que as empresas estejam bem posicionadas no momento de retorno da atividade econômica, também acabam por evitar recessões mais profundas, prolongadas e prejudiciais para as empresas e os trabalhadores.

DEMANDA ELEVADA

Setor de alimentos é o mais favorecido

Plataformas digitais ajudam pequenos empresários a atenderem os clientes de forma rápida e com qualidade

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Um dos ramos que mais cresceu no período de isolamento foi o de alimentos, principalmente doces e sobremesas. A Reino Doce é uma loja on-line de confeitaria que atua no ramo há cerca de seis anos e se fortaleceu no digital diante do novo cenário. O funcionamento atual conta apenas com entrega a domicílio e retirada, com vendas feitas virtualmente. Patrícia Numeriano, de 39 anos, e Wlamir Filho são os gestores. Natural de Recife, ela está em João Pessoa há 11 anos e o marido, natural de São Paulo, é seu braço direito no negócio.

A produção da Reino Doce é diária e as vendas acontecem a partir de plataformas como iFood, 99Food e as entregas em domicílio - o *delivery* - próprias da loja. Segundo Patrícia, além dos doces e sobremesas, também são vendidos bolos em chantininho e oferecidos cursos on-line e presenciais, quando possível. A empresária justifica que o virtual foi uma possibilidade de aumentar as vendas e alcançar os clientes e, a partir disso, o que começou como renda extra se tornou

a renda principal da casa. “No mundo virtual começamos a trabalhar também nossa página do Instagram, encantando, envolvendo e trazendo pedidos para o *delivery*”, completou.

Facilidades

A facilidade do digital em possibilitar estrutura para quem está começando agora ou quem já tem alguma experiência é uma vantagem que Patrícia leva muito em consideração. “Você não precisa ter uma estrutura de atendimento ao público, dá pra começar seu negócio da cozinha de sua casa. Enquanto a venda no *delivery* traz comodidade e conforto ao cliente. Trabalhamos sempre buscando surpreender de maneira positiva e se colocando no lugar do cliente que vai consumir nossos produtos. Se você conseguiu a primeira venda, fidelize”, enfatizou a confeitadeira.

Do mesmo modo que o virtual abre caminhos, algumas dificuldades surgem justamente frente à falta de contato. “A logística de entrega sem dúvida é o maior desafio. Trabalhamos com clientes cada vez mais exigentes que não aceitam esperar mais de 30 minutos por um pedido de alimento,



Empresa de Wlamir e Patrícia se fortalece nos canais digitais

por isso, muitas vezes ficamos reféns da logística das plataformas que atendem aos restaurantes com muita eficiência”, disse Patrícia.

De acordo com a empreendedora, para manter essa demanda com um atendimento eficiente é necessário um investimento mais alto nas empresas que prestam serviço de entregas. “Nossa escolha é trabalhar com a logística das plataformas, pois percebemos que nossos clientes ficam muito mais satisfeitos com o tempo de espera, o rastreamento do pedido, o atendimento da própria plataforma e o atendimento dos motoboys, sem contar que os motoristas de aplicativo são bem capacitados no momento do transpor-

te para que o alimento chegue em perfeitas condições na casa do cliente”, observou Numeriano.

■ **Vendas feitas pelo comércio delivery oferecem comodidade para os consumidores, que buscam variedade de produtos sem sair de casa**

■ DICAS PARA INICIAR NO EMPREENDEDORISMO DIGITAL

• Encontrabilidade

“Você já se buscou na internet? Já viu como é fácil acessar ou quanto é difícil o encontrar na internet? Isso se chama encontrabilidade. Se você tem um negócio e ainda não colocou no Google Meu Negócio, por exemplo, é importantíssimo você colocar e ter todas as informações sobre sua atividade no Google, principal buscador da internet hoje”, orienta Bera Wilson, especialista do Sebrae Paraíba.

• Estude sobre o que você quer

vender, falou ou ensinar

“Se não fizer isso vai colecionar muitos erros e vai deixar a sua jornada muito cansativa”, observou Amanda Siqueira, especialista em empreendedorismo.

• Tenha clareza e constância

• **Conheça seu público**
“Saiba exatamente para quem você vende e aprenda que ninguém vende pra todo mundo, mesmo que seja uma necessidade de muitos. Por

exemplo, a marca Bic vende canetas há anos, têm como proposta vender para todos, e nem mesmo assim consegue, afinal têm quem prefira a marca Compacto”, explica Amanda Siqueira.

• Não se compare

“Faça o seu. No empreendedorismo digital tem muito isso de comparação, mas não deixe que abalem sua identidade. Acredite no que você faz”, enfatiza Amanda.

• Adote o “overdelivery”

“Deseje entregar sempre mais do que te pedem. Venda o que é preciso, mas entregue sempre um bônus. Isso fideliza e gera conexões”, conforme pontua a especialista em empreendedorismo.

• **Construa uma rede de apoio**
“Esteja perto de quem não te vê como concorrência. Abrace as pessoas que querem ver seu sucesso. Pode até ser um número pequeno, mas são essas que te incentivam”, finaliza Amanda Siqueira.

Pandemia intensificou criação de negócios digitais

Bera Wilson é analista de negócios e atua na área de estratégias digitais do Sebrae Paraíba. De acordo com a percepção da especialista, a pandemia intensificou o crescimento do mercado virtual, principalmente no empreendedorismo. “Durante esse período o salto que o Brasil deveria ter dado foi de alguns cinco, até 10 anos. A pandemia acelerou esse processo. Então, quem não estava no digital precisou entrar imediatamente. Os seus clientes já estavam no meio digital. Muitos negócios, vamos colocar os pequenos negócios, não estavam preparados para atuar de forma digital e quem estava saiu na frente”, argumentou.

“

Devido aos bloqueios, às dificuldades em relação aos protocolos da própria pandemia, a alternativa era atuar em meio digital

Bera Wilson

Foto: Arquivo pessoal

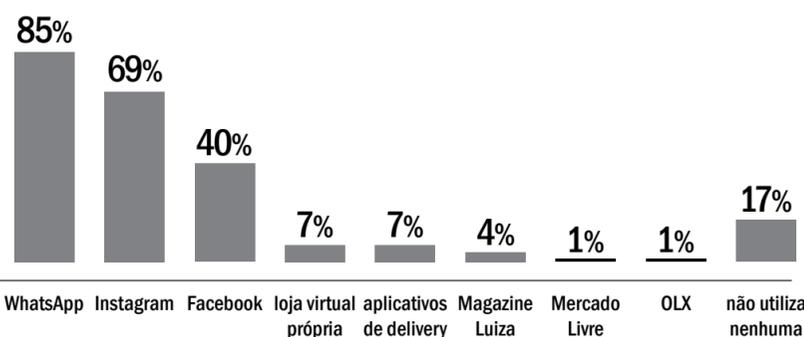


Amanda Siqueira orienta outras mulheres a empreender

O investimento em um negócio digital pode ter se apresentado como solução para, por exemplo, o cenário de desemprego que se delineou no país diante da pandemia, com o fechamento de lojas e empresas, de maneira geral. Além disso, “devido aos bloqueios, às dificuldades em relação aos protocolos da própria pandemia, a alternativa era atuar em meio digital”, lembrou Bera.

Segundo a especialista do Sebrae-PB, uma das principais características que um profissional precisa desenvolver para atuar no digital é a criatividade e também a autoridade virtual. “Precisa ter conhecimento sobre ferramentas, sobre a usabilidade, sobre o que é presença digital. Precisa tra-

■ PLATAFORMAS DIGITAIS UTILIZADAS POR EMPREENDEDORES PARAIBANOS



balhar muito a questão do conhecimento e de como gerenciar todas essas informações e não tem outro caminho a não ser vivenciar tudo isso através de capacitação, de qualificação e de envolvimento nesse ambiente”, pontuou Wilson.

Para Bera, essa autorida-

de e maturidade com o on-line, que surge a partir do contato com as ferramentas, deveria se desenvolver ainda nas escolas, através de educação no meio virtual, “inclusive com todas as questões éticas e também de legislação como a Lei Geral de Proteção de Dados Pes-

soais (LGPD). Tem muita gente aí fazendo cadastro de cliente e não tem conhecimento, por exemplo, na LGPD. Então, é preciso ter a ciência de que existe todo um regramento também sobre o que acontece no digital”, alertou a analista de negócios.

Conhecimento e clareza são essenciais

Apesar das diferenças, existem algumas similaridades entre os negócios virtuais e os físicos e uma delas compete às ferramentas de crescimento. “No digital tem algumas vantagens que você consegue, como manter a gestão financeira mais controlada se utilizar boas ferramentas. Se não sabe utilizar, busque informação”, orienta Bera Wilson.

A analista do Sebrae-PB lembra que a instituição tem cursos sobre gestão financeira. “A gente recomenda sempre negociar com os seus fornecedores e buscar crédito. Quando você tem uma estratégia muito bem definida sobre o que fazer com esse crédito ele vem a incrementar essa empresa”, destaca.

Amanda Siqueira, de 28

Cursos
Buscar orientação é uma necessidade para quem pretende empreender em qualquer área

anos, empreende desde os 17 e hoje, a partir das experiências que já teve em todos esses anos, sejam as bem-sucedidas ou não, ela auxilia outras mulheres com mentorias e orientações de empreendedorismo. “Todos os processos da minha jornada como empreendedora foram e são muito desafiadores,

mas também de muitos ensinamentos e experiências. O meu atual negócio tem como principal missão instruir empreendedoras a não viver de erros nos seus negócios e alinhar posicionamento pessoal como marca e o virtual (nessa era digital). Acredito muito que o divisor de águas para chegarmos onde desejamos é o conhecimento daquilo que queremos ser, vender ou fazer”, explicou.

Assim como Bera Wilson, Amanda acredita que o impacto da pandemia foi muito grande no crescimento dos negócios digitais. “Acredito que a pandemia, sendo um cenário tão negativo e triste, gerou necessidades e, com tudo isso, por questões de sobrevivência, muitas pessoas usaram de coragem para

se lançarem nesse mercado digital”, analisou Siqueira. Para ela, como os negócios presenciais foram pegos de surpresa pelos impactos do isolamento social, o que restava era aceitar o cenário, se mostrar flexível e mergulhar no que surgia de novidade. “Tudo mudou, isso é fato, e empreender é isso: mudar de cenários”, completou.

Para se dar bem no empreendedorismo digital, Amanda destaca que é preciso ter clareza e desenvolver bem a comunicação, que se apresenta como a chave de tudo. “Acredito que entrar nesse mundo sem comunicação clara seria não ter um básico. Conhecimento e comunicação são elementos básicos, clareza e verdade são os complementos disso”, enfatizou.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Desertificação e corais ameaçados

Aumento global da temperatura já afeta ecossistemas na Caatinga e no Litoral da Paraíba

■ A partir do século XIX, o homem é a principal mola propulsora das variações atuais, como, por exemplo, a queima de combustíveis

Renato Félix
Assessoria SECAT

O noticiário em todas as plataformas esteve atento nos últimos dias à tragédia que se abateu na cidade fluminense de Petrópolis: um temporal no qual desabou a quantidade de chuva prevista para o mês inteiro. Eventos extremos como esse (ou grandes secas, nevascas onde não costumava nevar, etc) são decorrência das mudanças climáticas pelas quais passa o planeta, como resultado da ação predatória do ser humano ao longo dos séculos. Essa realidade preocupante é visível em escala global e também nas proximidades: pesquisadores que estudam o meio ambiente na Paraíba, por exemplo, apontam como os ecossistemas locais já são afetados e o Governo do Estado também já toma ações para esse combate.

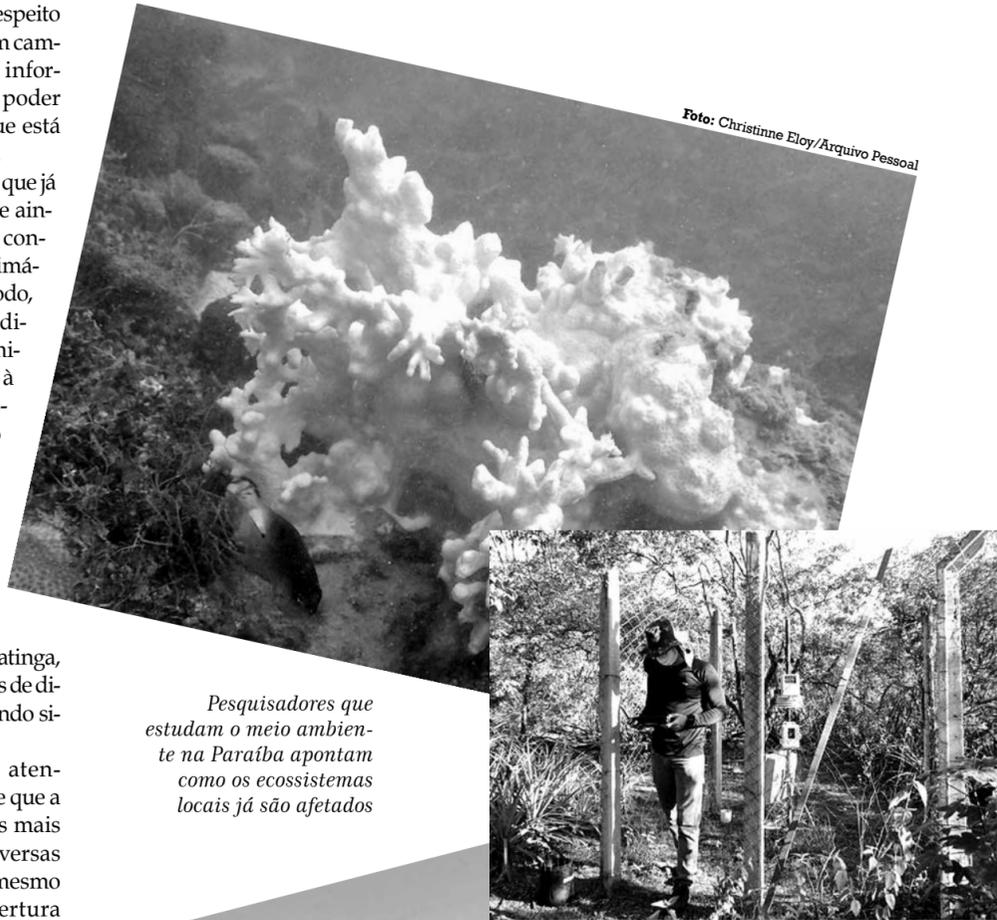
Mudanças climáticas (alterações a longo prazo no clima e na temperatura) podem acontecer por motivos naturais – o planeta já passou por elas, mais ou menos dramáticas. Mas a partir do século XIX é o homem a principal mola propulsora das variações atuais, como, por exemplo, a queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás), que geram emissões de gases de efeito estufa. Desmatamento, por sua vez, libera dióxido de carbono. A ONU alerta que, no ritmo em que estamos, o aumento na temperatura global pode chegar a 4,4°C no final do século.

O professor Bartolomeu Israel de Souza, do Departamento de Geociências da UFPB, desde 2017 recolhe e analisa com sua equipe dados de estações meteorológicas instaladas no Cariri paraibano relacionados a chuvas, temperatura e umidade do ar e dos solos. Ele antecipa que é um período curto para cravar estatísticas precisas sobre mudanças climáticas. “A Organização Mundial de Meteorologia (OMM) recomenda que tenhamos ao menos 30 anos de dados para levantar qualquer hipótese sobre esse tema”, informa. “Para avançarmos nessa questão, temos que investir mais em tecnologia, tanto do ponto de vista re-

moto quanto no que diz respeito aos aparelhos instalados em campo, para coleta direta das informações necessárias, para poder captar mais e melhor o que está acontecendo no ambiente”.

Mas ele também afirma que já dá para perceber sinais. “Se ainda não chegamos a nada conclusivo sobre mudanças climáticas no Cariri como um todo, os dados coletados nos indicam efeitos de mudanças microclimáticas relacionadas à diminuição histórica da cobertura vegetal”, aponta. Isso cria, segundo ele, situações de elevação da temperatura de superfície que, entre outras consequências, tornam difícil o restabelecimento da vegetação através de sementes de uma série de espécies da Caatinga, afetam a fertilidade dos solos de diversas áreas na região, criando situações de desertificação.

O professor chama a atenção, também, para o fato de que a Caatinga é um dos biomas mais ameaçados do Brasil. “Diversas pesquisas mostram que, mesmo os remanescentes de cobertura vegetal melhor preservados são, predominantemente, muito pequenos, além de continuamente afetados pelo desmatamento”, alerta. “Isso acarreta, além da perda da biodiversidade, um agravamento das condições hídricas, já que os solos diminuem a capacidade de armazenamento de água; aceleração dos processos erosivos, com efeitos diretos nas taxas de assoreamento dos açudes, diminuindo o volume de água passível de ser estocado; elevação das temperaturas locais, com efeitos diretos no que restou da cobertura vegetal e no bem-estar de animais e pessoas; efeitos diretos na agropecuária, com a diminuição da produção nas áreas afetadas por processos de degradação”.



Pesquisadores que estudam o meio ambiente na Paraíba apontam como os ecossistemas locais já são afetados



Temperatura afeta os recifes de coral do Litoral paraibano

Se a situação não é a mais confortável no Semiárido, ela também preocupa no oceano: o aquecimento está atingindo em cheio os recifes de coral do Litoral paraibano. A bióloga, mergulhadora e educadora ambiental, Karina Massei, notou, em fevereiro de 2020, tinteiros (animais marinhos que soltam tinta) aparecendo mortos na praia. E, de uma semana para outra, os corais entraram em um processo de branqueamento massivo.

“Isso pode matar os corais. Os deixamos sem a camada protetora das microalgas e eles não conseguem se alimentar”, explica. Ela entrou em contato com colegas, que pesquisaram no site da National Oceanic & Atmospheric Administration (NOAA), órgão do governo dos Estados Unidos. “A plataforma quantifica temperaturas e correntes. E a Paraíba ficou nos níveis 1 e 2, os mais críticos. Isso durou até junho”.

Ela conta que foi a primei-

ra vez que viu como os animais estavam sofrendo com as mudanças climáticas, com espécies de peixes morrendo por causa da pressão sofrida com o aumento das temperaturas. “A gente sente os efeitos de modo geral – e podem ser drásticos”, alerta ela. “30% dos corais esbranquiçados voltaram a ter cor. O restante morreu ou foi coberto por algas”.

Investimento

O Governo do Estado vai começar a trabalhar mais diretamente no assunto começando por um inventário dos gases de efeito estufa. “A gente precisa ter um diagnóstico e conhecer o que é que o nosso estado gera de gases para, então, estabelecer qualquer política pública que caminhe nesse sentido: de reduzir a emissão desses gases e, assim, contribuir para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas”, afirma Vanessa

Fernandes, gerente executiva de Meio Ambiente da Secretaria de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirh/ma).

O governador João Azevêdo assumiu, em setembro passado, este compromisso no evento Global Citizen Live. A Paraíba foi um dos sete estados da Federação a participar da iniciativa, que reuniu diversos shows ao redor do mundo e líderes que se comprometeram à defesa do clima e no combate à pobreza. “Ao final de 2023, um índice de 87% de toda a energia elétrica produzida na Paraíba virá do sol e dos ventos. Temos atualmente 16 áreas de conservação no estado e assumimos o compromisso de criar mais uma até 2025, além de alcançar emissões líquidas zero até 2050”, comentou o governador, na ocasião.

“O Governo do Estado encara essa questão com muita seriedade”, afirma Vanessa.

“O Governo precisa assumir o seu papel enquanto formulador e executor de políticas públicas, na busca pela melhoria da qualidade de vida do cidadão paraibano. Mas ciente que isso tudo está dentro de uma perspectiva integrada. As mudanças climáticas não acontecem só aqui, o que leva ao velho jargão: ‘pensar globalmente e agir localmente’”.

A Paraíba também integra o Consórcio Brasil Verde, lançado em novembro, durante a COP26, a conferência do clima realizada em Glasgow, Escócia. É mais uma maneira dos governadores, se articulando, escaparem da dependência de um Governo Federal nada interessado nas questões da ciência e buscarem investimentos por si próprios.

“Se não tivermos cuidado com o impacto local, vamos perder a função daquele ambiente ameaçado”, diz Karina. Ela já encampa um

projeto dedicado à restauração ecológica dos recifes de corais, financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq/PB) e que conta com o envolvimento da comunidade. “Estamos tratando das licenças com a Sudema e a Capitania dos Portos”, conta. O projeto já deve estar funcionando na prática daqui a um mês.

“É imprescindível que tenhamos políticas públicas efetivas e contínuas voltadas à zona rural, alicerçadas, por exemplo, na divulgação e incentivo a sistemas agroflorestais, por apresentarem menor impacto ao ambiente, além da ampliação das unidades de conservação, acompanhada de ações fiscalizadoras que limitem os danos a essas terras, entre outras, como já está previsto em diversas leis”, acrescenta Bartolomeu. “O futuro da caatinga e dos milhões de pessoas que vivem nesse bioma vai depender das nos-

sas decisões e ações de hoje, o que passa, necessariamente, por uma análise do quanto se quer investir nessa região, em termos de políticas públicas e de ciência, para que possamos encontrar um caminho de desenvolvimento mais harmonioso entre o que se convencionou chamar de sociedade e natureza”.

“**É imprescindível que tenhamos políticas públicas efetivas**”

Bartolomeu Israel de Souza

ESPAÇO ECOLÓGICO

Informação em defesa da natureza

Há 18 anos, programa da Tabajara FM leva notícias, orientação e debate sobre as questões ambientais

Sara Gomes
sara.gomes@reporteruniao@gmail.com

Criado há 18 anos, o programa Espaço Ecológico, da Tabajara FM, tornou-se, ao longo desse período, uma referência na divulgação de ações que contribuem para a preservação do meio ambiente, levando ao ouvinte informações, dicas e orientações para que cada um possa engajar-se na luta ambiental, compreendendo a importância dessa atitude. “O desafio é sensibilizar o setor público, privado e o ouvinte sobre educação ambiental e sustentabilidade e as graves questões ambientais”, afirma Gualberto Freire, diretor executivo do programa.

O aniversário de 18 anos foi celebrado no último dia 7, um marco não só para o programa, como também para o ativismo ambiental na Paraíba. O Espaço Ecológico é veiculado todo sábado, das 8h às 9h, na Rádio Tabajara FM 105,5, apresentado por Adriana Costa e Clemilson Sousa.

Também é transmitido todo sábado e reprisado aos domingos, às 8h, pela web Rádio Delta Recife. Na internet, o programa mantém um portal, que repercute os assuntos discutidos no rádio, e ainda amplia os debates, estimulando e ampliando os conhecimentos sobre as questões ambientais.

Este ano, o programa tem buscado parcerias e apoio financeiro para que possa ser veiculado também nas rádios de cidades-polo como Guarabira, Campina Grande, Monteiro, Patos, Cajazeiras e Sousa.

Em casa e na escola

O programa Espaço Ecológico tem a função social de levar informação à população, além de oferecer dicas, poesias, crônicas e entrevistas com especialistas ligados ao meio ambiente. Ele também divulga campanhas sobre o consumo consciente da

água, energia e prática da coleta seletiva.

Tanto é que, em outubro de 2014, o programa serviu como instrumento de educação para uma atividade pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Aurélio Teixeira de Carvalho, no município de Lucena, Litoral Norte da Paraíba.

De acordo com o diretor executivo Gualberto Freire, a coordenadora da escola colocou os alunos para ouvir o Espaço Ecológico, aos sábados, pois teriam que anotar as ideias e temas abordados no programa para executá-las na escola. “Os alunos criaram um projeto na escola chamado ‘Ouvindo o meio ambiente’, onde escutavam o programa para discutirem com os professores temas como coleta seletiva, como evitar o desperdício de água e energia, compostagem... Esse foi um grande mérito do programa”, lembrou.

Gualberto Freire disse também que o Programa Espaço Ecológico surgiu por causa de uma criança de 11 anos, que questionou ao vivo

■ O programa vai ao ar todos os sábados, pela Tabajara FM, das 8h às 9h, levando ao ouvinte debates sobre ecologia e o papel do cidadão na preservação do planeta

como era feito um clone. Foi através desse acontecimento que ele percebeu que o rádio é um instrumento de educação, inclusive, ambiental. “Na época, a novela ‘O Clone’ estava em alta, então, trouxemos um psicólogo, um geneticista e um pastor para discutir, cada um em sua perspectiva, sobre a clonagem humana. Durante o programa, fomos surpreendidos pela ligação da criança”, disse. Após pesquisa de campo, foi elaborado um roteiro e composição do programa, pois observou-se a ausência de um programa de educação ambiental na rádio paraibana. Um ano depois, foi inaugurado o Programa Espaço Ecológico na Rádio Tabajara”, contou. Além disso, o programa de rádio veicula campanhas educativas de preservação da barreira do Cabo Branco, da mata do buraquinho, das tartarugas marinhas, do combate à dengue, para se evitar desperdício de água e energia e alimentos e a realização da compostagem. Outra ação que merece destaque é a campanha sobre o combate ao mosquito da dengue que transmite chikungunya e zika, incentivando o ouvinte a eliminar os focos do mosquito da sua casa.

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Divulgação



Adriana Costa e Clemilson Sousa apresentam o programa, que vai ao ar todos os sábados, das 8h às 9h

Dicas, cursos e artigos no portal

Você sabia que dá para planejar uma festa de casamento ecológica? Desde o vestido da noiva até o cardápio, tudo pode ser pensado de maneira a não agredir a natureza. Outra dica importante: pequenas mudanças dentro de casa podem ter impacto positivo para o meio ambiente. Basta saber colocá-las em prática. Separação do lixo, reciclagem, reutilização da água... Atitudes que fazem a diferença para a vida no planeta.

Essas dicas e muitas, muitas outras dicas estão no portal “Espaço Ecológico”, do programa da Tabajara FM, na internet. Há uma grande quantidade de dicas fáceis de seguir, com instruções, orientações e imagens que ajudam o internauta.

Quem navega pelo portal também encontra artigos sobre vários temas, as-

sinados por pesquisadores e estudiosos abordando questões ambientais. Os assuntos vão desde o desenvolvimento econômico do Nordeste até segurança alimentar, mudanças climáticas e o tratamento dado aos animais.

Uma das categorias mais interessantes do portal é “Arte de Reciclar”. Na página, o internauta pode aprender a realizar trabalhos artesanais, como casinhas de bonecas de papelão, objetos de decoração com pneus, rolinhas e garrafas antigas. Uma série de dicas sobre reutilização e reciclagem de materiais, que garantem benefícios ao meio ambiente e prazer a quem se dispõe a apreender. Ideias como decorar vidros ou confeccionar flores com caixas de ovos podem até mesmo surgir como uma opção de renda.

O portal ainda traz en-

trevistas, crônicas, poesias e informações sobre cursos e congressos. Para os mais curiosos, a página “Geografia Ambiental” está repleta de informações sobre biomas, espaços ecológicos e santuários, com matérias sobre a vida nos oceanos, a poluição que afeta os rios, o degelo de icebergs e uma grande quantidade de outros assuntos.

Para quem gosta de aventuras, o portal traz informações detalhadas, com dicas e imagens, das trilhas mais procuradas na Paraíba, com dados de vários municípios. Há ainda páginas sobre espécies em extinção, medicina verde, entrevistas e debates importantes sobre o destino do lixo, projetos ambientais, maneiras de evitar o desperdício e notícias variadas sobre ecologia e educação ambiental.

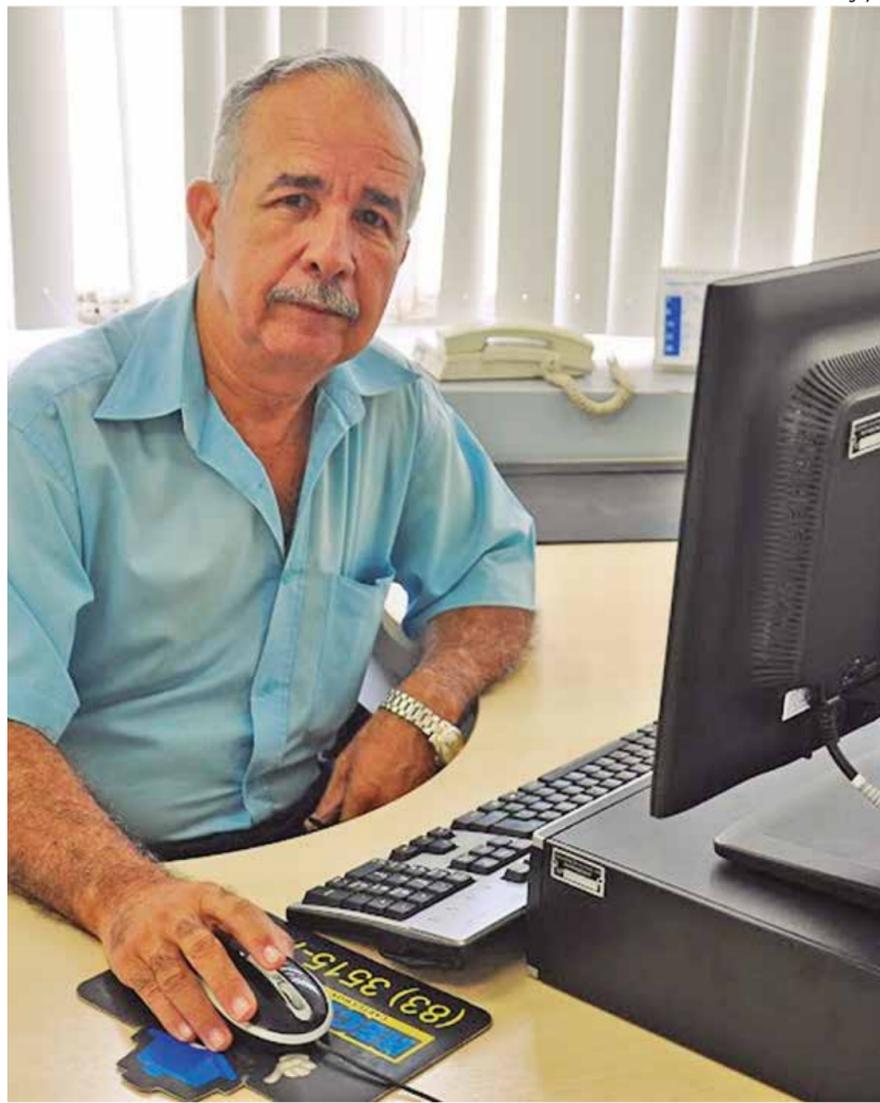


Foto: Divulgação

Gualberto Freire ressalta o papel importante do programa no debate sobre questões ambientais

SEU CARNAVAL É NA TABAJARA

Sintonize FM 105,5

MARKETING EPC

Baixe o app da Tabajara e escute em qualquer lugar.

Tabajara 105,5

EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

ANDERSON MATHEUS

Comentarista impressiona, apesar de sua pouca visão

Deficiente visual busca o reconhecimento de seu trabalho, produz conteúdo esportivo nas redes sociais e comenta futebol através de seu canal 'Deu Olé'

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O que você faria se não enxergasse por um olho e tivesse apenas 10% da visão do outro? Pois essa é a condição visual de Anderson Matheus, de 22 anos, natural de Santa Rita, que de tanto admirar o futebol passou a fazer comentários de jogos que acontecem dentro e fora do país. A pouquíssima visão não é nem de longe empecilho para o jovem correr atrás do sonho de se tornar um grande e reconhecido comentarista.

Nas redes sociais começou ainda em 2014, falando sobre vida e carreira de grandes jogadores, mas foi no ano passado que surgiu a ideia de criar um espaço apropriado para a postagem de conteúdos variados, sempre relacionados ao futebol, claro, a grande paixão do entrevistado. "É incrível, inexplicável, faz chorar, sorrir... é diferenciado. Não são 22 caras correndo atrás de uma bola, é muito mais que isso". E foi dessa admiração que Anderson tirou a ideia do 'Deu Olé', espaço onde produz e posta vídeos, notícias, entrevistas e onde publica também alguns comentários de jogos.

A desenvoltura impressiona. Posicionado bem próximo ao televisor para não perder nada, Anderson Matheus detalha posições, jogadas e lances minuciosos. Difícil para o jovem, que pretende cursar faculdade de jornalismo para aprimorar técnicas e valorizar o talento que é nato, é narrar uma partida com o Flamengo ou o Barcelona, times considerados

do coração. "Se você está comentando um jogo de um time que você torce, não tem como não dá pinta, uma hora você vai demonstrar alegria ou nervosismo". Já quando o jogo é com o time de coração dos outros, a diversão é garantida. "Quando você tá narrando, principalmente quando você não está torcendo, é muito divertido".

Diversão é, também, coisa séria. Apesar de ainda não tirar o sustento da comunicação, uma meta que pretende alcançar em breve, Anderson leva a sério o trabalho. No 'Deu Olé' já teve a oportunidade de entrevistar grandes referências, à exemplo dos jornalistas esportivos Mauro Beting, Bruno Vicari, Felipe Facinani, Carol Bernardi entre outros profissionais de renome no segmento. "Por enquanto comento em uma rádio, em Recife, e também no meu espaço, o 'Deu Olé'. Mas quem sabe depois dessa entrevista eu não conquisto uma vaga no Jornal A União ou na Rádio Tabajara", sugere.

É, mas Anderson Matheus tem outros sonhos e assistir uma Copa do Mundo de dentro do estádio é um deles. "A próxima é no Catar, muito distante e caro, eu acredito que dê mais certo na outra que vai ser nos Estados Unidos, Canadá e México". O garoto simples, de Santa Rita, sabe que pode chegar lá e não tem pressa. O maior evento de futebol do planeta é sim um objetivo a ser conquistado e não há de ser assim tão difícil, principalmente para quem já mobilizou a internet e conseguiu em poucos dias o valor que precisava para realizar uma cirurgia de urgência no olho.

Foto: Arquivo pessoal



Anderson Matheus é natural de Santa Rita e já entrevistou nomes importantes do jornalismo esportivo como Mauro Beting e Bruno Vacari, entre outros

Foco no futebol

Apesar da pouca idade, Anderson Matheus tem uma história de muita luta quando o assunto é saúde. Não que as internações e cirurgias sejam motivo para desânimo, longe disso, o comentarista nem valoriza muito essas questões. No caso da visão, os 10% que possui, garante, são suficientes para acompanhar o rolar da bola pelo monitor da televisão. "Consigno sim, só preciso me aproximar um pouco", reforça. Em relação à visão, nasceu sem enxergar pelo olho direito, no esquerdo a alta miopia e astigmatismo foram agravados por uma pancada tomada ainda na infância. "Foram muitas cirurgias, acredito que umas 10", lembra a mãe e grande apoiadora Edzangela Maria. Na última, a mobilização através de uma vaquinha em rede social, conseguiu arrecadar os sete mil reais necessários para o procedimento.

Anderson corria o risco de perder o que lhe restava da visão, mas não foi o que aconteceu. "Parentes, amigos, minha noiva e um grupo de torcedores do Palmeiras que nunca me viram fizeram um banner bem bonito e postaram, participaram com doação, me ajudaram muito. Não tem como não mencionar esse pessoal de São Paulo, eles foram demais".

Além da luta para manter a visão, há seis anos Anderson faz tratamento contra o lúpus, doença autoimune que atinge o sistema imunológico. Descoberta em 2016, é capaz de afetar o corpo de maneira sistêmica e fora de controle pode causar danos importantes à saúde. "Comprometeu ainda mais a saúde de Matheus que chegou a ter reação à medicação. Chegou a ficar mal, passou alguns dias internado na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) e desenvolveu um problema renal em decorrência da doença", detalha a mãe.

Mas apesar de toda luta e de tantos momentos difíceis, que acabaram marcando a trajetória do jovem garoto apaixonado por futebol, não são essas as memórias que Matheus costuma carregar. Na verdade, as questões com a saúde parecem nem importar tanto, na verdade importam, mas não limitam nem condicionam, muito pelo contrário. As melhores lembranças sempre saem de dentro do campo. "O primeiro jogo que comentei foi Flamengo e Fortaleza pelo Campeonato Brasileiro, no ano passado. Estreei nesse dia e o pessoal gostou muito e eu segui fazendo as transmissões". O mesmo aconteceu durante as Olimpíadas de Tóquio, no Japão, quando ele precisou trocar a noite pelo dia. "Comentei natação, vôlei, futebol, surf... tudo era comentado. O complicado foi só o horário, mas deu tudo certo".

E já está dando. Para quem já superou tantos desafios seguir é como estar em partida de futebol, uma final do Flamengo ou do Barcelona em casa, com estádio lotado com a torcida cantando alto e vibrando a cada gol. Assim Anderson Matheus vai seguindo, mostrando que força, coragem e talento são essenciais para ser um campeão.

“

Parentes, amigos, minha noiva e um grupo de torcedores do Palmeiras que nunca me viram fizeram um banner bem bonito e postaram, participaram com doação, me ajudaram muito. Não tem como não mencionar esse pessoal de São Paulo, eles foram demais.”

Anderson Matheus

Foto: Arquivo pessoal



■ No caso da visão, os 10% que possui ele garante que são suficientes para acompanhar o rolar da bola pelo monitor da televisão

ATLETAS E CBV

Impasse ganha mais um capítulo

Novo formato do Circuito ainda gera insatisfação, mas a solução só deve vir após a quinta etapa, em maio

Laura Luna
lauraluna@gmail.com

O impasse entre atletas do vôlei de praia e a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) ganhou mais um capítulo esta semana. A reunião com atletas e representantes do esporte trouxe à tona mais uma vez o novo formato do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia. Por hora, nenhuma mudança vai acontecer, o que ficou acordado é que após a quinta etapa do circuito, que acontece no mês de maio, uma nova reunião será realizada com a Comissão de Atletas para avaliação dos resultados e possíveis ajustes. Entre os atletas paraibanos o clima ainda é de insatisfação.

O atleta do Qualifying, campeão paraibano e potiguar de vôlei de praia, Luan Whendell, que faz dupla com Nílto Santos, confessou que as novidades foram aquém do esperado. “Não foi como a gente quis, e tem o detalhe que ainda está em fase de testes... essa nova gestão é bem autoritária, dá pouco espaço para os atletas, tratam até de forma desrespeitosa”. O atleta, que como tan-

tos outros não jogou a primeira etapa do campeonato, que aconteceu em Saquarema (RJ), no final de janeiro, pretende sim jogar a próxima etapa que será realizada em Maringá (PR) no mês de março. “Estamos tentando, pesquisando passagens aéreas. A questão é que os atletas estão se organizando para participar porque precisam da premiação para pagar as contas”.

As mudanças nas regras do Qualifying, com apenas um set de até 25 pontos na primeira rodada, e na distribuição dos prêmios, que precisou ser dividido em decorrência da maior quantidade de etapas, estão entre as principais queixas. Insatisfeitos, atletas de vôlei de praia de todo o país fizeram uma espécie de boicote e esvaziaram as quadras na primeira etapa do campeonato. A expectativa, segundo o que foi divulgado em nota pela CBV, é que os atletas de todo o país participem das próximas etapas para que possam “ao menos experimentem o modelo”. O campeonato segue até dezembro com a próxima etapa a ser realizada de 24 a 27 de março em Maringá (PR).

Foto: Divulgação



O paraibano Luan Whendell não ficou satisfeito com a trégua dada para buscar uma nova solução

CADEIRAS DE RODA

Basquete paraibano segue treinando para o Brasileiro

Laura Luna
lauraluna@gmail.com

A equipe de Basquete em Cadeira de Rodas da Associação Atlética das Pessoas com Deficiência da Paraíba (AAPD/PB) está treinando firme com foco no Campeonato

Brasileiro, que acontece no mês de junho na cidade de Campo Grande (MS). O time, que está treinando na Vila Olímpica Parahyba, tem como foco a subida para a segunda divisão.

Na equipe, única da modalidade no estado, que reúne vários títulos

brasileiros e já esteve entre as cinco melhores equipes do Brasil na primeira divisão, pelo menos 12 atletas estão treinando para a competição. O ala Jean Azevedo, um dos fundadores da equipe, formada em 2001, lembrou que as dificuldades dos últimos anos tiraram o basquete da

AAPD/PB da primeira divisão, mas ele está esperançoso e acredita que o brasileiro vai marcar a retomada da equipe entre as principais do país. “A gente vai disputar a terceira divisão, mas com grande perspectiva de subir para a segunda”.

Jean disse ainda que um dos mo-

tivos da equipe ter caído para a terceira divisão é o fato de que os atletas paraibanos acabam chamando a atenção de outros times. “Perdemos muitos atletas... a gente forma, aí vem equipes de outros estados, principalmente de São Paulo, e acabam levando nossos atletas”.

SURDOLIMPIADAS

Mapeamento traça o perfil do surdoatleta no Brasil

Realizada entre os dias 3 e 7 de dezembro, em São José dos Campos (SP), a Surdolimpíada Nacional 2021 extrapolou os limites do esporte. A competição, que reuniu 740 atletas de todo o país, foi o ponto de partida para uma iniciativa inédita promovida pela Secretaria Nacional de Paradesporto (SNPAR) da Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania: o Diagnóstico do Surdoatleta no Brasil.

O objetivo deste diagnóstico foi subsidiar tanto a Secretaria Nacional de Paradesporto quando a CBDS de informações que nos permitam traçar um perfil mais preciso do surdoatleta no Brasil”

Ao todo, 670 brasileiros, de 23 unidades da Federação, todos surdos ou com deficiência auditiva e praticantes de esportes, responderam a um questionário produzido pela SNPAR que teve como objetivo traçar o perfil do surdoatleta no Brasil. O questionário foi preparado de forma acessível, com perguntas em vídeo com tradução para LIBRAS.

A maior parte dos que responderam ao questionário (80%) disputou a Surdolimpíada 2021 no interior paulista. Os demais são praticantes de esporte para surdos que tiveram acesso à pesquisa por meio de parceria da SNPAR com a Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS).

O diagnóstico indica que 35,7% dos entrevistados vivem na região Sudeste, sendo que a maior parte deles moram no estado de São Paulo. Na sequência, aparecem as regiões Sul (29,2% do total), Nordeste (20,5%), Centro-Oeste (10%) e Norte (4,7%). Os estados de Roraima, Acre,

Tocantins e Sergipe não tiveram representantes no diagnóstico, pois nenhum atleta desses estados respondeu ao questionário.

O diagnóstico descobriu ainda que 415 dos 670 entrevistados (61,9%) pratica esporte orientado por um treinador. A maioria deles, 625 (93,2%) não recebe auxílio financeiro voltado para a prática esportiva.

A pesquisa mostrou que, dos 670 entrevistados, 69,4% nasceram surdos. Os demais ficaram surdos ou com deficiência auditiva ao longo da vida. O diagnóstico também identificou a frequência de dias e horas por semana que eles dedicam aos

treinos e há quanto tempo e onde eles praticam esportes.

Modalidades

Outro dado refere-se às modalidades praticadas, com uma predominância de esportes coletivos. O vôlei, com 155 praticantes, seguido por handebol (138) e basquete (52) foram os mais citados. Na sequência, aparece o atletismo, com 51 praticantes no grupo de entrevistados.

No total, os surdoatletas ouvidos são integrantes de 15 modalidades: atletismo, badminton, basquete, boliche, ciclismo de estrada, tênis de mesa, handebol, nata-

ção, mountain bike, vôlei, vôlei de praia, xadrez, judô, taekwondo e caratê. “O objetivo deste diagnóstico foi subsidiar tanto a Secretaria Nacional de Paradesporto quando a CBDS de informações que nos permitam traçar um perfil mais preciso do surdoatleta no Brasil”, explicou o secretário nacional de Paradesporto, Antônio Guedes.

“Tivemos um número expressivo de participantes de todas as regiões e praticamente de todos os estados. Os dados nos permitirão promover políticas públicas mais eficientes para o surdoatleta brasileiro”, continuou o secretário.

A Surdolimpíada Nacional aconteceu no início de dezembro do ano passado, em São José dos Campos, interior paulista



Foto: Caio Henrique / CBDS

670

brasileiros, de 23 unidades da Federação, todos surdos ou com deficiência auditiva, responderam a um questionário para traçar o perfil do atleta



Técnico vê a Copa no Catar como limite para o seu trabalho na seleção brasileira e sonha em ser campeão

ANÚNCIO ANTECIPADO

Tite vai deixar a seleção após a Copa

Técnico sinaliza a convocação do meia Raphael Veiga, do Palmeiras, em jogos das Eliminatórias

Agência Estado

Melhor jogador do Palmeiras já faz algum tempo, o meia Raphael Veiga nunca escondeu sua vontade em vestir a camisa da Seleção Brasileira. E a realização do sonho parece mais próxima do que ele imagina. Ontem, o técnico Tite revelou no Redação SporTV que a convocação do palmeirense "está no radar". O treinador ainda confirmou que fica no comando da equipe nacional apenas até o fim da Copa do Mundo do Catar, no fim do ano, e mostrou as táticas utilizadas com o

time, em sua avaliação, sempre ofensivas.

Tite esteve na bancada do programa ao lado do apresentador Marcelo Barreto e do jornalista Tim Vickery e não fugiu das questões. Falou ainda sobre o que pede aos jogadores contra cada adversário, do jogo adiado com a Argentina, da invasão de treinadores portugueses no país e que ganhar a Copa seria completar o currículo campeão.

Ao avaliar a posição de camisa 10, Tite falou sobre Philippe Coutinho, Lucas Paquetá, disse que Neymar agora também faz a fun-

ção e citou Raphael Veiga. Um internauta quis saber se o palmeirense "está no radar" e ele garantiu que "sim". "Há duas convocações eu já fiz essa referência a ele." O chamado pode estar próximo.

O treinador reafirmou que deixa a Seleção Brasileira após a realização da Copa do Mundo do Catar. "Eu tenho consciência exata da minha participação. Vai até o final do Mundial", afirmou Tite, garantindo que está chegando a hora de outro profissional assumir e ser avaliado. "Não é o momento de falar sobre isso, mas também não quero me omitir, não é do meu perfil"

Sobre o jogo com a Argentina, interrompido na Neo Química Arena e remarcado pela Fifa, Tite não vê necessidade da realização, pois não mexeria com a posição das seleções nas Eliminatórias. Na minha visão não seria prudente. "Não vai trazer benefício algum"

Na parte tática, Tite mostrou que quer sempre sua seleção atacando, buscando o gol a todo momento. Defendeu duas convicções e não escondeu que seus jogadores podem usar da ousadia e do drible. Desde que com objetividade e respeito. "Existe um passe, uma finta que você olha para o lado e mostra desprezo ao ad-

versário. Sabemos disso. Por isso, a orientação é que faça, sim, mas vá para o gol."

Na visão de Tite, os clubes nacionais cada vez mais investirem em comandantes portugueses não é nenhuma surpresa. Para ele, esse crescimento se dá pelo trabalho de qualificação feito em Portugal há anos.

"Existem bons e maus profissionais brasileiros e portugueses. O Brasil está começando agora a capacitação profissional. A CBF Academy (curso de técnicos da CBF) tem cursos que qualificam o profissional. Os portugueses têm isso há 30 anos ou mais", afirmou.

SÃO PAULO

Rogério Ceni vê atacante Luciano aquém na parte física

Agência Estado

Luciano é considerado imprescindível para Rogério Ceni e sua entrada no segundo tempo diante do Campinense, pela Copa do Brasil, quinta-feira, seria o primeiro passo para a volta ao time titular do São Paulo. O treinador imaginava iniciar a partida contra o Água Santa, amanhã, com o atacante desde o início, já visando o clássico com o Corinthians, mas terá de mudar os planos após ver um jogador bem aquém do preparo físico esperado.

"Ficou 60 dias parado entre férias e lesão. Pelo que vi nos treinos, imaginei ele em uma produção melhor e que suportaria mais, mas a conclusão de hoje é que ele precisa trabalhar um pouco mais", lamentou Ceni após a 0 a 0 em Campina Grande, na Paraíba. "A minha ideia era ele começar de titular no fim de semana (segunda-feira), mas, pelo que produziu, não tecnicamente, porque como flutuação é o cara que melhor faz isso no elenco, mas a parte física conta, então precisa evoluir nisso"

Ceni não esconde seu apreço por Luciano, mas acabou frustrado com a evidente falta de ritmo e de fôlego de seu atacante. "Tecnicamente é um jogador que gosto muito. Quando jogamos nesse sistema, com dois homens de frente, ele ajuda porque flutua muito entre linhas. É o que melhor faz isso. O Nikão faz isso também, mas joga mais pelo lado. O Luciano

vem e agrega um homem mais no meio de campo, chega para finalização, é um cara que fala, é chato no bom sentido, pede bola, quer jogo... No momento, ele ainda está abaixo do que estava no ano passado. O que é normal para quem estava parado 60 dias."

Possivelmente, nem para o clássico mais o atacante deve ser titular. Já o colombiano Andrés

Colorado chegou com moral com o treinador e pode aparecer em breve na equipe, apesar das ressalvas de Rogério Ceni.

"Fizemos um treino e meio, ele teve que fazer visto, não estava inscrito na Copa do Brasil. Mas mostra ser um jogador de boa dinâmica, consegue percorrer muito em direção à área, pisa muito na área, finaliza. Pela altura, tem

um bom jogo aéreo, e pode ajudar a gente, seja com Pablo, Nestor ou três homens de meio", analisou o técnico. "Ele não jogou esse ano e isso pesa, assim como o Luciano, que pensamos que estaria bem fisicamente hoje e ainda falta um pouco. O Colorado é a mesma coisa, mas é um jogador jovem, que a gente pode observar até o final do ano e com um bom valor."

Foto: Reprodução/Instagram



Luciano passou 60 dias parado e vem retornando aos poucos

Jogos de hoje

■ ALAGOANO

16h
 CRB x Desportivo Aliança
 Jacyobá x Murici

■ BAIANO

18h
 Juazeirense x Bahia

■ CARIOCA

11h
 Volta Redonda x Nova Iguaçu
 16h
 Flamengo x Resende
 19h
 Portuguesa-RJ x Botafogo

■ PAULISTA

11h
 Corinthians x Bragantino
 16h
 Inter de Limeira x Palmeiras
 18h30

Santos x Novorizontino

20h30
 Botafogo-SP x São Bernardo

■ MARANHENSE

16h
 Sampaio Corrêa x São José-MA

■ POTIGUAR

15h
 Força e Luz x Globo

■ GAÚCHO

16h
 Ypiranga x Guarany
 Novo Hamburgo x Aimoré
 19h
 Frederiquense x Brasil

■ PARANAENSE

16h
 Athletico x Operário
 Cianorte x São Joseense



Foto: Guilherme Drovos/Botafogo

O meia Anderson Paraíba durante treinamento na Maravilha do Contorno

ANDERSON PARAÍBA

Meia é o diferencial no Botafogo

Jogador foi escolhido o craque da partida em três dos cinco jogos disputados pelo clube na Copa do Nordeste

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo está bem próximo de conseguir a sua classificação para a próxima fase da Copa do Nordeste e grande parte desse sucesso da equipe deve-se a participação de dois jogadores, que vêm se destacando na equipe e sendo considerados alguns dos melhores da competição. O primeiro nome, é claro, é o do artilheiro Gustavo Coutinho, com seus gols decisivos, inclusive, marcou contra o Sport, na última quinta-feira, quebrando um jejum do clube de 37 anos sem vencer na Ilha do Retiro, e o outro é o do meia Anderson Paraíba, que alcançou um feito inédito na história do clube: conseguiu ser escolhido pela imprensa e os torcedores como o melhor jogador em três dos cinco jogos disputados pelo Belo na competição regional.

Na última quinta-feira, em Recife, mais uma vez o atleta foi considerado o melhor em campo no jogo contra o Sport. Ele já tinha sido eleito o melhor da partida contra o CSA e também contra o Globo, todas as três, fora de casa.

Aos 31 anos, já bastante experiente, tendo jogado em vários clubes do país e,

inclusive, do exterior, Anderson Paraíba, que é de João Pessoa, está vestindo, pela primeira vez, a camisa do seu time do coração, o Botafogo. O atleta começou a sua carreira no futsal e se destacou na equipe do Benfica.

O garoto, na época, foi observado por Josivaldo Alves, proprietário e técnico do CSP, que resolveu levá-lo para treinar futebol de campo no clube. Logo, ele se destacou e jogou pelo Tigre na Copa São Paulo de Futebol Júnior, no ano de 2009 e teve uma ótima atuação no empate com o Corinthians. Ele fez parte da equipe de melhor participação na competição paulista, que não se classificou porque na época o regulamento classificava apenas o primeiro colocado, no caso o Corinthians. O CSP ficou em segundo com cinco pontos e invicto. A partir daí, ele começou a chamar a atenção de vários clubes, como revelou Josivaldo Alves, técnico do Centro Sportivo Paraibano.

“Eu o levei para as categorias de base do Grêmio, do Novo Hamburgo e do Sport. Ele ainda passou pelo CSA e o ABC, quase ficou no Botafogo, mas o negócio não prosperou. Depois, ele passou por vários clubes e inclusive jogou na Grécia. Sempre foi um jogador diferenciado e o futebol que ele está jogando hoje não é uma surpresa para mim. Ele e o Botafogo estão de parabéns com esse sucesso”, disse Josivaldo, orgulhoso de ter revelado o craque para o futebol nacional.

Anderson, antes de fechar com o Botafogo, estava no Manaus do Amazonas. Quando chegou ao clube disse que estava muito feliz em ter uma oportunidade de vestir a camisa do clube do coração e não decepcionou. Dos pés dele, saíram as principais jogadas que resultaram em gols do time nesta temporada.

“Essa foi sempre uma oportunidade que eu busquei, quando jogava nas outras equipes, o sonho de voltar a jogar na Paraíba e no Botafogo, o meu time do coração, que eu torço desde quando era criança. E a torcida pode ter certeza de uma coisa, eu darei o máximo possível para dar alegria à torcida do Belo”, disse o atleta, reconhecendo que está passando por um grande momento em sua carreira.

TREZE

Jogadores seguem em atividades, mesmo no período do Carnaval

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Treze segue a sua maratona de preparação para o retorno à disputa do Campeonato Paraibano. O Galo vem realizando os seus trabalhos no Estádio Presidente Vargas, em Campina Grande. Neste fim de semana, o clube não realiza nenhum amistoso e realiza atividades com os jogadores mesmo durante todo o período do Carnaval.

Sem jogar uma partida oficial desde o último dia 12 de fevereiro, o alvinegro aproveitou a liberação do Estádio Presidente Vargas, para realizar um amistoso com o Sertânia-PE e acabou vencendo pelo placar de 2 a 0, no meio de semana. Agora a ideia da diretoria é retomar os trabalhos já visando o compromisso na próxima rodada do Estadual.

“Com a aproximação da nossa próxima partida pelo Campeonato Paraibano, vamos nos preparar para buscarmos a segunda vitória na competição, onde teremos um adversário difícil pela frente. Mas se quisermos chegar longe, precisamos estar preparados para enfrentar qualquer um”, pontuou Olavo Rodrigues, presidente do clube.

A terceira partida do Galo pelo Campeonato Paraibano está agendada para o dia 6 de março, contra o



Foto: @cassiano13fc

Na última sexta-feira, o Treze fez um amistoso contra o Sertânia-PE e venceu por 2 a 0, no Presidente Vargas

Nacional de Patos, em Campina Grande. Com aval do Ministério Público da Paraíba, o clube vai sediar a partida no Estádio Presidente Vargas, com a capacidade máxima de 2,5 mil torcedores.

Nesta temporada, o “Clássico dos Maiorais” contra o Campinense acontece no dia 22 de março. Mesmo com a partida ainda distante, o presidente do Treze, Olavo Rodrigues, apimentou a rivalidade. O dirigente alvinegro acredita que um dos objetivos do clube é vencer o rival de Campina Grande.

“Estamos preparados para vencer qualquer adversário dentro da disputa do Campeonato Paraibano, e principalmente, o nosso grande rival. Um de nossos objetivos é vencer o Campinense. O adversário vive um grande momento, no entanto, temos forças para encará-lo de igual para igual e buscarmos uma vitória”.

Até antes da partida contra o Campinense, a diretoria do alvinegro vai ao mercado em busca de reforços e pretende anunciar a contratação de um atacante, um volante e um zagueiro.

Foto: Guilherme Drovos/Botafogo



Anderson Paraíba recebe o troféu de melhor da partida em jogo da Copa do Nordeste

Obras d'artes em metal e pedra, com história

Paraíba tem mais de 100 pontes férreas erguidas no passado para dar acesso em pontos antes inacessíveis

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

No decorrer da expansão da estrada de ferro na Paraíba, inúmeras obras de engenharia ferroviária, como pontes, viadutos, bueiros, pontilhões – também chamadas de obras d'artes –, foram erguidas para dar acesso em pontos até então inacessíveis. Segundo o geógrafo e pesquisador Jônatas Rodrigues Pereira, existem uma média de 107 a 116 pontes ferroviárias no estado.

Essas estruturas tinham características distintas, muitas delas sendo projetadas inicialmente em madeira, posteriormente em materiais mais sólidos e resistentes, como pedra, metal e concreto armado. “Inúmeras dessas obras d'artes tiveram fundamental importância, tanto no acesso de um ponto para outro, quanto no contexto sócio-econômico-cultural de uma região. Muitas dessas pontes fizeram e ainda fazem parte da cultura e história de inúmeras localidades da Paraíba, sendo lembradas muitas vezes com carinho e saudosismo”, comenta Jônatas.

Entre as pontes existentes em terras paraibanas, ele ressalta a Ponte de Cobé, localizada sobre o Rio Paraíba, em um sítio de mesmo nome, no município de Cruz do Espírito Santo. Construída pela Wilson, Sons & Co., e administrada pela The Conde D'Eu Railway Company, entre 1881 e 1883, possui 237 metros de comprimento, constituindo na mais longa ponte ferroviária do estado.

Segundo ele, essa ponte foi totalmente destruída com a surpreendente enchente do Rio Paraíba em fevereiro de 1924. Uma nota emitida pela Companhia Great Western of Brazil Railway (GWBR), de 8 de fevereiro de 1924, no jornal Diário de Pernambuco, traz o seguinte anúncio, conforme a grafia da época: “G.W.B.R. Interrupção da Linha – Ponte de Cobé – Em virtude de se achar damnificada a ponte de Cobé em consequência da grande enchente, achando-se por isso interrompido o tráfego de trens sobre a mesma, esta Companhia previne ao público que até segundo aviso não serão effectuados despachos de carga, bagagem, encomenda e animaes nem emittidos bilhetes de passagens para as estações de Cobé até Natal, inclusive ramaes Alagoa Grande e Tunel”.

O pesquisador Jônatas Rodrigues afirmou que a interrupção perdurou por meses e, no decorrer do ano, a GWBR construiu uma ponte de madeira provisória, já que a antiga foi totalmente levada pela enxurrada. Apenas em 1940 o Governo Federal, juntamente com o estadual, decidiram construir uma nova ponte, com 250 metros de comprimento, inaugurada em junho de 1941. “O ato inaugural contou com a presença do interventor estadual Ruy Carneiro e o superintendente da companhia, o engenheiro Manoel Leão. Estava, enfim, inaugurada a nova ponte, sanando totais problemas ocorridos pela grande cheia de 1924”, frisa.

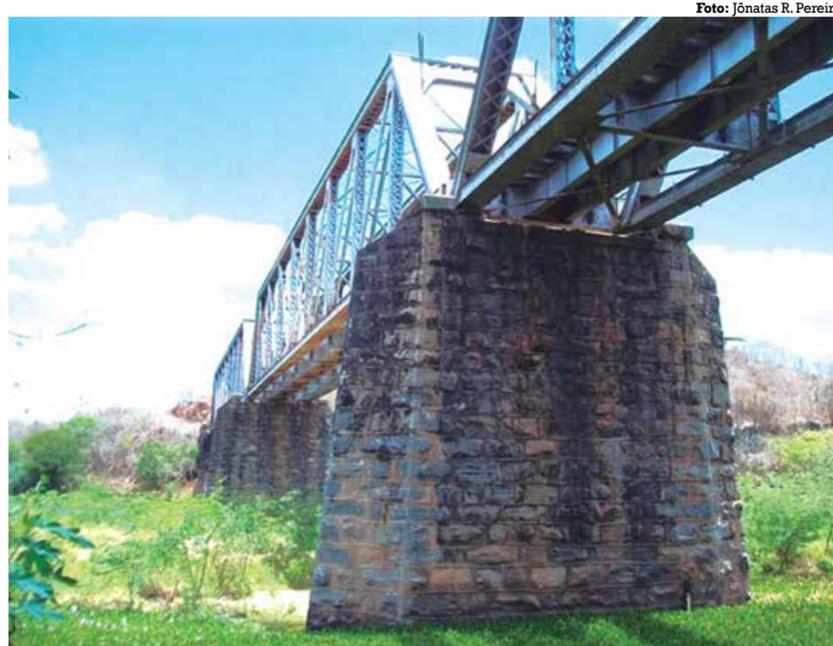


Foto: Jônatas R. Pereira

A Ponte de Guarita, no município de Itabaiana, é também chamada de Ponte Lauro Muller

A estrutura em Itabaiana foi construída para transpor o Rio Paraíba, entre os anos de 1905 e 1907, pelo Governo Federal e constitui uma das obras d'artes mais importantes do prolongamento ferroviário entre Itabaiana e CG

Outros destaques

■ Ponte Cachoeira dos Guedes, em Guarabira: está localizada a cerca de três quilômetros da cidade de Guarabira em estrutura metálica, com ombreiras e pilares de pedras e concreto, sobre o Rio Araçagi. Foi construída originalmente entre 1882 e 1883 pela Wilson Sons & Co. “A grande cheia de junho de 1936 levou completamente a antiga ponte, cortando o tráfego entre Guarabira e João Pessoa, além de outras localidades”, declara Jônatas Rodrigues. A ponte foi reconstruída no formado atual em 1942 (nos tempos da GWBR). “O último trem circulou pela ponte em 2000 para nunca mais voltar”, lembra.

Ponte do Rio Manguape, em Mulungu: erguida originalmente entre 1881 e 1883 pela construtora Wilson, Sons & Co., a serviço da The Conde D'Eu Railway Company Limited. Fica a 300 metros da saída de Mulungu, em direção ao município de Guarabira. O pesquisador Jônatas Rodrigues afirma que ela foi destruída durante a grande cheia de meados de 1936, sendo reconstruída nos moldes atuais em princípios da década de 1940. Os estragos foram causados por uma grande tempestade que durou cerca de 50 horas ininterruptas. A ponte tem 75 metros de comprimento, por oito metros de altura e deixou de funcionar em 2000.

Ponte Rio do Peixe, em São João do Rio do Peixe: construída entre 1921 e 1922 pelo Ifocs, teve como finalidade prolongar o ramal até a Paraíba e consequentemente ligar Fortaleza, no Ceará, à Parahyba (João Pessoa, a partir de 1930). Posteriormente, foi entregue à administração da RVC. Segundo Jônatas, a vinda da ferrovia a São João do Rio do Peixe foi uma conquista incansável do Padre Sá, chefe político e religioso local, pois teve de lutar contra a pretensão das autoridades de Cajazeiras, que reivindicavam para o seu município. A ponte tem 38 metros de comprimento, cuja base foi construída em pedra e concreto.

Trechos abandonados no interior

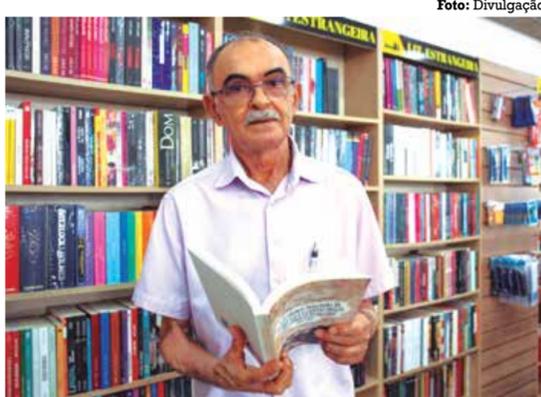


Foto: Divulgação

Josemir Camilo de Melo é historiador e “colecciona história”

Foto: Divulgação

Já a Ponte de Guarita, implantada no município de Itabaiana, é também chamada de Ponte Lauro Muller, devido à curta distância da antiga estação, localizada nas proximidades do Distrito de Guarita, sobre o Rio Paraíba. Segundo Jônatas, foi construída para transpor o Rio Paraíba, entre 1905 e 1907, pelo Governo Federal e constitui uma das obras d'artes mais importantes do prolongamento ferroviário entre Itabaiana e Campina Grande.

Tudo o material de ferro fundido empregado na construção dessa obra provém da Frodingham Iron & Steel de Leeds, na Inglaterra. Com 150 metros de comprimento, por aproximados dez metros de altura, tem uma estrutura bastante forte, pois resistiu à “grandiosa” cheia registrada no ano de 1924, elevando as águas do Rio Paraíba a mais de 12 metros, destruindo parte das instalações locais.

O pesquisador afirma que parte da estrutura está corroída pela ferrugem. Esse trecho do interior paraibano foi completamente abandonado no início da década de 2010, sem nenhuma perspectiva de retorno das atividades ferroviárias. “Um belo patrimônio que pede socorro pela sua importância histórica no estado da Paraíba”, salienta.

Em Salgadinho

Outra ponte de ligação que vale ressaltar é o Viaduto da Serra da Viração, na cidade paraibana de Salgadinho, no km-129, entre as estações de João Leite, antiga Estaca Zero, e Abismo, antiga Salgadinho. De acordo com Jônatas Rodrigues, a obra foi inaugurada em 15 de setembro de 1957 pela Rede Ferroviária do Nordeste (RFN), no trecho que liga Campina Grande a Patos. Trata-se do mais alto viaduto em armação de concreto já construído no Nordeste, com 190 metros de comprimento e 44 metros de altura. O local é ponto de visitação turística pela sua beleza natural, onde alguns aventureiros utilizam seus imensos pilares na prática de esportes, como o rapel.

O geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira realiza pesquisas sobre histórias das linhas ferroviárias na Paraíba. Ele é fundador do blog ‘História Ferroviária Paraibana’, onde podem ser encontradas diversas informações sobre pontes férreas.

Selo comemorativo

O historiador Josemir Camilo de Melo destaca que a imagem do Viaduto da Serra da Viração foi registrada em um selo comemorativo dos Correios e Telégrafos. Essa ligação dos polos Campina Grande e Patos foi realizada pelo Governo Federal. “A cerimônia de inauguração da extensão Campina-Patos, contou com o lançamento do selo comemorativo ao centenário ferroviário no Nordeste”, relembra Camilo.

Na época, o selo teve uma tiragem de cinco milhões de unidades, sendo impresso em rotogravura, sendo vendido ao preço de Cr\$ 2,50 (dois cruzeiros e cinquenta centavos). Ele foi emitido em 24 de abril de 1959.

O selo original, de propriedade do historiador, integra um artigo escrito por ele em Portugal intitulado ‘Selando o desenvolvimento sobre trilhos: a construção de uma rede ferroviária no Nordeste Brasileiro’ (1858-1958).



Geógrafo Jônatas Rodrigues realiza pesquisas sobre histórias das linhas férreas na Paraíba

Foto: Reprodução



Viaduto da Serra da Viração em selo postal

“Um belo patrimônio que pede socorro pela sua importância histórica no estado da Paraíba”

Jônatas Rodrigues

Botto de Meneses

Em nome da liberdade, contestou a ditadura de Getúlio Vargas



Ilustração: Tônio

Hilton Gouvêa
hiltongouveanujo@gmail.com

Ele era um homem metódico e, simultaneamente, impulsivo, que sabia utilizar esses temperamentos de acordo com a oportunidade e a causa que defendia. Dotado de ardor democrático, o jornalista e deputado paraibano Antônio Aguiar Botto de Meneses ousou desafiar o orgulho ditatorial de Getúlio Vargas e, em 1936, elaborou dois documentos que poderiam resultar na restrição da sua liberdade: um deles contestava as medidas de força assumidas pelo governo de então que mandou prender quatro deputados, acusados de subversão; o outro exigia a suspensão de um decreto presidencial já enviado ao Congresso no qual o presidente “pedia” aprovação imediata para suspender as imunidades parlamentares.

O professor e escritor Itapuan Botto, sobrinho do também advogado Antônio Aguiar Botto de Meneses, conta um fato interessante sobre seu tio ilustre. “Com a renúncia de Pedro Góndim, em 1960, quem assumiu o governo da Paraíba foi o deputado José Fernandes de Lima, presidente da Assembleia Legislativa (ALPB). A Polícia Militar entra em greve (leia-se revolta). Botto de Meneses, que era secretário do Interior e Justiça – equivalente ao secretário da Segurança de hoje –, foi até onde estavam os revoltosos e tentou apaziguar as coisas. Acabou preso (feito refém).

“Ironia do destino, não é? Depois de muitos telefonemas, um general, que na época era chefe da Guarnição Federal em João Pessoa, ligou para os líderes grevistas e mandou soltá-lo”, revela Itapuan, que também é escritor e historiador.

Antônio Botto de Meneses nasceu na cidade da Paraíba (atual João Pessoa), no dia 26 de julho de 1897, filho do desembargador Gonçalo de Aguiar Botto de Meneses e de Maria da Piedade Botto de Meneses. Morreu em João Pessoa, no dia 8 de março de 1971, aos 74 anos. Foi casado com Arcelina Botto de Meneses, com quem teve três filhos.

Foi dono, colonista e redator do jornal O Combate; redator e articulista de **A União**; além de redator de O Norte, O Povo e A Rua, jornais decanos da antiga Cidade da Paraíba do Norte, capital do estado. O Almanaque da Paraíba, de 1935, afirmava, em editorial, que “Antônio Aguiar Botto de Meneses estava sempre às voltas e presente, onde houvessem livros, história, intelectualidade e letras”.

Ele estudou no Curso Francisco Moura e no Liceu Paraibano, em sua cidade natal, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, em 1919. Foi secretário da Prefeitura de João Pessoa (PMJP), promotor público de Guarabira, professor de agrimensura do Liceu Paraibano e procurador dos Feitos da Fazenda do Estado.

Em 1925, elegeu-se deputado estadual na Paraíba, reelegendo-se em 1928. Com o lançamento de Getúlio Vargas e João Pessoa como candidatos da Aliança Liberal à Presidência da República, Botto de Meneses apoiou e trabalhou na campanha desses candidatos, que acabaram sendo derrotados no pleito de março de 1930.

Essa derrota gerou a Revolução de 1930, que acabou vitoriosa em outubro daquele ano. Iniciado o processo de reconstitucionalização do país, foi um dos fundadores do Partido Republicano Libertador (PRL) da Paraíba em 1933, que apoiava o ex-presidente Epitácio Pessoa. Posteriormente, substituiu Joaquim Pessoa na liderança do PRL e, nessa legenda, elegeu-se deputado federal por seu estado no pleito de outubro de 1934, assumindo o mandato em maio do ano seguinte.

Integrando a bancada de oposição no Congresso Nacional, participou, em 1936, da elaboração de dois documentos dirigidos ao presidente da República, Getúlio Vargas, em função de atitudes assumidas pelo governo, entre as quais a prisão de quatro deputados e um senador opositoristas e o envio ao Congresso de um projeto de decreto visando a suspensão das imunidades parlamentares.

O primeiro desses documentos pedia uma trégua política até janeiro de 1937, o respeito às imunidades parlamentares e o direito de fiscalização, pela oposição, das eleições municipais.

O documento foi recusado por Vargas, mas a oposição elaborou outro, reivindicando a adoção de medidas legislativas necessárias à manutenção da ordem pública e a defesa do regime, o respeito às imunidades parlamentares, a suspensão – e não a demissão – dos funcionários públicos indiciados como extremistas, a liberdade de propaganda eleitoral nos estados e a suspensão da campanha política para a

Impulsivo, foi fundador de jornal e de partido político



Foto: Reprodução

Na reprodução da fotografia de 9 de janeiro de 1926, publicada no livro de Itapuan Botto (que conta a história do seu tio ilustre), começando pela esquerda: Antenor Navarro, Ademair Vidal, Aloisio Magalhães, Ávila Lins, Antônio Botto de Meneses e Paulo Magalhães

solução do problema presidencial.

Botto de Meneses participou da entrega desse segundo documento, juntamente com Artur Bernardes, José Sampaio Correia, Otávio Mangabeira, Sílvio de Campos, Davi de Carvalho, Virgílio de Melo Franco e José Augusto Bezerra de Medeiros. As reivindicações foram novamente recusadas e acirram-se as divergências entre governo e oposição.

Membro da Comissão de Diplomacia e

Tratados, Botto de Meneses permaneceu na Câmara até novembro de 1937, quando o advento do Estado Novo suprimiu todos os órgãos legislativos do país. Em 1939, foi nomeado por Vargas presidente do Departamento Administrativo da Paraíba e, posteriormente, diretor-geral do Serviço Público do Estado. Em abril de 1945, quase ao fim do Estado Novo, participou da primeira reunião do diretório nacional da União Democrática Nacional (UDN), quando

foi nomeado membro da comissão de estudos jurídicos, uma das que ficaram encarregadas de elaborar o primeiro projeto de estatuto do partido.

No pleito de dezembro de 1945, alcançou a terceira suplência de deputado federal pela Paraíba na legenda da UDN, exercendo, posteriormente, as funções de procurador do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), em Niterói (RJ), e membro do Conselho Penitenciário da Paraíba. Em 1960 tornou-se secretário da Educação da Paraíba, no governo de José Fernandes de Lima (1960-1961).

Foi também presidente do Instituto dos Advogados da Paraíba e da Associação dos Procuradores Autárquicos do estado; consultor jurídico do Sindicato dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem de Rio Tinto (PB), além de membro da Academia Paraibana de Letras (APL), do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), dos institutos históricos de Sergipe e do Pará, da Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, e da Sociedade Amigos de Alberto Torres,

também na capital fluminense. Publicou: ‘Minha terra – memórias e confissões’ (1944); ‘Meu pai – notícia histórica sobre o desembargador Gonçalo Aguiar Botto de Meneses’ (1949); ‘O canto do cisne’ (1957); além de ‘O ideal socialista’, ‘Razões de defesa do capitão José Maurício’, ‘Da anulação do contrato hipotecário da usina de São Gonçalo’, ‘Da indagação da paternidade’ e ‘A Paraíba e o momento brasileiro’.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Ensinaamentos da Monja Coen para jornalistas (ou não)

A Monja Coen também é jornalista. E atuou em redações. Na época, ela ainda era chamada de Cláudia Dias Baptista de Sousa. Atuou no Jornal da Tarde durante a ditadura militar e viu colegas serem presos. Ainda como jornalista, teve uma matéria totalmente reescrita (ou “destruída”, como ela narra), ficou muito magoada e pediu licença do trabalho. Foi para Londres e depois buscou novos caminhos. Descobri essas informações em um vídeo no YouTube em que a monja é entrevistada pelo Marcelo Tas no programa #Provoca, da TV Cultura.

Com dois bisnetos, a líder zen budista se questiona: como eu posso deixar o mundo melhor para eles? E a resposta da monja também serve de inspiração para o nosso trabalho como jornalista: “O que eu posso fazer enquanto viva, nos textos que escrevo, nas palestras que dou, para que o maior número de pessoas acorde, desperte e passe a cuidar? Cuidar do planeta, cuidar de si mesmo, cuidar das suas emoções (...).” O que eu procuro fazer, diz a Monja Coen, “é deixar para eles um legado de um mundo que possa ser mais harmonioso. Com pessoas mais gentis”.

Em um dado momento, Marcelo Tas indaga: o que o jornalismo te ensinou sobre o Brasil e o que o zen budismo te ensinou sobre o jornalismo? “Ambos me ensinaram que não há nada fixo e nada permanente. Uma das coisas bem interessantes de ser repórter, repórter

da local, é que às vezes você ficava dias escrevendo uma matéria maior e no dia seguinte você lia, lambia a cria. Que bom, saiu! E você vai a um açougue e ela está embrulhada a carne”, conta.

Então, prossegue a monja sobre o tema, “tudo aquilo que você trabalha, que você faz, no dia seguinte é jogado fora e não interessa a mais ninguém (ou para algumas pessoas sim)”. Segundo Coen, os budistas tibetanos fazem mandalas, levam várias semanas ou até meses nesse trabalho, envolvidos com gotículas de pedacinhos de areia colorida. “Fazem um desenho maravilhoso e, quando está pronto, desmancham tudo”, explica, levando-nos a refletir sobre a impermanência das coisas, a efemeridade da vida.

Para a Monja Coen, tanto o trabalho dos budistas tibetanos, com as mandalas, quanto o jornalismo também lhe ensinaram sobre o Brasil. “Não há nada fixo, nem nada permanente. Os poderes se alternam. Tudo passa. Até Neymar sabe disso”, comenta a monja brincando, ao se referir à tatuagem do atleta.

Jornalista que viveu a ditadura no Brasil, a Monja Coen tem certeza de que o país enfrenta uma escalada de autoritarismo. “Sem dúvida alguma (...), mas isso também passa. Como essa pandemia – ela vai passar. Mas enquanto nós estamos vivenciando-a, ela tem dor, tem sofrimento, tem dificuldades”.

A entrevista da Monja Coen ao



Monja, que no passado atuava como jornalista, foi entrevistada por Tas, no programa da TV Cultura

Marcelo Tas é de 2021. Mas é tão atual, tão necessária, que já foi vista por mim várias vezes. A cada vez que miro a tela e me concentro na voz e nas expressões da monja, percebo algo diferente a que ainda não havia dado a atenção necessária.

Questões que podem gerar impacto na minha vida pessoal e na minha vida de jornalista.

Dentre elas, o principal ensinamento, talvez, seja o de aprender a respirar. Aprender a desfrutar da respiração. Com esse exercício, insiste a monja, podemos aprender também a observar nossos gestos, pensamentos e atitudes. “Respirar, sentir prazeroso na respiração. Saborear

a sua inspiração e expiração começa a transformar você”, ensina.

E ao falar sobre o poder dos influenciadores, provoca: “Vamos influenciar positivamente. Não é só de maquiagem, não é só de dizer ‘estou com tanquinho’. Isso também é bom, ser saudável, tudo bem. Mas será que o meu cérebro está saudável? Será que minha mente está saudável? Será que meus relacionamentos estão em harmonia? Eu crio harmonia aonde vou, ou crio briga, conflito, desgastro? Nós podemos mudar a realidade. Cada um de nós”. O recado da Monja Coen foi dado, então que tal começarmos a praticar hoje? Por um jornalismo e um mundo melhor.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte XIV – As bandas e os conjuntos – III

The Snakes – O imitacionismo dominava as emergentes bandas de rock. Tanto é assim que, tempos depois, ou seja, em 1978, ainda surgiu uma banda britânico-norueguesa com nome semelhante, o Whitesnakes, esta uma banda de hard rock britânica. O Uruguai também teve a sua The Snakes, banda de rock latino, de relativo sucesso. Uma de nossas The Snakes foi formada em Florianópolis, em 1962, por Alfredo Henrique Ferreira de Sá e o amigo Waldir Pessoa, que obteve relativo sucesso, sob a influência do rock britânico – leia-se Beatles – por um certo tempo, na capital catarinense.

Mas esta não deve ser confundida com um quarteto, que adveio do The Sputinks, formado, em 1958, por Erasmo Carlos, Arlênio, China e Edson Trindade, e do qual também participaram Tim Maia e até Roberto Carlos. Tim Maia desentendeu-se logo com Roberto Carlos, deixando o grupo logo no início. Já este permaneceu durante apenas algumas semanas, sendo “retirado” por Carlos Imperial que dizia ter outros planos para o futuro artístico dele.

O Snakes de que estamos falando iniciou a carreira artística, em 1960, no Rio de Janeiro, apresentando-se em clubes e casas de espetáculos cariocas, quando foi “descoberto” e chegou a gravar um 78 rpm (‘Mustafá’ e ‘Para sempre’ (Forever) pela gravadora dos Rozenblit, a Mocambo, de Recife-PE). Com o grupo, foi gravado, já pela Columbia, um álbum, este, porém, dedicado ao ritmo daquele momento – o twist – que deu nome ao seu primeiro LP (‘So Twist’, Columbia, 1961), em que, acompanhados pela orquestra de estúdio comandada pelo maestro Astor, fazem uma “salada” de sucessos, todos “vestidos” do citado ritmo, como ‘Dançando o twist’ (Ray Conniff), ‘Jambalaya’ (On the Bayou (Hank Williams), ‘Patricia’ (Perez Prado)

e até ‘Sonho de Amor’ – Liebestraum – (de Franz Liszt).

Em outubro do mesmo ano, entram com dois sucessos no LP que era a vitrine da gravadora Columbia, série ‘14 Mais, vol. VI’, com ‘Blue Moon’ e ‘Runaway’, que haviam sido gravados com The Marcells e Del Shannon, respectivamente, no início daquele ano. Por essa época, também participam, na mesma Columbia, da gravação do primeiro LP de Roberto Carlos, ‘Louco por você’.

The Sunshines – A ideia de criar a banda paulista nasceu, nos anos de 1960, de dois irmãos, João Augusto Soares Brandão Neto, o Gutty, e Geraldo Brandão, filhos do comediante Brandão Filho. Eles conheciam e cantavam o repertório dos Everly Brothers. Aos dois juntou-se Walter D’Ávila Filho, filho do também comediante Walter D’Ávila, que assumiu o papel de guitarrista solo. Em 1964, eles começam fazendo uma “ponta” na TV Excelsior, e a banda ampliou-se com a entrada de um primo de Walter, o Rakemi, no baixo, e Dândalo, na bateria.

Em 1966, o baterista foi substituído por Sérgio, permanecendo, então, o grupo até o final. Estreiam no disco em 1966 com um LP contendo versões de clássicos dos Beatles que, no entanto, não alcançou o sucesso esperado pela gravadora. É quando aparece, como produtor, Leno (Gilenó) e, sob sua tutela, a banda alcança as paradas com a versão para o ‘Último Trem’ (‘Last Train to Clarksville’), que vinha com boa performance internacional, com The Monkees, e com ‘Palavras de Rapaz’, de Luiz Ayrão. A banda se desfez em 1968.

The Youngsters – Banda formada no Rio de Janeiro pelos irmãos Sérgio Becker, sax/tenor, e Carlos Becker, voz e guitarra/base; Carlos Roberto Santos, guitarra/solo, líder do

grupo; Jonas Caetano, baixo, e Romir Pereira, bateria (substituído depois por Ivan Conti, o Mamão), contando ainda com Luiz Carlos, guitarra/solo, e Milton, nos teclados, todos habitantes da praia de Copacabana. O nome inicial do grupo era The Angels, que foi criado, em 1964, quando foram contratados pela CBS e gravaram um compacto duplo, que alcançou algum sucesso (‘La Bamba’, ‘If I Had A Hammer’, ‘America’, ‘I Want To Hold Your Hand’).

Foram adeptos fervorosos dos ritmos emergentes, nos anos de 1960, o hully gully e o surf music (dos Beach Boys). É dessa fase a gravação do sucesso ‘Michael’, que recebeu o título de ‘O Bom Miguel’. Como músicos de estúdio, fizeram acompanhamento para Wanderléa na gravação do enorme sucesso de ‘Ternura’ (‘Somehow it got to be tomorrow’), numa versão de Rossini Pinto; e para Roberto Carlos, com quem gravaram os LPs ‘É proibido fumar’ e ‘Canta para a juventude’, com destaque para as gravações de ‘Calhambeque’, ‘Parei... olhei...’ e ‘Quero que vá tudo para o inferno’. Ainda serviram de “músicos de estúdio” para Gildenó Boys e Ronnie Von. Gravaram ‘Gente Demais’, versão de Anthony para ‘Ticket to Ride’, e, com versão de Gileno (Leno), ‘Vem’ (‘Help’).

The Brazilian Beatles – A banda foi formada em 1965, por iniciativa do estudante carioca Luiz Toth que, após assistir ao filme ‘Help’, convocou amigos para criar o grupo, de que ele seria o baterista e o líder. Os outros eram Fábio Block, baixo, depois guitarras; Vitor Trucco, guitarrista, depois baixo; Jorge Eduardo, guitarra/base e vocalista, os dois últimos já oriundos da banda The Dangers da qual constituíram o núcleo de liderança; e Eliseu (Ely) da Silva Barra, vocal e teclados. No repertório, priorizavam, obviamente,

Beatles, mas também os Stones, The Troggs, The Who, Chuck Berry e Little Richard. Sua primeira gravação foi um 78 rpm, com ‘Help’ e ‘Thank You Girl’. Em 1966, participaram do filme ‘Rio, Verão e Amor’ e fizeram sucesso na TV Excelsior/Rio, com o programa ‘BBC – Brazilian Bites Club’. O disco deles ‘E onda’ (1967) fez incorporar a gira entre a juventude. Foi notório o sucesso alcançado pela banda, com a gravação da versão de Rossini Pinto para ‘Satisfaction’ (Rolling Stones) que recebeu o nome de ‘Não tem jeito’.

The Beatniks – Como é sabido, houve, mundo afora, várias bandas de rock que assumiram o nome artístico de The Beatniks. No Brasil, ela foi formada em 1965, em São Paulo, e iniciou-se com Bogó (Carlos Bogossian), guitarra/base e vocal; Nino (Domingos Tucci), que vinha do The Rebels, bateria, tendo sido substituído por Norival (Ricardo d’Angelo), Márcio (de Barros) Morgado, guitarra/solo e vocal; Renato, depois substituído por Nenê (Lívio Benvenuti Jr.), guitarra/baixo; e Régis, teclados. Evidentemente, eram adeptos do som dos Beatles e dos Rolling Stones, consequentemente do rock-pop inglês.

Bogó já vinha de experiência no The Shades, e Nenê, como dito acima, vinha do The Rebels e havia passado também pelos Incríveis. Há um depoimento, em periódicos da época, em que Roberto Carlos declarou: “The Beatniks é o mais perfeito som de Liverpool sound do Brasil”. Com esse aval, a banda sempre acompanhava o pessoal da Jovem Guarda, fosse em apresentações ou em gravações. Um dos seus grandes hits foi ‘Tired of Waiting for You’, dos Kinks, agora alguma coisa de Beatles e Rolling Stones. A banda separou-se em 1970, mas sempre comparecia a eventos comemorativos da Jovem Guarda.

Continuação



Foto: Jônatas R.Pereira



Foto: Jônatas R.Pereira

À esquerda, Ponte do Rio Gravatá, em Soledade, com 40 metros de comprimento, erguida em 1953; e, à direita, a Ponte do Rio Ingá, também conhecida como Ponte Preta

■ Inúmeras histórias estão relacionadas a essas estruturas de ferro, como conflitos existentes entre senhores de terra de algumas regiões do estado da Paraíba

Linhas para a expansão da economia

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Estruturas imprescindíveis para o desenvolvimento das cidades em séculos passados, as estradas de ferro são, atualmente, verdadeiros testemunhos históricos. Segundo a historiadora Maria Eduarda de Medeiros Brandão, a primeira via férrea da Paraíba foi a Estrada de Ferro Conde D'Eu, concedida pelo governo imperial em 1871, com a principal finalidade de conectar a capital paraibana pelo Vale do Rio Parahyba do Norte aos principais centros produtores de açúcar e algodão.

O nome da estrada foi dado em homenagem ao marido da Princesa Isabel, Luís Filipe Maria Fernando Gastão d'Orléans, o Conde d'Eu, neto do rei Luís Filipe I, da França. Construída entre 1880 e 1884, foi operada pela Companhia Conde D'Eu até 1901, até ser arrendada à Great Western of Brasil Railway Company Limited, que tornou-se responsável por gerenciar as linhas ferroviárias de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Entre os motivos para a sua implantação estava o desenvolvimento econômico. "Interessava aos poderes políticos e econômicos dinamizar o transporte dos açúcares e do algodão, ambas mercadorias de exportação", conta Eduarda.

De acordo com ela, em princípio, os planos voltavam-se a reforçar a área do Porto do Varadouro, de maneira a transformá-lo numa capital econômica para a província, considerando que, até então, seu papel seria relativamente simbólico e administrativo frente ao Porto de Recife, protagonista nessas relações desde o século XVI.

Considerando que a economia brasileira no século XIX ainda estava voltada ao latifúndio e à monocultura apoiada na mão de obra escravista com finalidades exportadoras. Porém, as transações comerciais dessa época já se diferenciavam das estabelecidas no século XVI, pois não eram direcionadas unicamente a Portugal, mas havia o interesse de diversificá-las, abrindo parceiros com a Inglaterra.

Nesse contexto, as ferrovias adentraram à economia brasileira, modernizando o transporte de mercadorias e reforçando a eficácia das exportações. "Consequentemente, a instalação de linhas de ferro nas províncias do Norte, compostas por Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, voltava-se à dinamização da economia

exportadora nesses espaços", salienta Maria Eduarda.

A historiadora afirma que a chegada da estrada de ferro em muitas cidades do estado, como Soledade e municípios do Sertão paraibano, levava prosperidade e esperança de dias melhores, uma vez que os trens carregavam, entre outras mercadorias, água. "Quando os vagões chegavam, era como se fosse o líquido da salvação". A linha férrea ainda impulsionava a atividade dos engenhos, transportando produtos, como a cana-de-açúcar.

Conflitos

Inúmeras histórias estão relacionadas a essas estruturas de ferro, como conflitos existentes entre os senhores de terra da região. Um deles envolve a Ponte Sanhauá. Maria Eduarda conta que essa ponte servia como ponto de circulação mercantil, mas, para que os trilhos passassem pela desembocadura da ponte, o trânsito de mercadorias agrícolas e comerciais passaria por ajustes que impactariam, entre outros pontos, os interesses dos comerciantes que atuavam na região. Esses acontecimentos causavam polêmicas em torno da classe instalada no local. Mas, apesar das desavenças, o avanço das construções não era interrompido.

Em 1901, a operação da Estrada de Ferro Cond D'Eu saí das mãos da companhia inglesa Conde d'Eu Company Limited, responsável pela construção e operação nos primeiros anos, e passa para a Great Western of Brasil Railway Company Limited, encerrando uma passagem das estradas de ferro no estado, e iniciando outro capítulo dessa história.

“

A instalação de linhas de ferro nas províncias do Norte, compostas por Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, voltava-se à dinamização da economia exportadora”

Maria Eduarda



Foto: Jônatas R.Pereira

Localizada no bairro do Catolé, a Casa do Poeta foi inaugurada pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima

Outras pontes férreas paraibanas

Na trajetória da história das estradas de ferro da Paraíba, o pesquisador e geógrafo Jônatas Rodrigues Pereira resalta outras pontes férreas do estado. Na lista das mais de 100 delas, ele relembra que grande parte está sob a ação do tempo e do homem, registrando atos de vandalismo, como pichações.

Ponte Rio Bodocongó, em Puxinanã: a estrutura férrea é caracterizada como pontilhão, pois só apresenta dez metros de comprimento e 3,2 metros de altura. Foi erguida em blocos de pedra e concreto armado, e se localiza nas proximidades do Sítio Lagoa do Tetéu. Assim como praticamente todas as obras de engenharia ferroviária do prolongamento feito pela Empresa Construtora Camillo Collier Ltda, em 1950, ela apresenta algumas pequenas avarias em sua estrutura. "O que não é nada de anormal, já que o ramal do interior paraibano está completamente abandonado desde o início da década de 2010", declara o pesquisador. Segundo ele, no contexto geral, o estado de conservação da ponte pode ser considerado satisfatório.

Ponte Rio Lava-Pés, em Soledade: localiza-se a uma distância de 310 metros da estação de Soledade, sentido de Soledade a Engenho Benévolo, já no perímetro urbano da cidade. Foi construída no início da década de 1950, pela Empresa Construtora Camillo Collier Ltda., responsável pelas construções das obras de engenharia ferroviária do prolongamento que vai de Campina Grande a Patos. Os materiais usados para erguê-la foram pedra, ferro e concreto armado. "Todas as pontes do referido prolongamento foram construídas com esses materiais, não sendo mais implantadas pontes com superestruturas metálicas", afirma Jônatas. Ao todo, a ponte tem 24 metros de comprimento e cerca de oito metros de altura. "Lamentavelmente, foi vanda-



Foto: Divulgação

Maria Eduarda de Medeiros Brandão é historiadora e pesquisa o impacto das linhas ferroviárias na economia paraibana

lizada com pichações na coluna central. Trata-se de um símbolo de resistência, dos bons tempos de quando o trem trafegava pelo trecho".

Ponte do Rio Gravatá, em Soledade: fica a 3,8 quilômetros de distância da antiga estação de Soledade, no sentido Soledade e Engenho Benévolo, sendo erguida em 1953. Tem 40 metros de comprimento, três vãos centrais divididos em dois grandes pilares de concreto e alvenaria, caracterizando-se como sendo uma "ponte gangorra", devido ao formato nas extremidades dos encontros com as ombreiras e o pilar. "Essa é mais uma bela obra atestada pela Empresa Construtora Camillo Collier Ltda., aberta ao tráfego pela primeira vez no dia 21 de janeiro de 1956, quando o trecho entre Campina Grande e Soledade foi inaugurado". Somente em 1957 o trecho foi aberto ao transporte de passageiros". Em 2019, quase dois quilômetros de trilhos foram furtados. "Total absurdo e lamentável o quadro que se encontra a ferrovia na maior parte do país".

Ponte do Rio Ingá (Ponte Preta), em Ingá: a Ponte do Rio Ingá, ou Riacho Bacamarte, tem 20 metros de comprimento por 3,5 metros de altura. Foi construída entre 1905 e 1907 pela Great Western of Brazil Railway (GWBR). A inauguração oficial ocorreu em 2 de outubro de 1907. Segundo o pesquisador Jônatas Rodrigues, também é conhecida como Ponte Preta. Trata-se de uma das três

pontes de estrutura metálica construídas para o Ramal Itabaiana-Campina Grande. As demais, ficam no próprio município de Ingá e no município de Itabaiana. O material metálico que a constitui foi trazido pela Frodingham Iron & Steel de Leeds, Inglaterra, mas infelizmente as águas do rio levaram parte da estrutura da ponte em 2013. "Esse foi o último ano que circulou algum trem pelo ramal".

Ponte do Riacho do Padre, em Pírpirtuba: tem aproximadamente 22 metros de comprimento, 5,15 metros de altura (cabeceira Sul, sentido Itamataí-Pírpirtuba), 4,3 metros de altura (suporte da estrutura metálica e pilar central), por cinco metros e meio de largura (cabeceira Sul). Foi construída em 1910 pelo governo federal e está situada a 1,82 quilômetros de distância da antiga estação de Pírpirtuba, no Brejo paraibano. Todo o material da estrutura metálica foi totalmente retirado quando ocorreu a desativação do ramal de Bananeiras, em 1967, por parte do governo militar, restando apenas as ombreiras e o pilar central.

Ponte Rio Bananeiras, entre Pírpirtuba e Araçagi: a Ponte Rio Bananeiras está localizada no Sítio Passassunga, nos limites dos municípios de Pírpirtuba e Araçagi, no Brejo paraibano. Foi parte integrante do então prolongamento ferroviário entre as cidades de Nova Cruz, no Rio Grande do Norte, e a então Independência, antigo nome de Guarabira.